EDIÇÕES CPAD

5
Nova Coleção Teológica
(Esteadeb)

A VIDA DE CRISTO

Severino Pedro da Silva



A VIDA DE CRISTO

Digitalização JuniorEvan

Severino Pedro da Silva

A VIDA DE CRISTO

EDIÇÕES
CPAD

Todos os Direitos Reservados. Copyright © 1990 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus.

232 Silva, Severino Pedro da, 1946 -
SILv A Vida de Cristo. Rio de Janeiro, CPAD, 1989.

1v. (Nova Coleção ESTEADEB, 5)

1. Cristologia. 2. Jesus Cristo. I. Título.

Capa: Cecconi

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331
20001, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

1ª Edição - 1990

Índice

Prefácio 7
Apresentação 9
Introdução 10
1. Quem é Nosso Senhor Jesus Cristo 11
2. Cristo Era Divino e Humano 21
3. O Relacionamento das duas Naturezas 29
4. Os Aspectos Naturais de sua Vida 36
5. Os Magos Visitam a Cristo 40
6. As Profecias na Vida de Cristo 49
7. A Filiação de Cristo 58
8. A Aparência Pessoal de Cristo 69
9. Os Ofícios de Cristo 74
10. A Rota Geográfica do Ministério de Cristo 83
11. O Julgamento de Cristo 96
12. A Crucificação de Cristo 107
13. A Morte de Cristo 113
14. A Ressurreição de Cristo 122
15. Cristo Passou três Dias e três Noites no Seio da Terra 132
16. As Aparições do Senhor 143
Bibliografia 148

ÍNDICE DAS ABREVIATURAS USADAS NESTE LIVRO

VELHO TESTAMENTO

Gn - Gênesis
Êx - Êxodo
Lv - Levítico
Nm - Números
Dt - Deuteronômio
Js - Josué
Jz - Juízes
Rt - Rute
1 Sm - 1 Samuel
2 Sm - 2 Samuel
1 Rs - 1 Reis
2 Rs - 2 Reis
1 Cr - 1 Crônicas
2 Cr - 2 Crônicas
Ed - Esdras
Ne - Neemias
Et - Ester
Jó - Jó
Sl - Salmos
Pv - Provérbios
Ec - Eclesiastes
Ct - Cantares
Is - Isaías
Jr - Jeremias
Lm - Lamentações de Jeremias
Ez - Ezequiel
Dn - Daniel
Os - Oséias
Jl - Joel
Am - Amós
Ob - Obadias
Jn - Jonas
Mq - Miquéias
Na - Naum
Hc - Habacuque
Sf - Sofonias
Ag - Ageu
Zc - Zacarias
Ml - Malaquias

NOVO TESTAMENTO

Mt - Mateus
Mc - Marcos
Lc - Lucas
Jo - João
At - Atos
Rm - Romanos
1 Co - 1 Coríntios
2 Co - 2 Coríntios
Gl - Gálatas
Ef - Efésios
Fp - Filipenses
Cl - Colossenses
1 Ts - 1 Tessalonicenses
2 Ts - 2 Tessalonicenses
1 Tm - 1 Timóteo
2 Tm - 2 Timóteo
Tt - Tito
Fm - Filemon
Hb - Hebreus
Tg - Tiago
1 Pe - 1 Pedro
2 Pe - 2 Pedro
1 Jo - 1 João
2 Jo - 2 João
3 Jo - 3 João
Jd - Judas
Ap - Apocalipse

Prefácio

Aceitei de bom grado o convite de ilustre escritor, pr. Severino Pedro da Silva, para prefaciar seu livro A Vida de Cristo. *Concordei, não apenas pela nossa amizade que perdura por muitos anos, mas, especialmente, pela vultosidade da obra. Com determinação, o autor penetra na vida terrena de Cristo e desvenda para nós, leitores, fatos que foram omitidos por abalizados comentaristas no decorrer da história do Cristianismo.*

É confortante degustar as palavras contidas em cada capítulo, em que se sente o vívido sabor de espiritualidade e inspiração divina em todo o texto. Os assuntos foram bem pesquisados e são os mais apropriados para compor um tratado de Cristologia. Numa linguagem de fácil assimilação, nos é mostrado o dia-a-dia da vida de Cristo, desde a sua preexistênciua até a sua ascensão ao Céu, em que focaliza a perfeita integração de suas duas naturezas que o faziam, ao mesmo tempo, Deus e Homem. Chamou-me muito a atenção o capítulo seis, em que o autor teve o cuidado de selecionar diversas profecias do Antigo Testamento que tiveram seu cumprimento literal em todos os pormenores da vida de Cristo, acontecimentos estes que nos chegam a assustar, por tanta exatidão. Acredito que até os próprios judeus, se lerem este livro, tremerão na base, e reconhecderão que Jesus é o verdadeiro Messias.

Introdução

Leitor:

O propósito deste livro é fazer você conhecer melhor quem é nosso Senhor Jesus Cristo.

Daí se depreende que esta obra é um tratado de CRISTOLOGIA, ramo da teologia que estuda a Pessoa de Cristo, sua natureza humana e divina, seu trabalho, ofício e ensinamento; bem assim, os tipos e profecias sobre Cristo no Antigo Testamento e o cumprimento delas em o Novo.

Deus inspirou "Homens Santos" para que escrevessem a Vida de Cristo. E, o que dele ficou escrito, foi escrito "...para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e que, crendo, tenhais vida em seu nome".

Espero que este livro conduza-o não somente a aprender de Cristo, mas, acima de tudo, a "...aprender a Cristo!"

São Paulo, Capital, 1989

O autor

1
Quem é Nosso Senhor Jesus Cristo

1. Jesus

O vocábulo *Jesus* designa, fundamentalmente, o nome íntimo e pessoal do Filho de Deus "que...veio ao mundo para salvar os pecadores". Esse nome é o que mais freqüentemente se lê nos evangelhos e é empregado no Novo Testamento de uma maneira que tem sentido especial.

Como nome completo, *Jesus Cristo*, realmente se compõe de nome próprio, *Jesus*, e um título, *Cristo*, que se ligam de uma forma nova e sem igual. É, portanto, a fórmula que expressa a fé da parte dos cristãos em todos os tempos em Jesus de Nazaré, como Mestre e Senhor, Rei, Salvador e Redentor Universal que Deus prometeu ao seu povo, Israel.

Esta fórmula galgou uma significância central permanente para todas as gerações subseqüentes de cristãos, como declaração apropriada do objeto da sua fé.(1)

Como fórmula técnica "Iesous" é a forma grega do antigo nome judaico "Yesua", forma esta que se obtém mediante a transcrição do hebraico, acrescentando-se um "S" para facilitar a declinação.

Por sua vez, "Yesua", vem da raiz hebraica "Jehoschua", que significa *ajudar, salvar*, etc.

Na sua forma mais primitiva, trazia o apelativo de *Josué* no Antigo Testamento (cf. Êx 17.9; At 7.45; Hb 4.8). Após o exílio,

Ele é chamado de "Jesua" (ARA), daí vem o nome *Jesus* (Ne 8.17) e suas formas de expressão.

Em português, por exemplo, o nome *Jesus* expressa uma significação especial, tendo cada letra uma dimensão infinita:

- O "J" • Justiça Nossa (Jr 23.6).
- O "E" • Emanuel (Deus Conosco) (Is 7.14; Mt 1.23).
- O "S" • Salvador do Mundo (Lc 2.11; At 4.12).
- O "U" • Unigênito do Pai (Jo 3.18; etc.).
- O "S" • Sumo Sacerdote (Sl 110.4; Hb 5.10).

Para os judeus, o nome expressava a natureza profunda do ser que o carrega. Por isso a criação só está completa no momento em que aquilo que veio à existência recebe o nome (Gn 2.19). Portanto, o nome é dado para fazer conhecer aquilo que por expressa ordem de Deus veio à existência real (1 Sm 24.22; 2 Rs 14.27; Jó 18.17; Sl 83.5; Is 14.22; Sf 1.4). Do ponto de vista divino de observação, o nome de Deus é o nome por excelência! (Zc 14.9), ao ponto de, por temor religioso, Deus pode ser chamado simplesmente "o nome". Assim, também, o nome *Jesus* é o nome por excelência! (Fp 2.9,10), que, veio à existência para expressar a natureza profunda do Filho de Deus como Salvador da humanidade (Mt 1.21).

2. A Importância da Pessoa de Cristo

A História da raça, desde sua concepção, tem sido a história da preparação para a vinda de Cristo. Por essa razão, Ele tornou-se e é a figura central da história do mundo. O mundo não pode esquecer-se dele enquanto se lembrar da História, pois a História é História de Cristo. Omiti-lo da História, seria omitir da astronomia as estrelas ou da botânica as flores.

O estudo da Pessoa de Cristo se reveste de grande importância por causa da relação vital que Ele mantém com o Cristianismo; uma relação que nenhum dos outros fundadores de religiões tem para com suas respectivas religiões.

"Pode-se ter o confucionismo sem Kung Futsé (Confúcio); o budismo sem o príncipe Sidarta Gautama (Buda); o maometismo sem Maomé; o mormonismo sem Joseph Smiph; a chamada Ciência Cristã sem Mary Baker Eddy; o Raiar do Milênio sem Charles Taza Russell, mas é impossível haver Cristianismo sem Cristo; pois, estritamente falando, o Cristianismo é Cristo e Cristo é o Cristianismo."

Quando observamos a Pessoa de Cristo nas dimensões da eternidade vemo-lo como sendo a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade; e, sendo eterno, tanto quanto as Pessoas do Pai e do Espírito Santo, vemo-lo possuindo igual poder e glória.

Em sua humilhação encarnatória, entretanto, Ele não se julgou ser igual ao Pai; porém, para nós, isso não implica prejuízo na sua divindade, pois, sua subordinação ao Pai é apenas uma ordem de personalidade, ofício e operação que permite ao Pai ser oficialmente o primeiro; o Filho, o segundo, e o Espírito Santo, o terceiro, mas tudo em perfeita coerência com igualdade entre os três.(2)

3. A Preexistência de Cristo

"E ele [Jesus] é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele" (Cl 1.17).

Aqui o escritor sagrado enfatiza o que Cristo é quanto ao tempo e à importância: "...Ele é antes de todas as coisas". Isto explica a sua absoluta preexistência e proeminência. Diz o grego aqui: "...Ele mesmo é..." Mas Cristo é "antes" de tudo, no tocante à importância, autoridade, eternidade, etc. No trecho de 1 Pedro 4.8, as palavras gregas "pro-panton" também são adverbiais, podendo ser traduzidos como "...acima de tudo". Notemos a repetição das palavras "todas as coisas", referindo-se a "tudo" quanto Cristo criou. Trata-se de um termo todo inclusivo. A preeminência de Cristo não envolve meramente posição, porquanto Ele é o Criador, em contraste com os seres criados; isso exige que, na eternidade passada e sem data, Cristo já "existia" ou "era".

Não podemos pensar em nosso Senhor, como sendo apenas um Cristo histórico, nascido no ano zero da Era Cristã; e, sim, num Cristo eterno: antes de tudo e de todos (Jo 1.1 e ss). Várias versões latinas (Vg Bede, etc.) inserem o que é equivalente a qualquer paralelo com vistas à eternidade (ou passado de Cristo) especialmente quando traduzem a passagem de 1 Pedro 1.20, que diz:

"...ipse ergo qui et preocognitus est ante constitutionem mundi et novissimo tempore natus est ipse accepti gloriam quam deus verbum semper possedit sine initio manens in patre."

Isso significa: "Ele mesmo, pois, que também foi conhecido antes da fundação do mundo, e que nasceu nos últimos tempos e

sofreu, recebeu a glória que Deus, a Palavra, sempre possuiu, habitando no seio do Pai, sem início."(3)

Portanto, Cristo não se limita ao tempo; Ele é "...Pai da eternidade..." (Is 9.6).

4. O nascimento virginal de Cristo

Mateus 1.18-25 e Lucas 1.30-35 afirmam que Jesus Cristo foi concebido no ventre da virgem Maria de maneira sobrenatural, sem a intervenção de um pai humano, e que nasceu, portanto, de uma virgem.

Chamamos este acontecimento de nascimento virginal ou, precisamente, concepção virginal de Jesus. Seu nascimento maternal, entretanto, deu-se de forma normal, de acordo com as reconhecidas regras do procedimento natural (Gl 4.4). Depois do nascimento de Jesus, descobriu-se um sentido mais profundo na profecia de Isaías 7.14, segundo a qual uma "virgem" conceberia e daria à luz um filho chamado "Emanuel" (Deus conosco). Segundo Marcos 6.3, o povo de Nazaré chamava Jesus de filho de Maria. Outras passagens do Novo Testamento também apontam para a concepção virginal de Jesus. Paulo diz que quando chegou a plenitude dos tempos "...Deus enviou seu Filho, nascido de mulher..." (Gl 4.4). O mesmo pensamento é também esboçado na passagem de 1 Coríntios 15.45-47, onde se fala de Jesus como o "último Adão".

Todos os escritores renomados aceitam duas realidades: a primeira diz que Maria concebeu Jesus sendo uma virgem pura. Ela mesma disse: "...Como se fará isto, visto que não conheço varão? (Lc 1.34). Então segue-se imediatamente a resposta do anjo Gabriel: "Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; pelo que também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus". Aqui, está, portanto, todo o segredo desta concepção virginal.

A segunda realidade diz respeito ao nascimento natural de Jesus, do ponto de vista médico e legal. Somente negam esta realidade os defensores da "Virgindade Perpétua de Maria". Esta corrente nega também que Maria tenha tido outros filhos, além de Jesus, conforme declaração feita pelo Dicionário Prático de Cultura Católica, Bíblica e Geral, que diz o seguinte: "É artigo de fé que Maria viveu em virgindade perpétua tanto moral como física, antes, durante e depois do nascimento de Cristo". A Bíblia, afirma

que Jesus foi de fato concebido no ventre de uma virgem, entretanto, nega que ela tenha permanecido assim, com sua virgindade perpétua. Em dezenove lugares das Escrituras, encontramos referências aos irmãos uterinos do Senhor Jesus (Sl 69.8; Mt 12.46,47; 13.55,56; Mc 3.21,31,32; 6.3; Lc 2.7 (por inferência); 8.19,20; Jo 2.12; 7.3,5; At 1.14; 12.17; 15.13; 1 Co 9.5; 15.7; Gl 1.19; Tg 1.1; Jd v.1).

Evidentemente, fica declarado que Maria, mãe de Jesus, teve outros filhos além dele.

5. A data do nascimento de Cristo

Desde o início do Cristianismo, a cristandade em geral comemora o Natal de nosso Senhor de 24 a 25 de dezembro. Esta data, entretanto, não é bem aceita pela maioria dos judeus; e, até por historiadores e teólogos. Eles insistem em que a data verdadeira do nascimento de Cristo, conforme as informações bíblicas e tradições dos pais da igreja que chegaram até nós, aponta com mais veemência para o dia 14 do mês de Nisã (Abril) do ano zero.

O dia 25 de dezembro, como dia de Natal, é mencionado pela primeira vez, historicamente, no ano 354 d.C. Na velha Roma, o dia 25 de dezembro era o "dies natalis invicti" (O dia do nascimento do invicto).

Além dos historiadores e dos astrônomos, também coube aos meteorologistas darem uma opinião importante para uma outra data para o nascimento de Jesus. Estes sábios tomaram como ponto de partida e observação a passagem de Lucas 2.8, que diz: "Ora havia naquela mesma comarca pastores que estavam no campo, e guardavam durante as vigílias da noite os seus rebanhos". Os meteorologistas efetuaram medidas exatas das temperaturas em Hebrom. Essa localidade, situada ao sul das montanhas de Judá, tem o mesmo clima que a próxima cidade de Belém. A curva da temperatura indica três meses de geada: Em dezembro, 2,8 graus, em janeiro, 1,6 grau, e, em fevereiro 0,1 grau centígrafo abaixo de zero. Os dois primeiros meses têm, ao mesmo tempo, as maiores chuvas do ano: cento e quarenta e sete milímetros em dezembro e cento e noventa e sete milímetros em janeiro.

Segundo os resultados das pesquisas realizadas até hoje, o clima na Palestina não deve ter mudado consideravelmente, de modo que as precisas observações meteorológicas modernas podem servir de base.

Na época do Natal (25 de dezembro), há geada em Belém e, com a temperatura abaixo de zero, conforme foi presenciado "in loco" pelo próprio autor deste livro. Portanto, segundo este conceito, não devia haver nem "pastores" e nem "rebanhos" durante as vigílias da noite..." naquela comarca. Essa afirmação é reforçada por uma nota do Talmude, segundo a qual naquela região os rebanhos eram levados para o campo em março e recolhidos no princípio de novembro. O gado ficava quase oito meses nos campos. Em nosso tempo, conforme presenciei, os animais na Palestina ficam no curral na época do Natal, e com eles os pastores.

Segundo informações de escritores contemporâneos, no princípio do Século III d.C., em alguns círculos da Igreja Cristã se celebrava o aniversário natalício de Jesus a 6 de janeiro. Entretanto, depois entenderam que esta data se referia ao seu batismo e não ao seu nascimento. A partir do Século IV d.C., essa data foi mudada para 25 de dezembro.

As informações obtidas do evangelista Lucas é que Jesus nasceu em um período do ano em que as ovelhas ainda podiam ser conservadas ao relento, à noite, o que só poderia ter sido entre abril e novembro. Sendo que as evidências mais convincentes apontam diretamente para o mês de abril.

Segundo informações de historiadores judaicos, os cordeiros selecionados para o sacrifício da páscoa eram postos a pastar nos campos que circundavam Belém. E, assim, pela providência de Deus, foi concedido àqueles pastores estarem presentes ao nascimento do Cordeiro de Deus.

Uma outra informação também nos diz que, aqueles animais nascidos aos 14 de Nisã (Abril), à tarde, eram selecionados. Isto, segundo se diz, era feito pela fé do povo eleito na narrativa do cordeiro pascal mencionado em Êxodo 12 e em outras passagens similares. Somente um "ano depois" é que aquele animal devia ser morto. E isso à tarde! Isso queria dizer que o animal morria no dia de seu aniversário (Êx 12.6).

Com base nestas informações, tanto bíblicas como paralelas, os estudiosos são de opinião que nosso Senhor tenha nascido no dia 14 do mês de Nisã (Abril) do ano "zero" da virada do quarto milênio da história da criação.

Entretanto, mesmo havendo estas opiniões diversificadas, nossa fé não sofre nenhum abalo quanto a estas datas. Visto que,

toda nossa confiança se fundamenta na Pessoa, vida, morte e ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo. O mais são expeculações.

6. O local do nascimento de Cristo

A profecia de Miquéias, 750 anos antes, apontava Belém como sendo a cidade favorita para o nascimento do Messias. Assim ele escreveu: "E tu, Belém Efrata, posto que pequena entre milhares de Judá, de ti me sairá o que será o Senhor de Israel..." (Mq 5.2a). É interessante como as Escrituras são proféticas e se combinam entre si em cada detalhe. Belém quer dizer *casa de pão* em hebraico e *casa de carne* em árabe. De fato, Jesus nasceu em Belém e se apresentou dizendo: "Eu sou o pão da vida" (Jo 6.48), e acrescenta: "...a minha carne verdadeiramente é comida..." (Jo 6.55a). A profecia para que Jesus nascesse em Belém se cumpriu quando César Augusto ordenou que os súditos de todas as províncias do Império Romano fossem recenseados, decreto este que trouxe Maria e José de Nazaré, à sua cidade natal. "...subiu também José da Galiléia, da cidade de Nazaré, à Judéia à cidade de Davi, chamada Belém (porque era da casa e família de Davi), a fim de alistar-se com Maria, sua mulher, que estava grávida. E aconteceu que, estando eles ali, se cumpriram os dias em que ela havia de dar à luz. E deu à luz a seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem" (Lc 2.4-7). Desde esse acontecimento, que marcou a transição entre o Antigo e o Novo Testamento, Belém se fez imortal e vive no coração de milhões de cristãos. Quanto ao local exato do nascimento de Jesus, a tradição aponta para o local onde atualmente está edificada a Igreja da Natividade, que, fica no extremo leste da cidade de Belém. No ano de 135 d.C., Adriano, depois de sufocar a segunda rebelião judaica, profanou a cidade de Belém como a de Jerusalém, celebrando serviços a falsos deuses. Em Belém, rodeou o local da antiga manjedoura com um templo dedicado a Adonis, o deus da beleza e do amor. Esta profanação, ao invés de apagar o lugar, serviu para preservá-lo. O templo de Adriano perdurou dois séculos, até que foi destruído por ordens da Rainha Helena, mãe do Imperador Constantino, que se tornou cristão no início do quarto século e proclamou o cristianismo como a religião oficial do Império Romano. No ano 325, Helena visitou a Terra Santa e construiu três magníficos templos. Um sobre o

Calvário e o Túmulo de Jesus em Jerusalém; outro sobre o Monte das Oliveiras e o terceiro, sobre o local onde se julga ter nascido Jesus. Atualmente, a Igreja da Natividade como é chamada, tem o formato de uma cruz de 60 metros de comprimento e 30 metros de largura. Quatro fileiras de pedras vermelhas a dividem em cinco naves. Seu aspecto externo lembra uma fortaleza medieval. A sua fachada está cincundada, hoje, por muros como sendo o local exato do nascimento de Jesus.

7. Os atributos divinos de Cristo

Para que tenhamos maiores luzes sobre a Pessoa de Cristo, é necessário uma visualização geral tanto em sua Pessoa humana como em sua Pessoa divina. Esta visualização mostra o lado humano de Cristo e o lado divino de sua infinidade. Quando olhamos para o lado divino de Cristo, descobrimos, através da Bíblia, que não há nenhum atributo de Deus que não seja declarado estar em Cristo e, na medida plena da infinidade.

É possível que os anjos tenham vivido para observarem os séculos passarem, mas séculos multiplicados não fazem uma eternidade.

Para que uma personalidade espiritual possa incorporar em si os atributos inerentes à natureza de Deus, se faz necessário que ela seja eterna como Deus o é.

A Bíblia e os filósofos falam dos atributos naturais e morais de Deus e os distinguem, chamando-os de quantitativos e operativos. O primeiro grupo relaciona-se com a natureza de Deus, enquanto que o segundo, com seu caráter. Estes atributos são: *unicidade, verdade absoluta, infinidade, imensidade, ubiqüidade, onisciência, onipotência, onipresença, eternidade (os naturais); inteligência, sabedoria, amor, justiça, retidão, presciência, providência; vontade, misericórdia, etc. (os morais).* É interessante, portanto, que em Cristo atuam todas estas faculdades! Evidentemente, porém, não iremos aqui relacioná-las todas especificamente, mas daremos um resumo dos atributos que são mais notáveis.

a) *Eternidade*: Tanto os escritores do Antigo como os do Novo Testamento, falam da eternidade de Cristo. O profeta Isaías, por exemplo: "Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade..." (Is

do

9.6a). Miquéias acrescenta em seu livro: "...de ti [Belém] me sairá o que será Senhor em Israel, e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade" (Mq 5.2b). Em o Novo Testamento está intercalado o mesmo sentido do pensamento. Então ele diz: "Cristo é eterno". Ouça: "Disse-lhe Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que *antes que Abraão existisse* eu sou" (Jo 8.58). O escritor da epístola aos Hebreus declara a mesma coisa por amor de seu argumento: "Jesus Cristo é o mesmo, ontem, e hoje, e eternamente" (Hb 13.8).

b) *Imutabilidade*: Nenhuma coisa criada é imutável. Por imutabilidade entendemos aquilo que não muda e que não pode mudar. Cristo, como Deus, possui em si mesmo esse atributo. Dele se diz: "Desde a antiguidade fundaste a terra: e os céus são obra das tuas mãos. Eles perecerão, mas tu permanecerás: todos eles, como um vestido, envelhecerão; como roupa os mudarás, e ficarão mudados. Mas tu *és o mesmo*, e os teus anos nunca terão fim" (Sl 102.25-27). Agora, o escritor da epístola aos hebreus dá a interpretação desta passagem como se referindo a Cristo. Então ele diz: "E tu, Senhor, no princípio fundaste a terra, e os céus são obra de tuas mãos: Eles perecerão, mas tu permanecerás; e todos eles, como roupa, envelhecerão, e como um manto os enrolarás, e como um vestido se mudarão, mas *tu és o mesmo*, e os teus anos não acabarão" (Hb 1.10-12).

c) *Onisciência*: Está estabelecido que Cristo, como Filho de Deus, sabia todas as coisas. O apóstolo João, por exemplo, em várias conexões de seu livro, fala da onisciência de Cristo. Ele declara: "Mas o mesmo Jesus não confiava neles, porque a todos conhecia...sabia o que havia no homem" (Jo 2.24,25b). "...Porque bem sabia Jesus, desde o princípio, quem eram os que não criam, e quem era o que o havia de entregar" (Jo 6.64b). "Agora conhecemos que sabes tudo, e não hás mister de que alguém te interrogue..." (Jo 16.30a). "...Simão...disse-lhe: Senhor, tu sabes tudo..." (Jo 21.17).

d) *Onipotência*: A onipotência de Cristo está declarada em várias passagens da Bíblia Sagrada. O profeta Isaías diz dele: "...Deus forte!..." (Is 9.6). E o mesmo Jesus declara: "...É-me dado *todo o poder* no céu e na terra" (Mt 28.18b). E Paulo afirma: "...segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas" (Fl 3.21b).

e) *Onipresença*: Este atributo está também salientado para a (ena) Pessoa de Cristo. Ele mesmo afirma: "...onde estiveram dois ou três reunidos em meu nome, aí, estou eu no meio deles" (Mt 18.20). ira a

"...Eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos..." (Mt 28.20b). E outras passagens similares. Outros atributos pertencentes ao Salvador são: *unicidade* (Jo 3.16; At 4.12); *verdade* (Jo 14.6); *infinidade* (Mq 5.2; Hb 1.12); *imensidade* (At 10.36); *ubiqüidade* (Mt 18.20; 28.20); *eternidade* (Is 9.6); *inteligência* (Lc 2.47); *sabedoria* (Mt 23.34; Lc 11.49; 1 Co 1.24); *amor* (Ef 3.19); *justiça* (Jr 23.6); *retidão* (2 Tm 4.8); *presciência* (Jo 2.24,25; 6.64); *providência* (Mc 16.20); *vontade* (Mt 8.3); *misericórdia* (Hb 4.15,16), etc.

Assim, nós, que conhecemos e cremos na Bíblia, afirmamos sem hesitação que o *Filho do homem* e o *Filho de Deus* são a mesma pessoa. Jesus foi Deus manifesto na carne, e, vindo como aquele que em eternidade passada era igual a Deus, enquanto entre os homens manifestou atributos divinos.

Na personagem augusta da Galiléia, uniram-se alegremente a divindade e a humanidade. O Espírito Santo uniu em um laço de amor as naturezas humana e divina no ventre de Maria.

Assim, Jesus veio como primogênito de Maria e como o Filho amado de Deus.

Foi necessário que o divino se tornasse humano; pois, somente assim, o humano se tornaria divino. Eis aí, portanto, a parafrase da doxologia divina: "Como Filho do Homem, Ele tinha mãe mas não tinha pai. Como Filho de Deus, Ele tinha Pai mas não tinha mãe".

Os ensinos de nosso Senhor deixam perfeitamente claro que Ele reivindicava ter relacionamento de Filho com o Pai, tinha unidade e igualdade com Deus, unindo seu nome ao do Pai de uma maneira muitíssimo natural. Jesus declarou categoricamente ser o *Filho de Deus*, tornando-se, assim, igual a Ele (Jo 5.18). O próprio Deus, o anjo Gabriel, os discípulos, e até mesmo os espíritos imundos falaram de Jesus como o *Filho de Deus*.

---

(1) O NT Int. v. p. v. R. N. Champlin, Ph, D. 1982
(2) Quem é Deus? S. P. S.
(3) O NT Int. v. p. v. R. N. Champlin, Ph, D. 1982

2

Cristo Era Divino e Humano

1. A **realidade das duas naturezas**

"E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele [Cristo] participou das mesmas coisas..." (Hb 2.14a).

As Escrituras nos ensinam que Jesus, quando se humanizou, tornou-se participante de duas naturezas: a Divina (oriunda do Pai) e a Humana (oriunda da humanidade).

A união da divindade com a humanidade era essencial à constituição da pessoa de Cristo. Segue-se, portanto, que Cristo é o Deus-homem, outrossim, Ele tinha (após tal processo), os elementos essenciais da natureza humana. Ele tinha um corpo humano:

"Pelo que, *entrando no mundo*, diz: Sacrifício e oferta não quiseste, mas *corpo* me preparaste" (Hb 10.5). "Então disse: Eis aqui venho, para fazer, ó Deus, a tua vontade... Na qual vontade temos sido santificados pela oblação do *corpo* de Jesus Cristo, feito uma vez" (Hb 10.9,10).

O próprio Jesus dá testemunho deste *corpo* preparado por Deus na sua humanização. Então Ele diz: "Ora, derramando ela este ungüento sobre o meu *corpo*, fê-lo preparando para o meu enterramento" (Mt 26.12). E na passagem de João 2.19-22, nosso Senhor diz: "...Derrubai este templo e em três dias o levantarei... Ele falava do templo do seu *corpo*. Quando, pois, ressuscitou dos mortos, os seus discípulos lembraram-se de que lhes dissera isto..."

Mesmo após a sua ressurreição, Ele disse aos seus discípulos duvidosos: "Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu

mesmo: apalpai-me e vede; pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho" (Lc 24.39, etc). Em sua forma tríplice, como os demais homens, Ele tinha uma alma racional: "...A minha *alma* está cheia de tristeza até a morte..." (Mt 26.38). "Agora a minha *alma* está perturbada..." (Jo 12.27a, etc.). Ele tinha de igual modo um espírito racional: "E Jesus, conhecendo logo em seu *espírito* que assim arrazoavam entre si, disse-lhes: Por que arrazoais sobre estas coisas em vossos corações?" (Mc 2.8). "E, suspirando profundamente em seu *espírito*, disse: Por que pede esta geração um sinal?..." (Mc 8.12a).

"...Pai, nas tuas mãos entrego o meu *espírito*, E, havendo dito isto, expirou" (Lc 23.46b, etc.).

Assim, num cômputo geral, lemos sobre:

1º) O *espírito de Cristo* (="pneuma" em grego • Lc 23.46).

2º) A *alma de Cristo* (="psychê" em grego • Jo 12.27).

3º) O *corpo de Cristo* (="soma em grego" • Mt 26.12, etc.).

Os apolinários negavam que Cristo tinha um *espírito*. Mas apenas um *corpo* e uma *alma*. Evidentemente, porém, as Escrituras desaprovam esta grosseira afirmação. Se Cristo tomou forma humana para unir a si mesmo apenas o corpo e a alma, não teria se unido a uma humanidade completa, mas apenas a uma humanidade defeituosa. Algumas propriedades essenciais da natureza humana, a saber, a racionalidade e a voluntariedade, teriam ficado faltando. Nesse caso, nenhum dos processos mentais de Cristo poderia ter sido do tipo finito, carecendo de desenvolvimento natural.(1)

Ele teve as necessidades da natureza humana. Assim, Ele ficou cansado (Jo 4.6), com fome (Mt 4.2; 21.18), com sede (Jo 19.28c); dormiu (Mt 8.24); foi tentado (Hb 2.18; 4.15); era limitado no seu conhecimento quando agia dentro da esfera humana (Mt 11.13; 13.32; 24.36; Jo 11.34), dependia de seu Pai para ter forças; orou (Mc 1.35; Jo 6.16; Hb 5.7).

Após atividades intensas, suas forças se esgotavam dados os seus esforços incessantes. Dele está escrito: "...Meu Pai trabalha até agora e eu trabalho também" (Jo 5.17b). "Convém que eu faça as obras daquele que me enviou, enquanto é dia: a noite vem, quando ninguém pode trabalhar" (Jo 9.4). Sempre começava cedo (Mc 1.25; Jo 8.2) e continuava até o anoitecer (Mt 8.16; Lc 6.12 Jo 3.2). Numa linguagem popular, Jesus tinha um *dia*

cheio (Mc 3.20). Diante das necessidades prementes, Ele se esquecia de se alimentar (Jo 4.31-34), de descansar (Mc 6.31-34), e de suas próprias dores mortais (Lc 23.40-43), quando tinha a oportunidade de ajudar uma alma necessitada.

Seu trabalho consistia em ensinar (Mt 5.1 e ss), pregar (Mc 1.38,39), libertar os endemoninhados (Mc 5.12,13), curar os enfermos (Mt 8.9), salvar os perdidos (Lc 7.48; 19.9), ressuscitar os mortos (Mt 9.25; Lc 7.14; Jo 11.43).

Como trabalhador incansável, Ele caracterizou-se pela coragem (Jo 2.13-17; 3.3; 19.10,11), pela eficácia (Jo 7.23), pela imparcialidade (Mt 11.19, etc.).

Um levantamento histórico das opiniões a respeito da Pessoa de Cristo mostra que tem havido uma grande diversidade (não entre os cristãos verdadeiros) de opiniões referentes à sua pessoa. Ou seja, à relação simultânea entre suas duas naturezas.

Passaremos a relacionar as mais notáveis opiniões que surgiram no decorrer dos séculos.

2. Os Ebionitas

Os ebionitas surgiram no começo do II Século. O nome é derivado de uma palavra hebraica que significa *os pobres* ou *indigentes*.

Eram judeus-cristãos que não conseguiram deixar as cerimônias mosaicas. Justino e Orígenes estabeleceram a diferença entre o tipo mais manso e o mais rígido. O tipo mais manso, os nazarenos, não denunciava os crentes gentios que rejeitavam a circuncisão e os sábados judaicos. O tipo mais rígido, os sucessores dos judaizantes dos tempos de Paulo, afirmava que Jesus havia promulgado a Lei de uma forma rígida, e ensinava que quando fora batizado no Jordão, Ele havia sido agraciado com poderes sobrenaturais. Mas todos de comum acordo negavam a realidade *da natureza divina* de Cristo, considerando-o como mero homem, quer sobrenaturalmente encarnado, quer sobrenaturalmente concebido.

Para eles a crença na divindade de Cristo lhes parecia incompatível com o monoteísmo.

Um outro ponto discordante entre os ebionitas, eram as cartas de Paulo, porque, nessas Epístolas, Paulo reconhecia os gentios convertidos como cristãos, integrantes do corpo de Cristo.

3. Os Maniqueus

Os maniqueus, de origem persa, foram chamados por esse nome, em razão de seu fundador ter o nome de Mani, o qual foi morto no ano de 276 d.C., por ordem do governo persa.

O ensino dos maniqueus dava ênfase a este fato: "O Universo compõe-se do reino das trevas e do reino da luz e ambos lutam pelo domínio da natureza e do próprio homem." (2)

Recusavam Jesus, porém criam em um "Cristo Celestial". Eram severos quanto à obediência ao ascetismo, e renunciavam ao casamento.

O apóstolo Paulo profetizou o surgimento dos tais maniqueus em 1 Timóteo 4.3, quando disse: "Proibindo o casamento, e ordenando a abstinência dos manjares que Deus criou para os fiéis..." Os maniqueus foram perseguidos tanto por imperadores pagãos, como pelos primitivos cristãos.

Agostinho, por exemplo, antes de sua conversão, foi maniqueu, e depois, escreveu contra esses heréticos nos seguintes termos:

"Parecia-me impossível combater as críticas que os maniqueus faziam a certas passagens das tuas Escrituras. Às vezes, eu desejava mesmo examinar alguns desses textos com pessoas competentes, para ouvir-lhes a opinião.

"Começavam a interessar-me os debates públicos contra os maniqueus, realizados em Cartago por um certo Elpídio, que citava as Sagradas Escrituras, de tal modo que era difícil contradizê-lo. As respostas que lhe davam me pareciam fracas, e não o faziam em público, mas em segredo, suastentando que as Escrituras do Novo Testamento haviam sido falsificadas por um desconhecido que quisera inserir a lei judaica na fé cristã; mas não apresentavam destes textos nenhum exemplar não adulterado. Eu, porém, incapaz de imaginar seres incorpóreos, estava como que preso e sufocado por aquelas duas substÂncias, sob cuja pressão procurava em vão aspirar o ar puro e límpido de tua verdade."(3)

4. Os Gnósticos

Os gnósticos apareceram na mesma época que os ebionitas. Havia pelo menos três tipos de gnósticos:

Primeiro, os que negavam a realidade do "corpo humano" de Cristo.

Eram chamados de *docetas* (de "dokeo" = *parecer*).

Segundo, os que afirmavam que Jesus tinha um "corpo real", mas negavam que fosse material.

Terceiro, os que afirmavam que Jesus e Cristo eram duas pessoas distintas. Finalmente, definiam assim: "Jesus era um homem comum, o filho de José e Maria. Cristo era um espírito ou poder que desceu sobre Jesus quando de seu batismo. Na hora da crucificação, o Cristo o abandonou, deixando o homem Jesus para sofrer sozinho." Assim, os gnósticos negavam a realidade do "corpo humano" de Cristo devido à sua crença de que a matéria é inerentemente má. Os gnósticos negavam, assim, a realidade da humanidade de Jesus Cristo. Negavam que o verbo de Deus pudesse encarnar-se (Jo 1.14). Em lugar de uma encarnação, segundo eles, na Pessoa de Jesus, com a fusão de identidade de Logos e do Jesus humano, os gnósticos postulavam um "aeon", uma emanação angelical de Deus • um entre muitos mediadores, salvadores ou deuses inferiores, é que teria, então, assumido esta posição. O Cristo real, na opinião deles, nunca se tornara humano, mas tão-somente desempenhara um papel, manipulando o corpo físico de Jesus. Todas estas heresias, entretanto, foram rejeitadas.

5. Os Arianos

Os arianos foram os seguidores de Ário, um presbítero de Alexandria, nascido em 280 (?) d.C. Os arianos diziam que Cristo é o primeiro dos seres criados, através de quem todas as outras coisas são feitas. Em antecipação da glória que haveria de ter no final, Ele é chamado de Logos, o Filho, o Unigênito. Pode ser chamado de Deus, apesar (segundo eles) de não ser Deus na realidade plena subentendida pelo termo. Ele principiou a *ser*, não falando estritamente do tempo, mas antes do tempo, já que o tempo principia com a criação; no entanto, Ele principiou a *ser* a partir do não-existente, através de um ato momentâneo da vontade de Deus. Antes disso, "Ele não era". Com efeito, esse conceito herético de Ário limitava Jesus ao tempo da criação das outras criaturas, ignorando, assim, o que Paulo declara em Colossenses 1.17 onde diz que "...ele [Jesus] é *antes de todas as coisas*, e todas as coisas subsistem por ele". As heresias foram todas rejeitadas e Alexandre, bispo de Alexandria, em 321 d.C., convocou um sínodo, que o depôs do presbiterado e o excluiu da comunhão da Igreja.

Em 325, no Concílio de Nicéia, Ário e dois de seus amigos foram banidos para a Ilíria, e seu ensinamento foi condenado.

6. Os Nestorianos

Os nestorianos eram os seguidores de Nestor, bispo de Constantinopla (atual Istambul). Nestor fazia objeções à frase: "Mãe de Deus", dada pelos monges à Virgem Maria. Mas, até aí, seus companheiros o toleravam. Porém o condenavam no seu erro mais grave, que, era, negar a verdadeira união das duas naturezas • divina e humana • de Cristo, afirmando ou dando a entender uma personalidade dupla em Cristo. O Logos habitava no homem Cristo Jesus, de maneira que a união entre as duas naturezas era algo parecido com a habitação do Espírito. Isto colocaria em perigo a verdadeira divindade de Cristo, pois Ele se distinguia dos outros homens em que Deus habitava apenas pela plenitude de sua presença e pelo controle absoluto que o divino em Cristo exercia sobre o humano.

Cirilo de Alexandria foi o principal oponente de Nestor, e obteve a condenação dele (Nestor) no Sínodo de Éfeso, em 431 d.C. Nestor foi deposto e banido do cristianismo.

7. Os Apolinários

Os apolinários negavam a integridade da natureza humana de Cristo.

Apolinário foi um notável bispo de Laodicéia que adotou a distinção platônica entre "somma" (corpo), "psychê" (alma) e "pneuma" (espírito), como sendo três sujeitos ou princípios distintos do homem.

Quanto a Cristo, porém, admitia que Ele tinha um corpo (somma) verdadeiro e alma animal, mas não um espírito racional, ou mente (pneuma ou nous).

Os apolinários foram levados a adotar esta teoria absurda pela dificuldade de conceberem como duas naturezas completas podem ser unidas em uma só vida e consciência. Se Cristo é Deus (argumentavam eles), o Logos divino, tem de ter uma inteligência infinita e uma vontade humana. Como pode então ser uma só pessoa? Os apolinários foram condenados pelo Concílio de Constantinopla, em 381 d.C.

8. Os Eutiquianos

Os eutiquianos eram os seguidores de Êutico, "um ciriliano tão zeloso que levou a definição da humanidade de Cristo ao ponto de hesitar em admitir que seu corpo não era da mesma natureza que o nosso". Os eutiquianos foram levados ao extremo oposto dos nestorianos: Afirmavam que não havia duas, mas apenas uma natureza em Cristo. Tudo acerca de Cristo era divino, mesmo seu corpo. O divino e o humano em Cristo estavam unidos em um só, que constituíam um "tetium quid", ou terceira natureza.

Este grupo era freqüentemente chamado de monofisita, porque virtualmente reduzia as duas naturezas de Cristo a uma só.

O eutiquismo foi condenado pelo Concílio de Calcedônia, em 451 d.C. A Bíblia Sagrada e os cristãos em geral, entretanto, apontam o verdadeiro sentido como foi possível a união das duas naturezas de Cristo.

Eles dizem: "Na Pessoa de Jesus Cristo há duas naturezas, a divina e a humana, cada qual em sua plenitude e integridade."(4)

9. Do ponto de vista divino de observação

Cada evangelista nos apresenta Jesus por um ângulo que lhe é próprio. Um quadro só não bastava para captar a grandeza dessa Pessoa tão ilustre; e assim temos quatro retratos, cada um dos quais salienta elementos distintivos do caráter do Senhor, se harmonizando em cada detalhe.

Mateus sublinha a relação existente entre Jesus e a fé hebraica o ilustra como Ele cumpriu o Antigo Testamento e, ao mesmo tempo, julgou os hebreus pela sua infidelidade à religião deles. Então Mateus conclui seu relatório sobre Jesus dizendo: "Ele é o Cristo, o Filho do Deus vivo."

Marcos dedica atenção maior à atividade do que à origem de Jesus e sublinha Jesus como Filho do Homem que devia sofrer e ser rejeitado pelos seus compatriotas. Entretanto, não foge à regra apresentada por Mateus e os demais evangelistas e conclui dizendo: "Jesus Cristo, Filho de Deus."

João, enfim, revela Jesus como aquele que foi enviado do Pai ao mundo para ser seu salvador. Na qualidade de Filho, possui a autoridade do Pai e vive em estreita comunhão com Ele. E, então, conclui seu relatório sobre seu Mestre dizendo: "Jesus é o Cristo, o Filho de Deus." Portanto, o testemunho dos escritores do Novo

Testamento, são unânimes em seus ensinamentos, no que diz respeito à Pessoa de Cristo Jesus: "Cristo e Jesus são nomes aplicados a uma só pessoa, a saber: o Filho de Maria pelo lado humano e Filho de Deus pelo lado divino."

(1) Hist. da Ig. Crist. J. L. H. 1987
(2) op. cit. 1987
(3) Confissões. S. A. A. 1986
(4) Hist. da Ig. Crist. J. L. H. 1987

3
O Relacionamento das duas Naturezas

1. Havia verdadeira harmonia

O fato da humanidade de Jesus Cristo foi bastante difundido na Igreja primitiva, pois, o apóstolo João, por exemplo, advertia seus leitores contra qualquer negação desta grande realidade. Então ele diz: "Nisto conhecereis o Espírito de Deus: Todo o espírito que confessa que Jesus veio em carne [humanizou-se] é de Deus. E todo o espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus..." (1 Jo 4.2,3a). Ora, com efeito, o apóstolo quer mostrar aos seus leitores que o Cristo de Deus se humanizou. Ele era Deus, mas tornou-se homem pelo processo de sua encarnação; e, necessariamente, nasceu, viveu e morreu de acordo com as circunstâncias que o rodeavam no mundo em que vivia.

As Sagradas Escrituras mostram como a humanização de nosso Senhor operava *simultaneamente* com sua divindade: Ele ficava cansado, mas chamou os cansados para descansar nele.([1])

Ele teve fome, mas era "O Pão da Vida". Ele teve sede, mas era a "Água da Vida". E disse: "Se alguém tiver sede, venha a mim, e beba!

Ele esteve em agonia, mas curou todo o tipo de enfermidades e mitigou todas as dores e sofrimentos.

Ele cresceu em "sabedoria...e graça", mas era a "sabedoria e a graça de Deus" (1 Co 1.30; Tt 2.11).

Ele foi tentado, mas, na qualidade de Deus, não podia ser

tentado. Ele disse: "...o Pai é maior que eu" (Jo 14.28c), com referência à sua humanidade, sendo feito por pouco tempo menor que os anjos, mas Ele também disse: "...quem me vê a mim vê o Pai..." (Jo 14.9c). E "Eu e o Pai somos um" (Jo 10.30). Ele orou, o que é uma atitude humana, mas Ele mesmo respondeu às orações. Ele disse: "...esta é a vossa hora e o poder das trevas" (Lc 22.53b), mas depois acrescentou: "...é-me dado todo o poder no céu e na terra" (Mt 28.18b).

Ele dormiu sobre uma "almofada" no barco em que viajava, mas levantou-se e repreendeu a tempestade. Ele foi batizado, o que é um ato humano; mas, naquela hora, Deus, lá de cima, com brados de alegria declarou ser Ele seu Filho. Ele caminhou dois dias até Betânia, mas sabia o momento em que Lázaro morrera. Ele chorou junto à sepultura, mas ressuscitou os mortos. Ele predisse que seria condenado à morte por homens mortais, mas, um momento antes ouviu a inspirada declaração de Pedro que Ele era o Cristo, o Filho de Deus vivo. Ele perguntou aos seus discípulos: "...quem dizem os homens ser o Filho do homem?" (Mt 16.13b), e Pedro, inspirado por Deus, respondeu: "...Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo" (Mt 16.16b). Ele teve fome, mas podia transformar pedras em pão. Ele não o fez, pois se o tivesse feito, não teria sofrido como os homens sofrem. Ele disse: "...Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mt 27.46b), mas Paulo acrescenta que "...Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo..." (2 Co 5.19a). Ele morreu, mas Ele mesmo é a vida eterna!

2. Como Cristo viveu

Ele viveu livremente a sua vida terrena dentro daquilo que era perfeitamente humano e, também assim, livremente viveu a sua vida terrena dentro daquilo que era perfeitamente divino. A sua vida terrena, portanto, testifica tanto a sua humanidade quanto a sua divindade e as suas revelações são igualmente verdadeiras.

Os escritores da Bíblia dizem-nos que nosso Senhor adotou a humanidade para poder morrer; Ele foi "...feito um pouco menor do que os anjos, por causa da paixão da morte..." (Hb 2.9). Ele participou da carne e do sangue...para que pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o Diabo. Com efeito, o Filho de Deus, como tal, não podia morrer. A Ele pertence por natureza uma "vida indissolúvel" (Hb 7.16). Ele mesmo afirmou acerca de

si mesmo: "...Eu sou a ressurreição e a vida..." (Jo 11.25). Para morrer, portanto, Ele tinha de assumir uma outra natureza, para que a experiência da morte fosse possível (Hb 2.17). Naturalmente não se dá a entender que a morte foi desejada por Ele. O significado é que, apenas através do sofrimento de Cristo, os homens, sendo pecadores, poderiam ser introduzidos na Glória.(2)

Foi para a salvação dos pecadores que nosso Senhor veio ao mundo, mas como essa salvação só poderia ter sido operada através do sofrimento e da morte, o apóstolo Paulo exclama: "E sem dúvida alguma grande é o mistério da piedade: Aquele que se manifestou em carne [humanizou-se], foi justificado em espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo, e recebido acima na Glória (1 Tm 3.16).

3. O Verbo feito carne

"E o Verbo se fez carne [humanizou-se], e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade" (Jo 1.14).

O Verbo, como está em foco, é um dos nomes da eternidade de Jesus; mas, em sentido profundo, identifica-se também como sendo o próprio Jesus! Se Jesus não se tivesse humanizado, não seria chamado de "o Filho do homem", mas de "o Filho de Deus" tão-somente. Mas Deus quis que Ele fosse chamado "o Filho do homem" no sentido de ser o único que seria capaz de realizar tudo que está incluído na idéia humana, na qualidade de "...último Adão", o cabeça e representante da raça • a única raiz do tronco da humanidade.

Cristo pertence à raça e dela participou, nascido de mulher, vivendo dentro da linhagem humana, sujeito às condições humanas: mas sem pecado (Hb 2.14), e fazendo parte integral da história do mundo.

Assim, para o Cristianismo, essa designação cristológica é, em larga escala, a mais importante dos evangelhos.

Um relance sobre a concordância grega revela imediatamente três fatos importantes sobre a humanidade de Jesus Cristo:

Primeiro, esta expressão pertence propriamente aos evangelhos, ela só aparece quatro vezes alhures, das quais três são citações do Antigo Testamento (Sl 8.4; Dn 7.13; At 7.56; Hb 2.6; Ap 1.13; 14.14). Nos evangelhos: 14 vezes em Marcos; 30 em

Mateus; 25 em Lucas e 12 em João, o que dá o total de 81 vezes em que a expressão "Filho do homem" está em foco!

Todavia, em Ezequiel ela é usada livremente por Deus em alusão ao próprio profeta, por 91 vezes.

Segundo, mas nos evangelhos esta expressão sempre designa Jesus, salvo em Marcos 3.28, o que é exceção, onde designa, no plural, os homens em geral.

Terceiro, finalmente fato ainda mais surpreendente: estas palavras só aparecem nos lábios de nosso Senhor Jesus Cristo ao falar de si mesmo.

De acordo com o original grego, nesta locução se traduzem duas palavras aramaicas (bar, amasa), que designam o homem, o homem humano, como indivíduo, em oposição à coletividade humana. E a seguir, apresenta um outro sentido, que é, *filho* (=bar) do *homem* (Gn 49.22), e que tem "filho do nobre" (Ec 10.7), como equivalente.

Ele, Jesus, se fez "Filho do homem" com o objetivo de nos tornar "filhos de Deus", e, sendo achado nesta forma, "...humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até a morte, e morte de cruz" (Fl 2.8b).

4. Foi visto dos anjos

"...Aquele que se manifestou em carne, foi justificado em espírito, visto dos anjos..." (1 Tm 3.16).

Tanto o apóstolo Paulo como o escritor da epístola aos Hebreus, fazem referência aos anjos quando se referem à humanidade de Jesus. Quando lemos na Edição Revista e Atualizada no Brasil e presente passagem de 1 Timóteo 3.16, nos deparamos com a seguinte frase: "...contemplado pelos anjos".

Para estes seres celestiais, foi quase impossível compreender a humanidade de Jesus, visto que eles o conheciam e serviam-no como Senhor na Glória celestial; agora, aqui neste mundo, vendo-o na forma de servo, ficaram admirados! Observe:

"Deus como servo! Coisa nova para eles. Eles o tinham visto como Governador do Universo, mas nunca como um súdito! Enfrentando Satanás em conflito e prolongada tentação.

"Deus sendo tentado! Coisa nova para eles. Eles o tinham visto expulsando o arqui-rebelde da sua presença, atirando-o para a perdição mas nunca se submetendo para ser tentado por ele cuja

sutileza e poder reduzira miríades à ruína eterna, nem podiam imaginá-lo sofrendo o escárnio e o descrédito dos homens pecadores!

"Deus sofrendo escárnio! Coisa nova para eles. Eles viram miríades de espíritos felizes adorando-o e amando-o; mas nunca o tinham visto pessoalmente insultado e maltratado por criaturas finitas. Gemendo no Getsêmane e crucificado entre dois ladrões, morrendo como vítima sacrificada!

"Deus crucificado! Coisa nova para eles. Eles o viram supremamente feliz e glorioso; mas vê-lo agonizando, ouvir aquele gemido agonizante: *...Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?* (Mt 27.46b) e contemplar aquele corpo sangrando todo para salvar o mundo que revoltara-se contra Ele! Que amor misterioso! Vê-lo, depois de tudo isto, entronizado e glorificado em sua forma suprema, era um fato novo na história moral do Universo. Todas as cenas eram cheias de interesse, de maravilhas e de mistérios... Foram capítulos de introduções para as mentes angélicas; foram revelações de verdades ocultas.

"Foram descobertas de perfeições divinas antes não concebidas, e que continuam se revelando da maneira mais refulgente, enquanto os séculos se sucederem!"(3)

5. O caráter de Cristo

"Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais, vós também" (Jo 13.15). Já tivemos ocasião de ver em outras notas expositivas que um dos propósitos da encarnação foi o de que Cristo nos desse o exemplo. Assim, é, portanto, importante que estudemos o seu caráter, a fim de conhecermos o padrão, o ideal da jornada do cristão. Alguns destes exemplos (pois Ele foi exemplo em tudo) serão retratados aqui para uma melhor compreensão do significado do pensamento.

Primeiro, sua santidade: Ele foi absolutamente santo. Pois dele se diz: "...pelo que também o *Santo*, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus" (Lc 1.35b). "Pois não deixarás a minha alma no Hades, nem permitirás que o teu *Santo* veja a corrupção" (At 2.27).

"Mas vós negastes o Justo, e pedistes que se vos desse um homem homicida" (At 3.14). "Porque verdadeiramente contra o teu *Santo* Filho Jesus..." (At 4.27a). Os próprios demônios • ainda que não fosse a vontade do Senhor, reconheceram em Jesus aquilo

que Ele dizia ser, e exclamaram: "Ah! que temos contigo, Jesus Nazareno?" Vi este destruir-nos? Bem sei quem és: o *Santo* de Deus" (Mc 1.24).

Ele, portanto, era por natureza santo; pois o príncipe deste mundo nada tinha nele, como disse o próprio Jesus: "...o príncipe deste mundo...nada tem em mim" (Jo 14.30b). Ele também, era santo em sua conduta, ainda que "...em tudo foi tentado, mas sem pecado (Hb 4.15b). Era separado dos pecadores (Hb 7.26), fazendo sempre o que agradam ao Pai! "...Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as suas pisadas. O qual não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano" (1 Pe 2.21,22). Ninguém aceitou o desafio quando Ele disse: "Quem de vós me convence de pecado?..." (Jo 8.46a).

Segundo, sua humilhação. Então Paulo disserta sobre isso dizendo: "De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens. E, achado na forma de Homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até a morte, e morte de cruz" (Fl 2.5-8). Vê-se também em sua conduta, enquanto aqui viveu na terra, pois sabemos que Ele viveu em grande pobreza. Entretanto, diz Paulo: "Porque já sabeis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que sendo rico, por amor de vós se fez pobre..." (2 Co 8.9a). Nasceu "...numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem" (Lc 2.7b).

Os escritores clássicos procuraram dar ênfase ao sentido da palavra grega "tapeinos", traduzida por humildade, seu sentido universal; ocasionalmente era usada de modo a prever seu sentido superior. Platão por exemplo diz: "Seria feliz aquele que se apega àquela lei [de Deus] com toda humildade e ordem; porém, aquele que se exalta por causa de orgulho, dinheiro, honra ou beleza, cuja alma está abrasada de insensatez, de juventude e de insolência, e que pensa não precisar de guia ou governante, mas se sente capaz de ser o guia dos outros, o tal, repito, é abandonado por Deus." Possuir humildade é ter espírito e comportamento sem pretensão ou orgulho, e isso é caracterizado pela modéstia e pela submissão. Jesus Cristo era submisso de coração e humilde em sua vida. Ele não tinha lugar "...onde reclinar a cabeça" (Lc 9.58).

Terceiro, sua mansidão: Ele foi absolutamente manso. Dele se ouviu o clamor santo: "...sou manso e humilde de coração..." (Mt 11.29). Por "mansidão" nos referimos àquela atitude de espírito que é o contrário da aspereza, da disposição contenciosa, e que se evidencia na brandura e na ternura, no trato com as pessoas. Jesus Cristo é o nosso padrão de mansidão, sendo Ele brando e paciente em suas relações com os homens.

O apóstolo Paulo o apresenta também como sendo o verdadeiro modelo da mansidão. Então diz: "Além disto, eu, Paulo, vos rogo, pela mansidão e benignidade de Cristo..." (2 Co 10.1a).

No Sermão da Montanha, Jesus nos exorta a olhar para o caminho da mansidão, dizendo aos seus discípulos: "Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra" (Mt 5.5). Jesus Cristo, portanto, é o nosso verdadeiro padrão de mansidão, sendo Ele brando e paciente para com os pecadores; e, especialmente, para com os santos![4]

---

(1) O NT Int. v. p. v. R. N. Champlin, Ph, D. 1982
(2) Quem é Deus? S. P. S.
(3) Hist. da Ig. Crist. J. L. H. 1987
(4) Confissões. S. A. A. 1986

4
Os Aspectos Naturais de sua Vida

1. **Seu desenvolvimento normal**

"E crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens" (Lc 2.52).

Um dos aspectos mais visíveis da vida de Cristo foi seu desenvolvimento natural. Isto é, sofrendo e participando das mesmas circunstâncias de uma pessoa humana. As Escrituras mostram que nosso Senhor, mesmo sendo Deus, teve um desenvolvimento humano natural. Ele teve o desenvolvimento gradativo e passou pelas fases progressivas dos seres humanos. Assim, sabemos que "...o menino *crescia* e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele" (Lc 2.40). O desenvolvimento de Jesus Cristo, físico e mental, não deve ser explicado como sendo principalmente causado por sua divindade tão-somente, mas sim resultado das leis comuns do crescimento humano.

Entretanto, o fato de que Ele não tinha natureza carnal e que se abstinha de atos pecaminosos, sem dúvida alguma ajudaram materialmente esse crescimento. Outrossim, seu desenvolvimento mental não pode ser atribuído ao seu aprendizado tão-somente nas escolas de seus dias (Jo 7.15), mas deve ser atribuído também à sua educação em um lar piedoso e temente a Deus.

Sua vida tinha regularidade na sinagoga (Lc 4.16), como também suas visitas ao Templo (Lc 2.14,46,47) e seu estudo das Escrituras Sagradas o que é indicado pelas palavras: "...achou o lugar em que estava escrito" (Lc 4.17b). E também por emprego

das Escrituras em sua tentação, e sua comunhão com o Pai (Mc 1.35; Jo 4.34-44).

Muitos comentaristas têm encontrado dificuldades em querer entender como Cristo se sentia consigo mesmo. Discussões sem fim têm surgido e variadas opiniões têm sido expressas quanto à consciência que Cristo teria. Como Ele poderia conhecer e sentir o poder e a sabedoria do infinito e ainda assim preservar aquilo que constitui a fraqueza e limitação normal humana? Como Ele poderia saber e não saber? Como poderia ser a fonte de todo o poder e, ainda assim, ficar sujeito e exposto à fragilidade humana? Entretanto, para nós, a combinação da Divindade consciente com a infância humana de Cristo não constitui um problema, pois tudo foi por Deus e executado por Cristo dentro dos padrões necessários e a eles inerentes.([1])

2. Seu crescimento físico

As informações do "médico amado" sobre nosso Senhor são estas no que diz respeito ao seu desenvolvimento natural: "...E crescia Jesus em...estatura..." (Lc 2.52).

Na passagem de Lucas 2.7, encontramos nosso Senhor com apenas "um dia" de nascido; envolto em panos, deitado numa manjedoura, e visitado pelos pastores belemitas. Oito dias depois, Ele foi conduzido ao ato da circuncisão mosaica, e foi "...lhe dado o nome" (cf. Lv 12.3; Lc 2.21). Quarenta e um dias depois, seus pais o levaram ao Templo para apresentação, segundo a lei cerimonial (Lv 12.3 e ss; Lc 2.22). Ali foi contemplado pela *profetiza Ana* e seus pais foram abençoados por Simeão (não Jesus, porque Jesus já é a bênção!) (cf. Hb 7.7).

Talvez, mais ou menos *dois anos depois*, Jesus é visitado pelos magos do Oriente, que o encontraram numa *casa* "Gikia" e não numa *manjedoura* (Phatne), conforme fica depreendido de Mateus 2.11. Herodes, sendo iludido pelos magos, procura matá-lo e, sobre a benévola escuridão da noite, orientado pelo anjo, José foge para o Egito levando consigo Maria e a criança (Mt 2.14,16).

As Escrituras não nos informam por quanto tempo Jesus e seus pais permaneceram no Egito, entretanto, antes de *doze anos*, aconteceu o regresso (cf. Os 11.1; Lc 2.43).

Após seus *doze anos* de existência terrena, as Escrituras fazem mais três referências sobre seu cômputo de vida física:

Primeira referência: "...terminados aqueles dias" (de acordo com a lei mosaica, "sete dias"), aproximadamente (Lv 23.4-8; Lc 2.43).

Segunda referência: "...Pensando, porém, eles que viria de companhia pelo caminho, andaram caminho de *um dia*..." (Lc 2.44a).

Terceira referência: "E aconteceu que, passando *três dias*..." (Lc 2.46a).

Alguns comentaristas fazem objeções quanto a *dezoito anos* de *silêncio* na vida de Jesus, e advogavam que não temos nenhuma outra fonte de informação quanto a isto, a não ser o que diz a tradição. Isto é, que durante este período Jesus esteve em meditação na cidade de OM, também chamada Heliópolis, no Egito. Mas, as Escrituras quebram este *silêncio* em algumas de suas conexões. Por exemplo: Depois dos *doze anos* temos algumas informações dos *18 anos de silêncio* como são chamados por alguns, assim:

"E crescia Jesus...em estatura..." (Lc 2.52).

"E, chegando a Nazaré, *onde fora criado*... (Lc 4.16a). Estas duas passagens mostram claramente o espaço de tempo da vida de Cristo dos *12 aos 30 anos*.

3. Seu desenvolvimento mental

"E crescia Jesus em sabedoria..." (Lc 2.52a). A humanidade de Jesus passou por diversos estágios de desenvolvimento, como qualquer outro membro da raça humana. Da infância à juventude, e da juventude à idade adulta e daí até atingir "...a varão perfeito, à medida da estatura completa..." (cf. Ef 4.13b).

4. Seu crescimento social

"E crescia Jesus...em graça para com...os homens" (Lc 2.52).

A heresia docética floresceu em alguns quadrantes da igreja primitiva, como já tivemos ocasião de ver. O decetismo ensinava que Jesus era apenas homem na aparência. Mas as Escrituras e o argumento do próprio ser nos ensinam que Ele não só era divino, mas que também era humano, e, como homem, participou da vida social dentro dos limites da aprovação divina. Ele foi a um casamento em Caná da Galiléia (Jo 2.1 e ss), e participou de diversos jantares em casas de amigos mais íntimos (Mt 9.11; Lc 19.1-10; Ap 3.20 etc.). "Visto como os filhos participam da carne

e do sangue, também Ele participou das mesmas coisas..." (Hb 2.14a). Por inferência![2]

5. Seu desenvolvimento espiritual

"E crescia Jesus...em graça para com Deus" (Lc 2.52c). Parece claro, entretanto, pelas Escrituras, que devemos atribuir, como já o fizemos em uma outra seção deste comentário, que o crescimento e o desenvolvimento de Jesus em graça para com Deus está ligado também à observação das leis da natureza, da educação que recebeu em seu lar piedoso. Outrossim, as instruções recebidas no Templo • por sacerdotes piedosos (cf. Sl 27.4; Lc 1.5,6), por seu próprio estudo das Escrituras; e sobretudo, pela sua íntima comunhão com o Pai.

Assim Ele atingiu a verdadeira estatura de um servo ideal • ainda que era o "...Senhor de todos" (At 10.36; Fl 5-11).

6. Seu desenvolvimento intelectual

"...E aconteceu que, passados três dias, o acharam no templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os, e interrogando-os..." (Lc 2.46,47).

Segundo informações de então, os meninos judeus, aos treze anos, abandonavam a infância, mesmo que não fossem capazes de discutir, como o menino Jesus, com os doutores da Lei reunidos nos átrios do Templo. A partir dessa época exigia-se deles, como dos adultos em geral, que recitassem três vezes por dia a famosa Oração Shema Israel, em que todo o crente deve proclamar sua fé no Deus Único e Verdadeiro.[3]

Então, a partir daí, o jovem hebreu era considerado um adepto ao conhecimento geral do mundo intelectual; especialmente, à cultura e costumes gregos helenizados.

Nosso Senhor, sem dúvida, foi um destes jovens exemplares, pois, com apenas *12 anos*, podia responder aos sábios escribas de seus dias, e com eles argumentar.

Dele se podia dizer: "...Nunca homem algum falou assim como este homem" (Jo 7.46b).

---

(1) Ret. do Salv. H. L. 1985
(2) O NT. Int. v. p. v. R. N. Champlin, Ph, D. 1982
(3) Os Anjos: sua nat. e Ofic. 1987

5
Os Magos Visitam a Cristo

1. Os embaixadores reais

"E, tendo nascido Jesus em Belém de Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do Oriente a Jerusalém, dizendo: Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? porque vimos a sua estrela no Oriente, e viemos a adorá-lo" (Mt 2.1,2).

O relato da visita dos magos do Oriente não encontra paralelo em outra parte do Novo Testamento. Portanto, temos de usar da imaginação dentro daquilo que se pode depreender dos 12 versículos que narram essa história. Outrossim, a visita destes embaixadores reais não se deu por ocasião do nascimento de Jesus, e, sim, provavelmente, segundo os contextos da narrativa, dois anos depois de tal acontecimento. Razão por que, eles não encontraram Jesus na *manjedoura* "phatne" e sim numa *casa* "gikia", conforme lemos das informações de Mateus e Lucas, respectivamente (Mt 2.11; Lc 2.7,16). Outrossim, o plano de Herodes, de matar Jesus, foi executado dentro daquilo que os magos tinham informado. Isto é, de acordo com as informações, teriam se passado *dois anos* do nascimento de nosso Senhor (Mt 2.16).

Há opiniões variadas sobre os magos:

Existem várias opiniões e até mesmo lendas no que diz respeito à identificação dos magos que visitaram o menino Jesus. Algumas delas não têm paralelo em outra parte da Bíblia. Outras, porém, se harmonizam em alguns detalhes vividos na história. E, outras são puras ficções.

2. Os nomes dos magos

Há um registro na história atribuído a Bede, o Venerável, com data de 735 d.C., no qual ele faz alusão a uma antiga lenda que descreve os "três magos" e que eles se chamavam Melchior (Algumas versões dizem Belchior), Gaspar e Baltazar.

Melchior seria homem idoso, de cabelos brancos e longas barbas, que ofereceu ouro a Cristo, a fim de simbolizar que todo o valor do mundo lhe pertencia.

Gaspar seria jovem, sem barba e de pele vermelha, com um matiz amarelado: ofereceu incenso, homenagem devida a uma divindade.

Baltazar, de pele negra e barbas cerradas, ofereceu mirra, prefigurando o sofrimento e a morte que aguardavam Jesus.([1])

Na Idade Média, os estudiosos afirmavam que Baltazar era o principal sábio na sua época. A ele eram enviados mensageiros de cortes tão distantes como a Índia, trazendo rolos de pergaminho, detalhando algum nascimento santo e desejando averiguação por parte daquele sábio.

O segundo mago, Melchior, era homem responsável e renomado por seu discernimento clarividente. Os antigos o chamavam de "Sol Viajante", porque, por onde fosse, extraía significação dos eventos, tal como se extrai a umidade da terra. Sua sabedoria, tal como a chuva, era distribuída onde se fizesse necessária.

O terceiro mago, Gaspar, era o espírito brilhante que obtinha a cooperação de oficiais ao longo do caminho, prestando deferências, ao mesmo tempo que mantinha segredos, de tal modo que os três não eram forçosamente retidos em outras cortes.

Já uma história moderna sobre a visita dos magos, pinta-os da seguinte maneira:

"Os camelos carregavam soberbas cargas de ouro, incenso e mirra, pois eram presentes para um rei. O mais jovem deles fez o cortejo parar, pois acabara de pensar em um presente que seria especialmente próprio e não queria continuar sem ele. Nervosamente, os outros magos ficaram esperando, pois tinham pressa. Até mesmo os guias, sentindo a importância da missão, desejavam continuar. Ficaram esperando por longo tempo pelo mais jovem mago, que não aparecia. A estrela que os guiava ainda brilhava lá no alto, e enquanto as horas da noite se passavam, todos iam perdendo a paciência. Finalmente, quando já estavam a ponto de

perder o controle, apareceu o mais jovem.

"O que quer que trazia teria de ser pequeno, pois o trazia facilmente na palma de uma das mãos. Talvez fosse uma gema raríssima e preciosa, e, se assim fosse, teria valido a pena esperar tanto. O jovem mago ordenou que o guia fizesse o camelo ajoelhar-se para que pudesse pôr o pequeno objeto na sacola que havia nas costas do animal.

"Os dois magos mais idosos, e até mesmo os guias, olhavam com atenção para ver qual seria o maravilhoso presente que *provocara tanto retardamento na viagem para Belém*. Lentamente, o mago mais jovem abriu a mão, e ali, para grande surpresa e consternação dos magos de mais idade, apareceu apenas um pequeno cão com pintas pretas. Era um brinquedo antigo, porque aqui e ali faltavam-lhe pedacinhos da pintura.

"O jovem colocou o brinquedo no chão, o qual deu um salto no ar e caiu novamente sobre os pés. Os magos mais velhos, muito indignados, não puderam mais conter-se e proferiram palavras iradas contra o seu companheiro, mas o mago mais jovem apenas sorriu, pôs novamente o brinquedo no chão e viu-o dar a sua cambalhota. Uma criança pequena filha de um beduíno que estava por perto riu-se gostosamente, quando o cãozinho foi posto no chão e deu um salto no ar e caiu novamente sobre os qua-tro pés. Então o mais idoso dos magos perguntou: *Foi esse brinquedo sem valor que o fez adiar a marcha deste cortejo de camelos, que leva presentes para o Rei dos reis?* O mais jovem dos magos retrucou solenemente: *Nossos camelos estão carregados de presentes apropriados para o Rei, muito ouro, incenso e mirra. Estou levando este cãozinho para o menino de Belém.*"

Então, segundo a história, a ira dos magos mais velhos foi desviada; e, assim, continuaram sua viagem alegremente.

3. O número dos magos

O registro bíblico de Mateus 2.1-12, não diz quantos magos vieram ver o menino Jesus em Belém. A Igreja primitiva argumentava sobre esse ponto. Os antigos cristãos orientais conservam tradições de *doze sábios*, cada um dos quais representaria uma das tribos de Israel.

Alguns antigos mosaicos mostram apenas *dois magos*, ao passo que outros exibem *sete* ou mesmo *doze*. O número onze teve

apoiadores especiais, porquanto dizem que o número *onze* é um número espiritual, podendo também predizer os números dos fiéis apóstolos (Judas não) de Cristo.(2)

A partir do Século IV d.C., a Igreja Ocidental estabeleceu o número de três, tomando como ponto de referência, as dádivas que os sábios ofereceram a Cristo; esse número teve aceitação quase que generalizada, e a tradição de que eram também reis data de Tertuliano.

Com o passar do tempo, seus parentes foram naturalmente considerados como símbolo da verdade cristã. Então se diz: "Ouro para a sua humanidade, mirra para sua morte e incenso para sua divindade."

Outros opinam assim: "Ouro por ser Ele Rei (fala da sua realeza), incenso por ser Ele Deus (fala da sua divindade), e mirra por ser Ele mortal (fala da sua humanidade)."

Ou ainda: "Ouro fala da sua realeza, por ser Ele Rei; incenso fala de seu sacerdócio; e mirra, por ser Ele homem mortal."

4. O significado da palavra mago

O termo "mago" foi empregado pela primeira vez por Heródoto (historiador grego do V Século a.C.), sobre uma tribo dos medos, que ocupavam funções sacerdotais no império persa; em outros escritores clássicos, aparece como sinônimo de sacerdote. Complementando isso, Daniel 7.20; 2.27; 5.15, aplica a palavra a certa classe de *sábios* ou *astrólogos* que interpretavam sonhos e mensagens dos deuses do paganismo. No original grego, quando se lê a palavra "mago", se diz "magoi" e significa ao pé da letra *astrólogo* ou *mágico* em sentido rudimentar.

Em termos hodiernos, pode significar erudito que se dedica e se distingue no campo da astronomia, da matemática, da astrologia, da alquimia e da religião. Entre os babilônios, por exemplo, a palavra "mago" era aplicada aos escribas sagrados • uma ordem de sábios que tinha a seu cargo os escritos sacros, que vieram passando de mão em mão, desde o tempo da *Torre de Babel.* Algumas literaturas das mais primitivas que se conhecem na terra eram constituídas desses livros de magia, astrologia, feitiçaria... Simão, o mágico, de Samaria, e Elimas, o *encantador*, da Ilha de Pafos, pertenciam a essa classe de magos (At 8.9; 13.8).

a) *O sentido negativo.* Talvez o vocábulo "mago" no Novo

Testamento, tenha assumido uma posição negativa generalizada, dados os acontecimentos que envolveram Simão e Elimas, o encantador. No Livro de Atos 8.9.24, encontramos com Simão, na cidade de Samaria, onde tinha "...iludido a gente de Samaria, dizendo que era uma grande personagem" (v 9b). Lucas não sugere que o próprio Simão fosse samaritano como talvez alguns têm pensado.

Justino Mártir, e Trifo (que era de Samaria), dizem que Simão nasceu na "Vila de Gita" e que ele mesmo era aclamado pelas multidões, em Samaria e em Roma, como uma divindade. De fato, o embuste de Simão foi de tal forma aceito por aquela gente, que até os romanos haviam erigido uma estátua, na qual estava inscrito: "Simoni Deo Sancto", "A Simão, o deus santo".

b) *A doutrina simoniana.* Irineu, Hipólito e Epifânio descrevem a *doutrina simoniana* que, segundo eles, Simão desenvolvera sobre o tema: "Esta é a grande virtude de Deus". De acordo com historiadores contemporâneos de Simão, ele apareceu aos samaritanos como o Pai, aos judeus como o Filho, e ao mundo em geral como o Espírito Santo. Contava também com um mito de redenção no qual livrara Helena "a ovelha perdida" da escravidão sucessiva de transmigração em vários corpos femininos; e pregava a salvação (segundo ele entendia), exigindo fé em Helena, sua esposa, e em si mesmo, mas permitindo irrestrita liberdade moral, depois disso.

Irineu e os demais reputavam-no como o primeiro grande herege.

De acordo com Hipólito, a exibição final de Simão foi um verdadeiro fracasso. Foi enterrado vivo, prometendo reaparecer dentro de três dias, mas não conseguiu, pois, na lacônica frase de Hipólito, ele não era o Cristo. Então tinha de fracassar! Deve ter sido por isso que a palavra "mago" entrou com sentido completamente negativo em o Novo Testamento. No presente estudo, entretanto, devemos ter em mente uma significação melhor para a palavra "mago"! Deve ser entendida com um sentido mais amplo. Entendia-se também por magos homens tementes a Deus do mais alto quilate. Assim, em relação aos magos embaixadores, a palavra rudimentalmente falando, pode significar "astrólogo", mas bem pode ser traduzida por "astrônomo".

5. A origem dos magos

A santa família não se achava mais na manjedoura da

estalagem de Belém, como já tivemos ocasião de expor umas outras notas expositivas. E, sim, numa *casa*, visto que este incidente tomou lugar a um tempo indeterminado durante o período de dois anos depois do nascimento de Jesus. Também, imediatamente, as Escrituras falam sobre a morte dos inocentes pelo tirano Herodes, o que sucedeu dentro de um período de tempo curtíssimo. A sorte desses inocentes é estranha e transcendente. Passaram tempo curtíssimo na terra para ganhar fama imortal. Morreram pelo Cristo que nunca conheceram. Esses cordeirinhos foram mortos por causa do Cordeiro que vivia enquanto eles morriam, para que pela morte desse Cordeiro eles vivessem eternamente!

A visita dos embaixadores foi marcada pelo aparecimento de uma estrela sobrenatural que, segundo depreendemos, somente foi visível aos magos já mencionados. Isto se deu para consolidar o caticínio sobre estes embaixadores reais (Sl 72.10,11; Is 60.6). Verdade é que, estas profecias, em sua missão final, referem-se ao Milênio de Cristo. Entretanto, elas sofreram seu primeiro estágio com o nascimento de Cristo.

Provavelmente, a estrela apareceu quando eles se encontravam reunidos estudando (no Pentateuco ou no livro de Daniel) o nascimento e manifestação de um grande rei. As Escrituras nos levam a entender que estes magos vieram de uma mesma terra.

As evidências extraídas das luzes da fé e da razão natural nos indicam que eles eram da descendência da rainha *Makeda de Aksum*, conhecida pelos escritores da Bíblia, pelos seguintes apelativos: "a rainha de Sabá" (1 Rs 10.1); "a rainha do meio-dia" (Mt 12.42); "a rainha do Sul" (Lc 11.31). O paralelismo entre as duas narrativas a da rainha e a dos magos (1 Rs 10.13; Mt 2.13), reforça o sentido deste pensamento. Então se diz: "E o rei Salomão deu à rainha de Sabá tudo quanto lhe pediu o seu desejo, além do que lhe deu, segundo a largueza do rei Salomão. Então voltou e partiu *para a sua terra...*" (v 13).

"E, sendo por divina revelação avisados em sonhos para que não voltassem para junto de Herodes, partiram *para sua terra...*" (v 12). Vemos, assim, que tanto para a rainha de Sabá como para os magos do Oriente, as duas narrativas se combinam entre si em cada detalhe!

Existe, entretanto, uma grande dificuldade para os comentaristas no que diz respeito à terra natal dos magos. Isto se

verifica quando analisamos a expressão "...vieram do Oriente". A expressão "oriente" tem trazido discórdia entre estes comentadores, especialmente entre aqueles de índole mais exigente. Isto é, se o termo "*no* Oriente" • significa "oriente geográfico" ou se quer dizer "oriente astronômico". Alguns subentendem que, "no Oriente" corresponde "em té anatolé". Isto é grego singular. Em outra passa--gem, "anatolai", portanto plural, é traduzido também por "oriente".(3)

Para estes mestres, a forma singular "anatolé" devia ter um sentido astronômico todo especial. Entretanto, mesmo tendo tal termo este sentido para o mundo astronômico, para nós o sentido aqui deve ser geográfico e não astronômico.

6. A estrela

"...vimos a sua estrela no Oriente..." (Mt 2.2). Há muitas interpretações e argumentos sobre os magos e a estrela que os guiara à terra de Israel. Seguem as tendências dos comentaristas que pretendem exaltar o milagroso, ou eliminar o milagroso, ou reduzir o milagroso, ou magnificar o científico, etc. Todavia, é provável que alguns simplesmente desejam achar a verdade histórica, despida de preconceitos. As interpretações são as seguintes:

a) A estrela seria uma personalidade, como um anjo, que teria por expressa ordem de Deus guiado os magos a Jerusalém.

b) Tanto a estrela como a narrativa seriam um mito, uma criação do autor para engrandecer a Jesus e a história de seu nascimento. É idéia que agrada aos modernistas, mas não passa de grosseira conjectura, destituída de todo da mente religiosa.

c) A estrela teria sido um fenômeno divino dado só aos magos como ponto de significação divina, pois ninguém, além deles, podia vê-la.

d) Seria um tipo de astro especialmente preparado por Deus, para guiar os magos. Talvez seja a idéia mais comum, especialmente nos tempos mais modernos (Nm 24.7).

e) Seria um cometa.

f) Teria sido uma conjunção de planetas; assim, opinou o astrônomo Kepler, e também Munter, Ideler e diversos intérpretes e comentaristas. Contudo, a explicação natural deve ser a que está no ponto "d".

7. As opiniões lendárias

As lendas que tratam da visita dos magos dizem que um era da Índia, outro da Grécia e o terceiro do Egito. Mas isso não é ponto de vista histórico; e, sim, lendário.

A dificuldade existe na posição geográfica entre a terra de Israel e a terra de Sabá, país do extremo Sul. Entretanto, em tempos remotos, os sabaneus já foram chamados de "filhos do oriente" (Jó 1.3,15). É bem provável que a rainha *Makeda Aksum* em sua visita a Jerusalém, no tempo de Salomão, tenha adquirido uma cópia do Pentateuco, e isso proporcionou entre seus súditos o conhecimento das profecias messiânicas (cf. Nm 24.17 etc.).

Para muitos, a expressão: "...Voltaram para sua terra" dá-nos a entender que os magos eram oriundos de um só país.

Aqueles que identificam os magos como procedentes da Babilônia, acham que esses sábios foram influenciados pelas profecias de Daniel, Ezequiel, etc. Isso, entretanto, não oferece argumento lógico para tal afirmação. A posição mais lógica deve ser aquela já esboçada acima, isto é, que tal influência teve origem na visita da rainha de Sabá à terra de Israel. É bem provável que mil anos depois os súditos daquela gente ainda conservassem a chama ardente da esperança messiânica.(4)

No Século IV depois de Cristo, a Imperatriz Helena, mãe do Imperador Constantino, o Grande, interessou-se sobre o debate acerca da identificação dos magos.

Ela deve ter sido uma das mais atarefadas mulheres que a história registra, a julgar por seus descobrimentos de relíquias e lugares santos. Fez uma viagem à terra de Israel, acompanhada por sacerdotes e uruditos, incluindo um astrólogo e, uma vez chegados ali, ela e seu séquito muito conseguiram fazer! Concordaram sobre o local exato do nascimento do menino, ordenando a ereção de uma ornamentada igreja no local, em substituição à modesta capela.

Segundo a história, essa rainha encontrou nesta expedição três esqueletos, declarando-os como pertencentes aos três magos (?), depois ela ordenou que os mesmos fossem exumados e removidos para a cidade de Constantinopla e ali, depositados na Igreja de Santa Sofia.

Paralelamente com este achado, cria-se a lenda do batismo dos magos por Tomé, apóstolo de Jesus, dizendo: "S. Tomé apóstolo, passou à Índia a pregar o Evangelho, e os reis caldeus,

que com esta missão percorriam o mundo havia alguns anos, receberam o batismo das mãos do discípulo de Jesus Cristo. Mais tarde, cheios de fé, instruídos nos santos mistérios da nova lei, os indomitos moradores dos bosques da Índia, Gaspar e Baltazar sofreram o martírio, morrendo às mãos duma horda de ferozes e descritos idólatras. Malchior, o mais novo dos três, livrando-se da morte, encaminhou-se para a Índia Oriental, sua pátria, e foi refugiar-se na cidade de Cangranor. Uma vez ali, com suas riquezas, fundou a cidade de Caleêncio, e, com o coração cheio de fé cristã, erigiu um templo em honra ao glorioso Filho de Maria.'' A tradição ainda acrescenta que, durante uma expedição realizada pela mãe de Constantino, o Grande, ela encontrou os esqueletos dos magos (?) como já tivemos ocasião de ver. Da Igreja de Santa Sofia, seus ossos foram levados para Milão, e, por fim, transportados por Frederico Barbarosas, para Colônia, onde os três crânios dos magos (?) se encontram numa urna de ouro.

(1) O NT Int. v. p. v. R. N. Champlin, Ph, D. 1982
(2) Manual Bibl. de Hal. 1983
(3) A Bibl. T. Raz. W. K. 1987
(4) O NT Int. v. p. v. R. N. Champlin, Ph, D. 1982

6
As Profecias na Vida de Cristo

1. No Antigo e no Novo Testamento

A vida de nosso Senhor foi uma vida singular! Do ventre da virgem ao trono, seus passos, palavras e atos foram preditos com antecedência de séculos, no primeiro caso, e de alguns meses, no segundo.

Cerca de trezentos detalhes proféticos se cumpriram em sua pessoa durante os *33 anos* de sua existência terrena! Outros, porém, ultrapassam tal período.(1)

Para que o leitor tenha maior compreensão sobre o significado do pensamento, citaremos o ponto de partida (início do vaticínio) de cada profecia no Antigo Testamento, e seu ponto de chegada (consolidação) em o Novo.

JESUS:

Seria concebido no ventre de uma virgem

"Portanto o mesmo Senhor vos dará um sinal: Eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e será o seu nome EMANUEL" (Is 7.14).

"Tudo isto, aconteceu para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor, pelo profeta, que diz: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e chamá-lo-ão pelo nome de EMANUEL, que traduzido é: Deus conosco" (Mt 1.22,23).

Nasceria de uma mulher

"E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente

e a sua semente: esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar'' (Gn 3.15).

''Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho nascido de mulher, nascido sob a lei'' (Gl 4.4).

Nasceria em Belém

''E tu, Belém Efrata, posto que pequena entre as milhares de Judá, de ti me sairá o que será Senhor em Israel, e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade'' (Mq 5.2).

''E, congregados todos os príncipes dos sacerdotes, e os escribas do povo, perguntou-lhes onde havia de nascer o Cristo. E eles lhe disseram: Em Belém da Judéia, porque assim está escrito pelo profeta: E tu Belém, terra de Judá, de modo nenhum és a menor entre as capitais de Judá, porque de ti sairá o Guia que há de apascentar o meu povo de Israel'' (Mt 2.4-6).

Seu nome pessoal seria Jesus

''E eis que em teu ventre conceberás e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus'' (Lc 1.31).

Seu nome profético seria Emanuel

''Portanto o mesmo Senhor vos dará um sinal: Eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e será o seu nome EMANUEL'' (Is 7.14).

''Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e chamá-lo-ão pelo nome de EMANUEL, que traduzido é: Deus conosco'' (Mt 1.23).

Seu nome de cidadão seria Nazareno

''E chegou, e habitou numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que fora dito pelos profetas: Ele será chamado Nazareno'' (Mt 2.23).

''E ele lhes perguntou: Quais? E eles disseram: As que dizem respeito a Jesus Nazareno, que foi varão profeta, poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo'' (Lc 24.19).

Seria visitado por embaixadores reais

''Os reis de Társis e das ilhas trarão presentes; os reis de Seba e de Sabá oferecerão dons'' (Sl 72.10).

''A multidão de camelos te cobrirá, os dromedários de Midiã e Efa; todos virão de Seba: ouro e incenso trarão, e publicarão os louvores ao Senhor'' (Is 60.6).

''E, tendo nascido Jesus em Belém da Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do Oriente a Jerusalém,

dizendo: Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? porque vimos a sua estrela no Oriente, e viemos a adorá-lo'' (Mt 2.1,2).

Seria peregrino no Egito

''Quando Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei a meu filho'' (Os 11.1).

''E esteve lá até a morte de Herodes, para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor pelo profeta, que diz: Do Egito chamei o meu Filho'' (Mt 2.15).

Sua fuga seria precedida pela morte de inocentes

''Assim diz o Senhor: Uma voz se ouviu em Ramá, lamentação, choro amargo; Raquel chora seus filhos, sem admitir consolação por eles, porque já não existem'' (Jr 31.15).

Então se cumpriu o que foi dito pelo profeta Jeremias, que diz: Em Rama se ouviu uma voz, lamentação, choro e grande pranto: Raquel chorando seus filhos, e não querendo ser consolada, porque já não existem'' (Mt 2.17,18).

Seria predito por um precursor

''Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor: endireitai no ermo vereda a nosso Deus'' (Is 40.3).

''Porque este é o anunciado pelo profeta Isaías, que disse: Voz do que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas'' (Mt 3.3).

Sua residência seria nos confins de Zebulom e Naftali

''Mas a terra que foi angustiada, não será entenebrecida. Ele envileceu, nos primeiros tempos, a terra de Zebulom, e a terra de Naftali...'' (Is 9.1a).

''E, deixando Nazaré, foi habitar em Cafarnaum, cidade marítima, nos confins de Zebulom e Naftali, para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta Isaías, que diz: A terra de Zebulom, e a terra de Naftali...'' (Mt 4.13-15a).

Seria um grande profeta

''Eis lhes suscitarei um profeta no meio de seus irmãos, como tu, e porei as minhas palavras na sua boca, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar'' (Dt 18.18).

''Este é aquele Moisés que disse aos filhos d'Israel: O Senhor vosso Deus vos levantará dentre vossos irmãos um profeta como eu; a ele ouvireis'' (At 7.37).

Seria sacerdote

"Jurou o Senhor, e não se arrependerá: tu és sacerdote eterno, segundo a ordem de Melquisedeque" (Sl 110.4).

"Chamado por Deus sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque" (Hb 5.10).

Seria rei ungido

"Eu porém ungi o meu Rei sobre o meu santo monte de Sião" (Sl 2.6).

"Disse-lhe pois Pilatos: Logo tu és rei? Jesus respondeu: Tu dizes que sou rei. Eu para isso nasci, e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz" (Jo 18.37).

Seria feito menor que os anjos

"Contudo, pouco menor o fizeste do que os anjos, e de glória e de honra o coroaste" (Sl 8.5).

"Vemos, porém, coroado de glória e de honra aquele Jesus que fora feito pouco menor do que os anjos, por causa da paixão da morte, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todos" (Hb 2.9).

Seu louvor foi profético

"Então declararei o teu nome aos meus irmãos: louvar-te-ei no meio da congregação (Sl 22.22).

"...Anunciarei o teu nome a meus irmãos, cantar-te-ei louvores no meio da congregação" (Hb 2.12).

"E, tendo cantado o hino, saíram para o monte das Oliveiras" (Mt 26.30).

Suas palavras foram proféticas

"Então disse: Eis aqui venho; no rolo do livro está escrito de mim: Deleito-me em fazer a tua vontade, ó Deus meu..." (Sl 40.7,8a).

"Pelo que, entrando no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste, mas corpo me preparaste. Holocaustos e oblações pelo pecado não te agradaram. Então disse: Eis aqui venho (no princípio do livro está escrito de mim), para fazer, ó Deus, a tua vontade" (Hb 10.5-7).

Seria ungido para pregar

"O Espírito do Senhor Jeová está sobre mim; porque me ungiu, para pregar boas-novas aos mansos: enviou-me a restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos, e a abertura da prisão aos presos" (Is 61.1).

"O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a curar os quebrantados de coração... Então começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos" (Lc 4.18,21).

Seria cheio do Espírito Santo

"Tu amas a justiça e aborrece a impiedade; por isso Deus [Filho], o teu Deus [Pai] te ungiu com óleo de alegria, mais do que a teus companheiros" (Sl 45.7).

"Amaste a justiça e aborreceste a iniqüidade; por isso Deus [Filho], o teu Deus [Pai] te ungiu, com óleo de alegria mais do que a teus companheiros" (Hb 1.9).

Seus ensinos seriam por parábolas

"Abrirei a minha boca numa parábola: proporei enigmas da antiguidade" (Sl 78.2).

"Para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta, que disse: Abrirei em parábolas a minha boca; publicarei coisas ocultas desde a criação do mundo" (Mt 13.35).

A sua voz seria suave

"O seu falar é muitíssimo suave; sim, ele é totalmente desejável. Tal é o meu amado, e tal o meu amigo, ó filhas de Jerusalém" (Ct 5.16).

"Não clamará, não se exaltará, nem fará ouvir a sua voz na praça" (Is 42.2).

Não contenderá, nem clamará, nem alguém ouvirá pelas ruas a sua voz" (Mt 12.19).

Seria reputado como um desconhecido

"Tenho-me tornado como um estranho para com os meus irmãos, e um desconhecido para com os filhos de minha mãe" (Sl 69.8).

"Porque nem mesmo seus irmãos criam nele" (Jo 7.5).

Israel rejeitaria seu ensino

"Então disse ele: Vai, e dize a este povo: Ouvis, de fato, e não entendeis, e vedes, em verdade, mas não percebeis. Engorda o coração deste povo, e endurece-lhe os ouvidos, e fecha-lhe os olhos; não venha ele a ver com os olhos e a ouvir com os ouvidos e a entender com o seu coração, e a converter-se, e a ser sarado" (Is 6.9,10).

"E neles se cumpre a profecia de Isaías, que diz: Ouvindo, ouvireis, mas não compreendereis, e, vendo, vereis, mas não

percebereis. Porque o coração deste povo está endurecido, e ouviram de mau grado com seus ouvidos, e fecharam seus olhos para que não vejam com os olhos e ouçam com os ouvidos, e compreendam com o coração, e se convertam, e eu os cure" (Mt 13.14,15).

Purificaria o Templo

"Pois o zelo da tua casa me devorou, e as afrontas dos que te afrontam caíram sobre mim" (Sl 69.9).

"E os seus discípulos lembraram-se do que está escrito: O zelo da tua casa me devorará" (Jo 2.17).

Levaria nossas enfermidades em seu corpo

"Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido" (Is 53.4).

"Para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta Isaías, que diz: Ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e levou as nossas doenças" (Mt 8.17).

Seria traído por um amigo

"Até o meu próprio amigo íntimo, em quem eu tanto confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o seu calcanhar" (Sl 41.9).

"Não falo de todos vós; eu bem sei os que tenho escolhido; mas para que se cumpra a Escritura: O que come o pão comigo, levantou contra mim o seu calcanhar" (Jo 13.18).

Este amigo o venderia por trinta moedas

"E eu disse-lhes: Se parece bem aos vossos olhos, dai-me o que me é devido, e, se não, deixai-o. E pesaram o meu salário, trinta moedas de prata. O Senhor pois me disse: Arroja isso ao oleiro, esse belo preço em que fui avaliado por eles. E tomei as trinta moedas de prata, e as arrojei ao oleiro na casa do Senhor" (Zc 11.12,13).

"Então se realizou o que vaticinara o profeta Jeremias: Tomaram as trinta moedas de prata, preço do que avaliado, que certos filhos de Israel avaliaram. E deram-nas pelo campo ao oleiro, segundo o que o Senhor determinou" (Mt 27.9,10).

Esse amigo se perderia

"Quando for julgado, saia condenado; e em pecado se lhe torne a sua oração. Sejam poucos os seus dias, e outro tome o seu ofício" (Sl 109.7,8).

"Estando eu com eles no mundo, guardava-os em teu nome. Tenho guardado aqueles que tu me deste, e nenhum deles se perdeu, senão o filho da perdição, para qu a Escritura se cumprisse" (Jo 17.12).

"Porque no livro dos Salmos está escrito: Fique deserta a sua habitação, e não haja quem nela habite, e tome outro o seu bispado" (At 1.20).

Seria preso no Getsâmane

"Ó espada, ergue-te contra o meu Pastor e contra o varão que é o meu companheiro, diz o Senhor dos Exércitos: fere o Pastor, e espalhar-se-ão as ovelhas; mas volverei a minha mão para os pequenos" (Zc 13.7).

"Então Jesus lhes disse: Todos vós esta noite vos escandalizareis em mim; porque está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho se dispersarão" (Mt 26.31).

Seus pés e mãos seriam traspassados

"Pois me rodearam cães: o ajuntamento de malfeitores me cercou, traspassaram-me as mãos e os pés" (Sl 22.16).

"E outra vez diz a Escritura: Verão aquele que traspassaram" (Jo 19.37).

Seus vestidos seriam repartidos

"Repartem entre si os meus vestidos, e lançam sortes sobre a minha túnica" (Sl 22.18).

"Disseram pois uns aos outros: Não a rasguemos, mas lancemos sortes sobre ela, para ver de quem será. Para que se cumprisse a Escritura que diz: Dividiram entre si os meus vestidos, e sobre a minha vestidura lançaram sortes. Os soldados, pois, fizeram estas coisas" (Jo 19.24).

Seria contado com os malfeitores

"Pelo que lhe darei a parte de muitos, e com os poderosos repartirá ele o despojo; porquanto derramou a sua alma na morte, e foi contado com os transgressores..." (Is 53.12a).

"E crucificaram com ele dois salteadores, um à sua direita, e outro à sua esquerda. E cumpriu-se a Escritura que diz: E com os malfeitores foi contado" (Mc 15.28).

Seria zombado na cruz

"Todos os que me vêem zombam de mim, estendem os beiços e meneiam a cabeça, dizendo: confiou o Senhor, que o livre; livre-o, pois nele tem prazer" (Sl 22.7,8).

"E os que passavam blasfemavam dele, meneando as suas cabeças, e dizendo: Ah! tu que derribas o templo,, e em três dias o edificas!" (Mc 15.29)

Sentiria sede na cruz

"Deram-me fel por mantimento, e na minha sede me deram a beber vinagre" (Sl 69,21).

"Depois, sabendo Jesus que já todas as coisas estavam terminadas, para que a Escritura se cumprisse, disse: Tenho sede. Estava pois ali um vaso cheio de vinagre. E encheram de vinagre uma esponja, e, pondo-a num hissope, lhe chegaram à boca" (Jo 19.28,29).

Suas palavras na cruz eram proféticas

"Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?..." (Sl 22.1a).

"E perto da hora nona exclamou Jesus em alta voz, dizendo: Eli, Eli, lama sabactâni, isto é, Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mt 27.46).

Seus ossos não seriam quebrados

"Poderia contar os meus ossos: eles vêem e me contemplam" (Sl 22.17).

"Porque isto aconteceu para que se cumprisse a Escritura, que diz: Nenhum dos seus ossos será quebrado" (Jo 19.36).

Seu corpo seria reclamado por um homem rico

"E puseram a sua sepultura com os ímpios, e com o rico na sua morte..." (Is 53.9a).

"E, vindo já a tarde, um homem rico de Arimatéia, por nome José... Este foi ter com Pilatos, e pediu-lhe o corpo de Jesus..." (Mt 27.57,58a).

Sua alma não ficaria no Hades

"Pois não deixarás a minha alma no Inferno..." (Sl 16.10a).

"Nesta previsão, disse da ressurreição de Cristo: que a sua alma não foi deixada no Hades..." (At 2.31a).

Sua ressurreição

"Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra" (Jó 19.25).

"Inclinai os vossos ouvidos, e vinde a mim; ouvi, e a vossa alma viverá; porque convosco farei um concerto perpétuo, dando-vos as firmes beneficências de Davi" (Is 55.3).

"E disse-lhes: Assim está escrito, e assim convinha que o

Cristo padecesse, e ao terceiro dia ressuscitasse dos mortos'' (Lc 24.46).

''E que o ressuscitaria dos mortos, para nunca mais tornar à corrupção disse-o assim. As santas e fiéis bênçãos de Davi vos darei'' (At 13.34).

Sua volta ao Céu

''Tu subiste ao alto, levaste cativo o cativeiro, recebeste dons para os homens, e até para os rebeldes, para que o Senhor Deus habitasse entre eles'' (Sl 68.18).

''Pelo que diz: Subindo ao alto [céu], levou cativo o cativeiro e deu dons aos homens'' (Ef 4.8).

Seria ali recebido pelo Pai

''Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó entradas eternas, e entrará o Rei da Glória'' (Sl 24.7).

''Os quais lhe disseram: Varões galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como o vistes ir'' (At 1.11).

Se assentaria no Trono do Pai

''Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha mão direita...'' (Sl 110.1a).

''...Havendo feito por si mesmo a purificação dos nossos pecados, assentou-se à destra da majestade nas alturas'' (Hb 1.3b).

Faltar-me-ia o tempo e o espaço contando de outras profecias sobre a vida daquele para quem são todas as coisas! Essas, porém, são para nós mais que suficientes para vermos como as Escrituras são proféticas e se combinam entre si em cada detalhe![2]

---

[1] **Vie de Jésus. W. 1945**

[2] **O NT Int. v. p. v. R. N. Champlin, Ph. D. 1982**

7
A Filiação de Cristo

1.O Ungido do Senhor

"Eu porém ungi o meu Rei sobre o meu santo monte de Sião" (Sl 2.6).

O vocábulo "Cristo", sendo um adjetivo, tornou-se nome próprio devido ao seu uso nos evangelhos. Assim foi usado até mesmo pelo próprio Senhor (Mt 23.8,10). É tradução do vocábulo "Messias", que no hebraico significa "Ungido" ou "O Rei Ungido".

Isso trazia em si tal sentido, por os reis, os sacerdotes e os profetas pertencerem a uma classe de pessoas que têm o direito de ser ungidas, símbolo da confirmação de seu cargo. *Jesus*, o maior de todos os reis, sacerdotes e profetas, é chamado de "O Cristo", superior a todos os outros, porque sua unção foi especial: veio do Espírito Santo de Deus, e não de origem terrena. Já no que diz respeito à sua filiação, o Messias tinha de provar sua linhagem divina (partindo de Deus), e, semelhantemente, sua linhagem humana (partindo de Davi).

Assim aparece nosso Senhor no cenário mundial, como:

2. O Filho de Davi

"Acerca de seu Filho, que nasceu da descendência de Davi segundo a carne" (Rm 1.3). É interessante acompanhar, através das Escrituras, a linhagem messiânica, a partir de Sem (Gn 9.27), através de Abraão (Gn 12.1-3), Isaque (Gn 26.2-5), Jacó (Gn 28.13-15) e, a partir daí, segue em direção a Davi, onde a promessa

de realeza é reativada. O Pacto Davídico (2 Sm 6.5-16) foi dado ao Rei Davi por Natã, profeta de Deus. Foi reafirmado a Maria pelo anjo Gabriel na Anunciação registrada em Lucas 1.26,27, que diz: "...o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai". Nesta passagem se unem perfeitamente as duas linhas da verdade profética referentes ao Messias. Cristo havia de nascer da Virgem (Is 7.14) e da semente de Davi (2 Sm 7.12-16).

Assim podemos observar que o Messias deveria ser Ben-Davi. Esse foi o título do Messias e representa, de forma especial, a esperança do reino de Israel e a esperança do poder e da salvação que o novo "Davi" traria. A genealogia prova o direito que Jesus tinha de ser chamado "O Messias". Jesus possuía as qualidades do Messias, tanto no plano espiritual como na descendência física. Por essa razão, Abraão, Pai da raça israelita, foi progenitor de Jesus. A genealogia não vai além de Abraão porque o evangelho (Mateus) foi escrito especialmente para os judeus. Já a genealogia de Lucas, que vê Jesus como "O Filho do homem", segue retrocendo de Jesus a Adão. Os judeus tinham em mente que o Cristo tinha de ser da descendência de Davi e esta esperança era derivada de uma forte adesão às Escrituras. Então eles disseram: "Não diz a Escritura que o Cristo vem da descendência de Davi, e de Belém, da aldeia donde era Davi?" (Jo 7.42). O próprio título "Filho de Davi" aparece nos evangelhos desde a primeira linha de Mateus 1.1, e depois nos lábios daqueles que criam em Jesus para dele exigirem socorro (Mt 9.27; 15.22; 20.20; Mc 10.27 e ss; Lc 18.38). Os Salmos nos dão numerosos ecos da importância do rei no Israel antigo, importância sempre relacionada à realeza de Jeová (Sl 2; 20; 45; 72; 101; 110; 132 etc.). E assim o povo israelita expressou sua fidelidade ao seu Deus e ao seu rei na esperança escatológica.

No presente argumento, portanto, Jesus nasceu, "Rei" para continuar sendo o Rei por excelência!

Realmente, é digno de nota que as duas mais importantes passagens sobre o nascimento virginal de Cristo atribuem-lhe um único propósito: para que Ele possa sentar-se no trono de Davi. Estas passagens dizem: "Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz. Do incremento deste principado e da paz não haverá fim, sobre o trono de Davi, e no seu reino, para o firmar e

o fortificar em juízo e em justiça, desde agora e para sempre; o zelo do Senhor dos Exércitos fará isto" (Is 9.6,7). "Este será grande, e será chamado filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai" (Lc 1.32).

Este mesmo propósito terreno está em vista na ressurreição de nosso Senhor. Pedro, no dia de Pentecoste, com referência à passagem do Salmo 16.8 e ss, declara que Cristo ressuscitou para sentar-se no trono de Davi: "Sendo pois ele [Davi] profeta, e sabendo que Deus lhe havia prometido com juramento que do fruto de seus lombos, segundo a carne, levantaria o Cristo, para o assentar sobre o seu trono" (At 2.30). Dentro deste conceito, dois pontos importantes devem ser anotados, de acordo com o pensamento e argumento principal da Bíblia: Cristo é a "raiz de Davi"; Cristo é a "estrela da manhã".

Cristo, a "raiz de Davi". Na passagem que diz que Cristo é a "raiz de Davi" diz também que Ele é a "estrela da manhã" (Ap 22.16).

Somente nosso Senhor podia reconciliar em sua Pessoa ofícios e funções opostos. Ele é *Pastor* e *Cordeiro*; *Sacerdote* e *Sacrifício*; *Vinho* e *Videira*; *Rei* e *Servo*. Então Ele próprio nos diz ser *raiz* e *estrela*. Considere a tremenda diferença que há entre uma raiz e uma estrela. Não há unidade natural entre as duas; são totalmente diferentes. Contudo, Jesus une ambas em seu próprio ser.

A raiz é local, pregada a um lugar. Procede de uma semente em determinado solo e deve permanecer onde encontra alimento. A estrela, por outro lado, é universal; derrama luz e influência sobre o mundo.

Pontos extremos encontram-se em Cristo. Como raiz e semente de Davi, Ele procedeu de uma família real. Foi a "...raiz de Jessé..." (Is 11.10) e, posteriormente, a "...raiz de Davi..." (Ap 22.16). Isto significa que nosso Senhor pertenceu, do lado humano, à descendência de Davi (Rm 1.3); porém, do lado divino, pertenceu a uma existência interminável que ultrapassa o infinito. Tal combinação traz esperança e consolo aos nossos corações, pois precisamos de assistência contínua deste amigo celestial e terreno.

A raiz é plantada pela mão do homem, cresce na terra, desenvolve-se sob o cuidado do jardineiro. Embora criada por Deus.

A estrela é de ordem diferente. É plantada nos céus pela mão

divina, embora observada pela humanidade. Expressando o significado do pensamento, Cristo é singular em todos os aspectos. Ele se combina tanto no conhecido. "...as trevas e a luz" são para Ele a mesma coisa (Sl 139.12). Como raiz, Ele está oculto na glória e enterrado em nosso coração. Contudo, não pode ser ocultado.

Raízes e estrelas, pertencendo a mundos diferentes, sugerem que Jesus é cidadão de ambos os mundos. Nos dias de sua carne, jamais, com exceção do Egito, viajou além da Terra Santa. Hoje, porém, é a luz do mundo e o desejado de todas as nações. Embora de descendência judaica, não se confina aos limites estreitos da nacionalidade. É um judeu sempre em todos os lugares. Mas todas as famílias da terra o reivindicam como o "Senhor de todos".

Portanto, concluindo este pensamento, podemos dizer como disse o apóstolo Paulo: "...Cristo é tudo em todos" (Cl 3.11b).

3. O Filho do homem

O termo "Filho do homem" deriva-se de uma expressão hebraica que significa, principalmente, uma posição humilde, ou ausência de privilégios especiais. Por cerca de 80 vezes essa expressão é usada para indicar Jesus, e não é usada com referência a algum profeta por vir, como alguns rabinos supõem.(1)

Mateus 16.13-15 mostra que, embora Jesus tivesse falado na terceira pessoa, o termo se refere a Ele mesmo. Então tal apelativo pode conter dois sentidos principais, a saber:

Primeiro, a apresentação de Jesus como ser humano típico, isto é, representante da raça humana no mais pleno sentido da palavra. Esse é o significado comum dos termos que contêm a expressão "filho de", etc.

Segundo, identificação que Jesus fez de si mesmo com o personagem profético de Daniel 7.13,14. Tudo indica que Jesus usou esse termo com ambos os sentidos. Sua missão usualmente é implícita, incluindo até a sua missão futura, ambas em um segundo advento (Mt 10.23), e como Juiz Universal (Jo 5.22-27). Esse título "Filho do homem" havia se tornado uma figura messiânica mais corrente (Jo 3.13). Motivo por que, um exame dos textos evangélicos permite, quase sem possibilidade de erro, preferir que, ao designar-se "Filho do homem", Jesus escolheu o título, evidentemente, menos comprometido pelo nacionalismo judeu e pelas esperanças bélicas. Havia também uma esperança judaica do

"homem dos últimos tempos" (cf. Rm 5:12-21; 1 Co 15.22,47; Fl 2.5-11).

Outrossim, haveria de ser este título consolidado naquele homem cujo nome seria "o Renovo de Jeová", como descreve o profeta Zacarias em 6.12: "...Eis aqui o homem cujo nome é Renovo..." Portanto, esse nome "Renovo" ligado à humanidade de Cristo, é empregado de cinco maneiras nas Escrituras:(2)

a) *O Renovo de Jeová* (Is 4.2). Isto é, Cristo como Emanuel (Is 7.14), para ser plenamente manifestado a Israel restaurado e convertido depois da sua volta em divina glória (cf. Mt 25.31).

b) *O Renovo de Davi* (Is 11.1; Jr 23.5; 33.15), isto é, o Messias sofredor, "...da semente de Davi segundo a carne" (Rm 1.3b), revelado na glória terrestre como o Rei dos reis e Senhor dos senhores (cf. Ap 19.16).

c) *O Servo de Jeová, o Renovo* (Zc 3.8). Isto é, o Messias em sua humilhação e obediência até a morte, e "morte de cruz" de acordo com Isaías 52.13,15; 53.1-12; Filipenses 2.5-8.

d) *O Homem cujo nome é Renovo* (Zc 6.12,13). Isto é, seu caráter, como Filho do homem, o "Último Adão", o "segundo homem" (1 Co 15.45-47), reinando como sumo Sacerdote-Rei sobre a terra, no domínio dado a, e perdido pelo primeiro Adão. Nos evangelhos, encontramos a simbologia completa deste Renovo de Jeová:

Em Mateus, que é o evangelho do Rei, Ele aparece sendo Renovo de Davi.

Em Marcos, que é o evangelho do Servo, Ele aparece como sendo o Renovo • Servo de Jeová.

Em Lucas, que é o evangelho do Filho do Homem, Ele aparece como sendo o "Homem, cujo nome é Renovo".

E em João, que é o evangelho celestial, Ele aparece como o "Filho de Deus", e Renovo de Jeová.

e) *O Renovo cujo nome é "A Raiz de Davi"* (Ap 5.5). Isto é, Jesus como "o Glorioso Leão da Tribo de Judá". Estes títulos foram conferidos a Cristo, a fim de expressar nele e através dele a idéia de Mediador. "Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e o homem, Jesus Cristo, homem (1 Tm 2.5).

Na qualidade de "Mediador", Cristo incorpora vários aspectos de sua missão, tanto terrena como celestial. Então Ele podia ser o "Filho de Deus" em relação à sua natureza divina, ou "o Filho do

homem'' em relação à sua natureza humana; e, ainda, ''o Filho de Davi'' no que diz respeito à sua realeza propriamente dita.

No grego temos a palavra ''mesites'' que significa *árbitro, mediador* (cf. Gl. 3.19,20). Na Epístola aos Hebreus, esse termo é quase exclusivo para indicar a missão plena de nosso Senhor Jesus (8.6; 9.15; 12.24). Assim, Cristo, na qualidade de ''mediador'', torna realidade os propósitos salvadores de Deus para com os homens. Sua missão terrena inteira foi efetuada dentro do âmbito dessa mediação.

Mas além disso, no Céu, Cristo continua a posição de mediador, intercedendo incessantemente por seus remidos (Rm 8.34).

Necessariamente, portanto, há quatro aspectos fundamentais na mediação de Cristo para com os homens:

1º) Houve uma mediação de Cristo. Antes de Ele encarnar isso teve lugar na criação (Jo 1.3; 10; Cl 1.16; Hb 1.2), pois Cristo foi o Criador que trabalhou em consonância com o Pai. E nos propósitos dos decretos divinos Cristo agira como mediador da salvação dos homens, desde a eternidade passada (Ef 1.3,4). A ''eleição é em Cristo'' e todas as bênçãos celestiais fluem da parte dele, sendo mediadas por Ele (Rm 8.29; Ef 1.3).

2º) Houve a mediação na redenção, quando no ministério terreno de Cristo. A vida, a morte, a cruz, e o sangue de Cristo são os elementos dessa mediação (At 15.11; 20.28; Rm 3.24; 5.10,17; 7.4; 2 Co 5.18; Ef 1.7; Cl 1.20; 1 Jo 4.9). Além disso, Cristo é o Filho de Deus, enviado por Deus Pai, para redimir os pecadores.

3º) Há uma mediação contínua de Cristo. Contínua vívida e contínua a sua mediação (Jo 14.6; Rm 5.2; 8.34). Por meio dele entramos na posse de todas as bênçãos espirituais (Rm 1.5; 2 Co 1.15,30; Ef 1.3; Fp 1.11).

4º) Há uma mediação futura. A obra de Cristo é aplicável a todas as fases de nossa redenção. A sua glorificação será por nós compartilhada, e isso envolverá um processo eterno, e não um acontecimento isolado ou transitório. Jamais chegará o tempo em que essa mediação de Cristo tornar-se-á desnecessária e obsoleta. Ele é para nós agora o que continuará sendo na eternidade futura (Hb 13.8 etc.).

4. O Filho de Deus

O expressivo ''Filho de Deus'', aplicado a Jesus, é bastante

freqüente em o Novo Testamento. Aparece 31 vezes nos evangelhos Sinôticos, 23 vezes em João, 3 vezes em Atos, 42 vezes nas Epístolas e 1 vez no Apocalipse, sob duas formas de significação igual: Jesus • Filho de Deus e Jesus • o Filho de Deus. Sendo que esta última formulação é, com exceções em algumas conexões, particularmente dos textos joaninos e da Epístola aos Hebreus. Isso dá a Jesus a significação de "Filho de Deus" em sentido pleno. "...tu és meu Filho, hoje te gerei..." E "...o Filho Unigênito de Deus". Essa expressão torna-se um termo que designa, fundamentalmente, a natureza divina de Jesus. Assume uma natureza transcendental, e passa a ser um título que indica a natureza divina exaltada do salvador dos homens. Por causa desta filiação, Ele é reconhecido como o verdadeiro Messias, o Salvador qualificado para salvar. Jesus, é, então, o Filho especial de Deus no mais alto sentido da palavra. Em relação a Deus Pai, Ele é o "Filho Unigênito", isto é, foi gerado eternamente, mantendo um relacionamento especial para com o Pai, dentro da unidade da Trindade. No que concerne a nós, Ele é o "Primogênito", por ter sido o primeiro Filho, dentre um grande número de filhos. Esses filhos estão destinados a compartilhar de sua natureza, e, portanto, da sua filiação, embora de maneira finita, ao passo que o Filho, é o Filho de Deus em sentido infinito. Quanto à sua proeminência, por ser o Filho supremo, o favorito do Pai, Ele é então, "...O Filho do seu amor" (Cl 1.13). Isso indica a sua "dignidade", em comparação com qualquer outro que possa ser chamado de "filho". Ele é o primeiro, tal como um "primogênito" que recebia dupla porção da herança, de acordo com os costumes do Antigo Testamento. Ele é, então, antes do "amanhã do tempo", pois, se diz dele ser do "hoje da eternidade".

"...Tu és o meu Filho, hoje te gerei..."; esse é o elemento que descreve as origens daquele "cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade".(3)

Para os comentaristas, entretanto, esse "hoje" é o elemento mais difícil quando descrevemos a preexistência de Cristo. Qual é o sentido da palavra "hoje"? As conjecturas são diversas, a saber:

a) Antes do começo do tempo.

b) Antes da encarnação.

c) Geração eterna em que o dia seria o "dia da eternidade", e não um dia de 24 horas, sem qualquer intuito de identificar algum começo.

Parece que esta última posição é certamente a expressão mais correta, pois a filiação é eterna, quando falamos sobre Deus Pai e Deus Filho dentro da deidade, e a palavra "gerar", nesse caso, não indica nenhum começo.

Os anjos dentro de sua existência vivem para observar os séculos passarem, mas séculos multiplicados não fazem uma eternidade. Em Isaías 9.6, Cristo é chamado de "Pai da eternidade" e Miquéias declara que este mesmo Jesus que pelo lado humano nasceria em Belém, foi, do lado divino, aquele "...cujas saídas são desde ...os dias da eternidade".

Portanto, como "Filho do homem", nosso Senhor teve sua vida marcada pelo ciclo do tempo; no que diz respeito à sua divindade, porém, Ele é "antes de qualquer tempo". Ele estava no princípio com Deus! Ele é "antes de todas as coisas!"

A característica mais notável de ensinamento de Jesus é sua proclamação da paternidade de Deus. É verdade que em poucos casos Deus já havia sido proclamado como Pai, no Antigo Testamento, porém, em todos estes casos Ele é considerado Pai de seu povo, e não do crente individual. Jesus proclamou a Deus como Pai numa maneira nova e mais pessoal.

Nos evangelhos existem cerca de 150 instâncias nas quais Jesus se refere a Deus como Pai. Ele ensinou que Deus era seu próprio Pai, num sentido único (Mt 11.25-27; 15.13; 16.13-17; 26.29,63,64; 27.43; 28.18-20; Mc 8.38; 12.6; 35-37; 13.24-27; 14.61,62; Lc 2.49; 10.21,22; 20.41-44; 22.29; 23.46; Jo 3.35; 5.18,22,23, etc.). Ele nunca equiparou a paternidade de Deus em relação a Ele mesmo com a paternidade de Deus em relação aos seus discípulos ou ao povo em geral. Ele nunca orou a Deus chamando-o de "...nosso Pai, mas sempre se dirigiu a Ele diretamente como "Pai" ou como "...meu Pai" (Mt 11.25; Mc 14.36; Lc 10.21; Jo 11.41; 17.1-26 etc.). Quando falava com seus discípulos, nunca se referiu a Deus como "...nosso Pai", mas sempre como "meu Pai" (Mt 11.27; Lc 10.22; Jo 20.17), ou como "vosso Pai" (Mt 5.45,48; Mc 11.25,26). Essa clara demarcação, entre sua própria relação para com Deus, e a relação de outras pessoas para com Deus, permeia todo o seu ensinamento, tanto nos evangelhos sinóticos como no quarto evangelho. Nesse particular, Jesus não tem igual.

O ensinamento de Jesus referente à paternidade de Deus,

entretanto, não se limita à proclamação de sua relação sem paralelo entre Ele mesmo e Deus Pai. Ele igualmente ensinou aos seus discípulos que confiassem em Deus como Pai de todos os crentes.

No Sermão da Montanha, Ele se refere a Deus como Pai de seus discípulos não menos do que catorze vezes (Mt 6.1-34; Lc 6.36). Em vista dessa relação entre Deus e o indivíduo haver de ser a base da vida espiritual de seus seguidores, Jesus ensinou-lhes que cressem e orassem a Deus chamando-o de "...nosso Pai".

Este ensinamento de Jesus a respeito da paternidade de Deus, deu o golpe mortal contra a religião escribal prevalente, que estava sobrecarregada de formalidades, cerimônias e regulamentações.

No contexto humano, isto é, dentro da visualização humana, o próprio Pedro reconheceu ser Jesus aquilo que de fato dissera ser. Então ele afirma: "...*Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo*" (Mt 16.16b).

Imediatamente a esta confissão do apóstolo, Jesus lhe afirma, dizendo: "...Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque to não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus. Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja..." (Mt 16.17,18a). Afirmando ser Jesus o "Filho do Deus vivo", Pedro definiu muito bem sua origem divina, partindo do Pai. Isto é, o apóstolo entendeu que Jesus não somente era humano, mas que também era divino. Jesus então, passa a fundamentar a fé de seus discípulos nele como o verdadeiro Filho de Deus e a verdadeira Rocha de que tanto as Escrituras dão testemunho.

O apóstolo Pedro entendeu isso muito bem e Paulo de igual modo em seus elementos doutrinários.

Veja: "Ele [Jesus] é a *pedra* que foi rejeitada por vós, os edificadores, a qual foi posta por cabeça de esquina" (At 4.11; 1 Pe 2.6). "Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal *pedra* de esquina" (*Ef 2.20*). O próprio Jesus enfatiza isso em seus ensinos: "...Nunca lestes nas Escrituras: A *pedra* que os edificadores rejeitaram, essa foi posta por cabeça do ângulo?..." (Mt 21.42; 1 Pe 2.6 e ss).

Ora, nesta palestra de Pedro com nosso Senhor, encontramos no grego um jogo de palavras: Pedro é "pethros" ou "pedrinha", fragmento de uma "rocha" maciça, que sobre alguma coisa especial está edificada. Cristo é a "pedra" maciça, sobre a qual

está edificada a Igreja, tendo como fundamento central o "Cristo, o Filho do Deus vivo".

5. A genealogia de Cristo

A palavra "origem" (algumas vezes buscada na genealogia) só se aplica às coisas criadas. Ao pensamento em qualquer coisa que tenha origem, não estamos pensando em Deus. Este fato era normal que não temos notícia na Bíblia de especulações sobre a origem ou destino de Deus. Não havia especulações, sobre os antecessores de Deus nas tábuas genealógicas. Jesus era Deus! E na eternidade passada antes de sua encarnação, portanto, não encontramos investigação sobre a sua genealogia. Entretanto, desde que Ele se humanizou, ela está (e deve estar) presente para que tenhamos uma maior compreensão de sua origem humana.

Outrossim, devido à sua humanidade, foi necessário que, por expressa ordem de Deus, Ele fosse inserido numa genealogia humana; e, assim, consta o seu nome na lista de nomes mortais. Então se diz em Mateus 1.1: "Livro da geração de Jesus Cristo, filho de Davi..." e ss. Quando nos deparamos com as duas genealogias (Mateus e Lucas) que diferem entre si em alguns detalhes, devemos ter em mente que elas (as duas tábuas) referem-se a uma só pessoa; e não se originam de duas linhagens, uma sendo de José e a outra de Maria. Essa idéia foi universalmente aceita pela Igreja primitiva e continuou até o século XV, quando Annius de Viterbo, que morreu em 1502 d.C., achou uma diferença.

Segundo ele, entre a linhagem de José (em Mateus) e a linhagem de Maria (em Lucas) havia "pontos difíceis" de serem conciliados entre si por várias razões:

Primeiro: Mateus, apresenta Jacó como "pai" de José 1.16, e segue em direção a Jesus.

Segundo: Lucas, apresenta Heli como "pai" de José (3.23) e segue em direção a Adão...(4)

6. A harmonia das linhagens

Para os que pensam que a genealogia de Lucas dá a linhagem de Maria, e a de Mateus dá a de José, Jacó seria pai de José, e Heli seria o sogro (compare-se 1 Sm 24.11,16). O uso da palavra "pai" no hebraico e no grego, permitia que essa palavra fosse livremente no lugar de sogro, apesar de sogro não ser o parentesco verdadeiro e sim por afinidade.

Outros, porém, pensam que ambas as genealogias dão a linhagem só de José, e Jacó seria irmão de Heli; segundo o costume hebreu, quando Heli morreu, Jacó teria tomado sua viúva como esposa (compare-se Gn 38.1 e ss; Dt 25.5 e ss; Rt 4.5), e José seria filho de Jacó no sentido literal e de Heli, no sentido legal. Assim, é possível, embora um tanto obscuro, que José tenha sido filho de Jacó por nascimento, e filho de Heli por adoção, ou o inverso. Esta questão não é bastante solúvel, mas qualquer destas três interpretações é possível.

Nos versículos 3 a 6, da genealogia de Mateus, aparecem quatro nomes de mulheres, a saber: *Tamar* (Gn 38.11 e ss); *Raabe* (Js 2.1 e ss; Hb 11.31; Tg 2.25); *Rute* (Rt 1-4); e aquela que foi mulher de Urias, isto é, *Bate-Seba*, que o Espírito Santo omitiu o seu nome (2 Sm 12.10,24).

7. **Quarenta e duas gerações**

A genealogia do Salvador abrange 42 gerações, num período de dois mil anos (de Abraão a Cristo). Está dividida em três partes de catorze gerações cada uma.

O primeiro grupo, de Abraão ao rei Davi (Mateus), abrange mil anos aproximadamente. Na de Lucas abrange três mil anos (pois continua até Adão). Ela tem caráter descendente.

O segundo grupo, do rei Davi ao exílio babilônico, abrange um período de quatrocentos anos.

O terceiro grupo, do axílio a Cristo, tem treze gerações, sendo que a 14ª geração, obviamente inclui Maria ou Jesus, abrange um período de seiscentos anos... Evidentemente, quando uma "geração" traz em si o sentido genealógico, refere-se à sucessão de um pai por seu filho primogênito (primogenitura aqui é por direito nato ou adquirido).

De Adão a Cristo as gerações sobem (Mt 1.1-7); de Cristo até Adão, as gerações descem (Lc 3.23-38). De Adão até Abraão uma "geração" é calculada pelo decorrer de 100 anos; enquanto que, de Abraão até Cristo é de 40 anos aproximadamente (cf. Mt 24.34) e outros textos similares.(5)

---

(1) Voc. Bibl. J. J. V. Allmen. 1972
(2) Scofield, Dr. C. I. (Scofield Reference Bible)
(3) Teol. Sist. L. S. C. Vol. I. 1986
(4) Esc. Dout. das Últ. Coisas S. P. S. 1988
(5) op. cit. S. P. S. 1988

8

A Aparência Pessoal de Cristo

1. O retrato do Salvador

Sobre a aparência pessoal ou os traços físicos propriamente ditos de nosso Senhor Jesus Cristo, tem sido indagado pela imaginação humana no decorrer dos séculos que se passaram de sua existência terrena.

Com toda a probabilidade, os quadros convencionais de Jesus estão longe de transmitir sua verdadeira aparência. Todos os artistas seguem o estilo grego. Mas Jesus era judeu. Sua aparência pessoal não tomou menção particular nas Escrituras, como talvez, segundo nós gostamos de aquilatar que as coisas tivessem tomado. Há poucas alusões à sua aparência pessoal. Evidentemente, a pessoa de Jesus, em seu estado terreno, não é para ser objeto de contemplação ou forma de representação, mas sim, de adoração.

A mulher samaritana reconheceu que Jesus era judeu por seus traços físicos ou por seu sotaque galileu. Para ela, Ele não passava de um judeu comum, pelo menos quando começou a conversa entre os dois.

Não há base bíblica para alguém desenhar Cristo com uma auréola por sobre a cabeça, como os artistas fazem.

Sua vida pura, sem dúvida, dava-lhe uma aparência distinta; mas, necessariamente, essa aparência não ultrapassava os limites de sua humanidade. Em "tudo", diz a Bíblia, "...convinha que...fosse semelhante aos irmãos..." (Hb 2.17).

Quando nosso Senhor se humanizou, passou a possuir uma verdadeira aparência humana, pois foi feito "...semelhante aos

homens''. E, ''achado na forma de homem'' (Fp 2.7,8). O profeta Isaías (sete séculos antes) descreve sua aparência quando Ele se encontrava nos braços da cruz, dizendo: ''...não tinha parecer nem formosura; e, olhando nós para ele, nenhuma beleza víamos, para que o desejássemos'' (Is 53.2b). Entretanto, devemos ter em mente que o profeta está contemplando aí Cristo no Calvário, onde seu ''parecer estava desfigurado'' pela dor e pelo sofrimento; e, não sua aparência física propriamente dita. O Salmo 45.2, descreve o perfil da aparência de Cristo em termos admiráveis. Então ele diz: ''Tu é mais *formoso* do que os filhos dos homens...'' E no livro de Cantares de Salomão, se diz que Ele é extremamente formoso nos seguintes termos: ''O meu amado é cândido e rubicundo... A sua cabeça é como o ouro mais apurado; os seus cabelos são crespos, pretos como o corvo. Os seus olhos são como os das pombas junto às correntes das águas, lavados em leite, postos em engaste.

''As suas faces são como um canteiro de bálsamo, como colinas de ervas aromáticas; os seus lábios são como lírios que gotejam mirra.

As suas mãos são como anéis de ouro que têm engastadas as turquesas; o seu ventre como alvo marfim, coberto de safiras.

As suas pernas como colunas de mármore, fundadas sobre bases de ouro puro; o seu *parecer* como o Líbano, excelente como os cedros'' (Ct 5.10-15).

O profeta Isaías também descreve de relance um pouco a formosura de Cristo, quando diz: ''Os teus olhos verão o Rei na sua *formosura*, e verão a terra que está longe'' (Is 33.17).

2. Segundo a tradição

Sobre a aparência de nosso Senhor, a mais antiga descrição lendária data do IV Século. É uma carta atribuída a Públio Lêntulo, amigo de Pilatos, escrita ao Senado Romano. Não é autêntica. Temos abaixo uma parte dela transcrita por H. H. H. com o seguinte teor: ''Atualmente apareceu um homem revestido de grandes poderes. Seu nome é Jesus. Seus discípulos chamam-no Filho de Deus. É de estatura nobre e bem proporcional, seu rosto cheio de bondade, todavia, firme, de modo que os que o vêem, amam-no e temem-no. Seus cabelos têm a cor do vinho, estirados e sem lustro, mas a partir do nível dos ouvidos são anelados e brilhosos. Sua

testa, lisa e macia; suas faces não têm falha, realçadas por um rubor moderado; seu semblante é franco e bondoso.

"O nariz e a boca não têm defeito algum. Sua barba é cheia, da mesma cor dos cabelos; seus olhos, azuis e brilhantes em extremo.

"Reprovado ou censurado, é formidável; exortando e ensinando, é gentil e de linguagem afável. Ninguém o tem visto rir, porém, muitos, ao contrário, têm-no visto chorar.

"Esbelto e alto de porte, suas mãos são belas e finas. No falar é ponderado, grave, pouco dado à loquacidade; excede à maioria dos homens em beleza."([1])

Esta carta é encontrada em outros termos. Assim não se pode asegurar quais seus termos quando foi escrita. Todavia, não se pode negar veracidade em seus dizeres. Talvez até prejudicados pelas traduções. Ela, numa outra cópia, diz o seguinte:

"O Governador da Judéia Públio Lêntulo ao César Romano: Soube, ó César, que desejavas ter conhecimento do que passo a dizer-te.

"Há aqui um homem chamado Jesus Cristo, a quem o povo chama profeta e os seus discípulos afirmam ser o Filho de Deus, Criador do Céu e da Terra.

"Realmente, ó César, todos os dias chegam notícias das maravilhas deste Cristo. Para dizer-te em poucas palavras, Ele ressuscita mortos, cura doentes e surpreende toda Jerusalém.

"Belo e de aspecto insinuante, é uma figura tão majestosa, que todos o amam irresistivelmente. Sua fisionomia, de uma beleza incomparável, revela meiguice e, ao mesmo tempo uma tal dignidade, que, ao olhar para Ele, cada qual se sente obrigado a amá-lo e a temê-lo ao mesmo tempo.

"O cabelo dele, até a altura das orelhas, é da cor das searas maduras e daí aos ombros, é loiro muito claro e brilhante. É apartado ao meio por uma risca ao uso dos nazarenos. A barba é da cor dos cabelos e não muito larga e também dividida ao meio. O olhar é profundo e grave; as pupilas parecem os raios do Sol. Ninguém pode fitar-lhe o rosto deslumbrante.

"Ele é o mais belo homem que imaginar se possa e muito semelhante à sua mãe, a mais formosa figura de mulher que até hoje apareceu nesta terra.

"Nunca foi visto sorrindo, mas já foi visto chorando várias

vezes. As mãos e os braços são duma grande beleza. Faz-se amigo de todos e mostra-se alegre. Quando repreende, apavora. Quando adverte, faz chorar. Toda a gente acha a conversação dele muito agradável e sedutora.

"É raro vê-lo em público e quando aparece, é sempre com grande modéstia.

"Se vossa Majestade, ó César, deseja vê-lo, avise-me que eu logo o enviarei. Nunca estudou, mas é Senhor de todas as ciências. Anda com a cabeça descoberta e quase descalço.

"Muitas pessoas quando o vêem ao longe escarnecem dele, mas quando Ele se aproxima e estão na sua frente, então tremem e admiram-no.

"Os hebreus dizem que nunca viram homem semelhante a Ele, nem sabedoria como a dele. Nunca ouviram conselhos idênticos, nem tão sublime doutrina, como a que ensina este Cristo.

"Muitos judeus o têm por divino e crêem nele. Também muitos o acusam a mim, dizendo, ó Cézar, que Ele é contra a tua Majestade, porque afirma que reis e vassalos são todos iguais, diante de Deus.

"Ando apoquentado com estes hebreus que pretendem convencer-me de que Ele é prejudicial. Mas os que o conhecem e a Ele têm recorrido, afirmam que Ele nunca fez mal a pessoa alguma e antes emprega todos os seus esforços para fazer toda a humanidade feliz.

"Estou pronto, ó Cézar, a obedecer-te e a cumprir o que me ordenares!... Graça e Prosperidade!"

Esta carta de Públio Lêntulo pode não ser toda autêntica, mas contém verdades. O Novo Testamento confirma que, de fato, Ele chorou, como por exemplo sobre Jerusalém (Lc 19.41); junto ao túmulo de Lázaro (Jo 11.35) e no Jardim do Getsêmane (Lc 22.39-46; Hb 5.7), porém, quanto a nunca sorrir, o Novo Testamento guarda silêncio. Todavia, há fatos que dão a entender que Ele tinha senso de humor. Pelo menos em seu ministério celestial como Mediador, nosso Senhor está cheio de alegria (Lc 15.10; Jd 24). Jesus foi e é uma Pessoa sempre ideal!

Sendo portador de uma saúde invejável, devia ter considerável força física. Falava tão impressionantemente a vastas multidões, ao ar livre, que imaginamos possuir Ele uma voz poderosa. À vista dos seus discípulos, nas conversas e ensinos, julgamos que sempre

mantinha o domínio de si mesmo; nunca se apressava e nem se adiantava. Chegava sempre na hora certa! Equilibrava-se perfeitamente, calmo e majestoso em todos os seus movimentos.(2)

3. Seu porte impressionante

"...Ele é totalmente desejável...!" (Ct 5.16). Qualquer que fosse a sua aparência pessoal, deve ter havido algo, em seu semblante e nos seus modos, que era majestoso, dominador e impressionante!

A sua aparência física, sobre a qual milhares de pintores exercitariam a imaginação nos séculos futuros, era a de um judeu praticante daqueles dias. Suas roupas eram aquelas usadas por todos: o evangelho de João fala de sua "túnica sem costura", e, pelo episódio da mulher com um fluxo de sangue, fica claro que não deixou de usar as quatro borlas de lã nos cantos da capa • aqueles "tzitzith" que lembram simbolicamente o usuário dos mandamentos do Senhor (Dt 22.12).

Levava nos pés sandálias, como a maioria de seus companheiros.

Sua alimentação, como vemos nos textos sagrados era a mais comum do país. Deve ter comido pouca carne. No evangelho de Lucas o novilho cevado só é morto em uma ocasião extraordinária, e o cordeiro escassamente é visto na mesa, exceto na Páscoa. O peixe, por outro lado, que, como sabemos, tinha lugar importante na dieta judia, é mencionado com freqüência. A fim de provar aos seus discípulos que não era um espírito, o Cristo ressurreto tomando uma "...parte de um peixe assado, e um favo de mel... comeu diante deles" (Lc 24.42,43), numa das praias do mar da Galiléia. Todos esses costumes, como aparecem nos quatro evangelhos, nos apresentam Jesus como um ser humano, idêntico em todos os sentidos a qualquer outro homem da raça.

Finalmente, Ele "...participou das mesmas coisas..." como os outros homens: "Pelo que convinha que em tudo fosse semelhante aos irmãos..." (Hb 2.14,17 etc.).

---

(1) Manual Bibl. de Hal, 1983
(2) O Ret. do Salv. H. L. 1985

9
Os Ofícios de Cristo

1. Sua tríplice função

As profecias divinas apresentam o Messias como possuidor de uma tríplice função magistral:

• Seria um *Sacerdote*, como Melquisedeque (Hb 7.11,15,17,21).

• Seria um *Profeta*, como Moisés (Dt 18.18).

• Seria um *Rei*, como Davi (Ez 34.23,24; Lc 1.52).

2. Cristo • o Sacerdote

"Jurou o Senhor, e não se arrependerá: tu és sacerdote eterno, segundo a ordem de Melquisedeque" (Sl 110.4).

O ofício de sacerdote, em relação a Cristo, envolve tanto Arão como Melquisedeque. Posto que nossas afirmações sobre Melquisedeque são bastante escassas, quase que todos os tipos e símbolos sobre o ofício de Cristo se acham vazados no sacerdócio araônico.([1])

Entretanto, no que diz respeito a semelhança de Melquisedeque (segundo se diz, Cristo pertencia a essa ordem), as aplicações simbólicas parecem ser estas:

Cristo é o Rei-Sacerdote, tal como Melquisedeque (Gn 14.18; Zc 6.12,13).

Cristo é o Rei Justo de Salém ou Jerusalém (Is 11.5).

Cristo é o Rei Eterno, não havendo registro de seu início no tempo (Jo 1.1; Hb 7.3). Nunca tendo sido nomeado por homem algum para o seu ministério (Sl 110.4; Rm 6.9; Hb 7.23-25). Vê-

se , pois, que a obra de Cristo seguiu o padrão do sacerdócio araônico, mas que a alusão a Melquisedeque fala sobre sua autoridade real, sobre sua eternidade, sobre a natureza perene de sua obra • idéias estas que não estavam vinculadas ao sacerdócio araônico. Desse modo, certos aspectos de superioridade são atribuídos ao sacerdócio de Cristo, que é segundo a ordem de Melquisedeque.

Jesus pertence à patente de Melquisedeque, sendo Sacerdote à semelhança daquele monarca, embora, no sentido estrito do termo, não houvesse "taksis" ou sucessão de sacerdotes dessa ordem de Melquisedeque. Este monarca surge de repente no cenário humano, como um rei que tinha funções e direitos sacerdotais (Gn 14.18-20). O próprio Abraão lhe prestou homenagem. Certamente, pois, a sua glória continua ultrapassando à de Arão. Cristo assumiu esse sacerdócio real, mas revestido ainda de maior glória.

Notemos que na passagem de Zacarias 6.13 são combinados os ofícios de rei e sacerdote, no tocante ao Messias. O autor sagrado volta a considerar o sumo sacerdócio de Melquisedeque de forma mais completa em Hebreus 7.1 e ss, com propósito definido de mostrar sua superioridade sobre o sacerdócio araônico; e isso faz parte de seu argumento que visava mostrar que, em Cristo, todos os tipos sacerdotais são cumpridos e ultrapassados, não havendo mais qualquer necessidade de um sumo sacerdote terreno.

a) *Quem era Melquisedeque.* As únicas referências bíblicas as a esse personagem semita se acham nos trechos de Gênesis 14.18-20; Salmo 110.4; Hebreus 6.20; 7.1,10,11,15,17,21. Pode-se ver, com base nisso, que o autor supre a discussão maior. É dito que ele era o "rei de Salém...e sacerdote do Deus Altíssimo" que, combinando as passagens de Josué 18.28 e Salmo 76.2, sabemos ter sido ele rei em Jerusalém quando esta pertencia aos jebuseus. Entretanto, ele aparece na interpretação de Hebreus 7.2, como "rei de justiça". Ele saudou a Abraão ao voltar este, após ter vencido Quedorlaomer, rei de Elão e seus aliados, tendo-lhe apresentado pão e vinho e tendo-o abençoado no nome do Deus Altíssimo; ao mesmo tempo, Melquisedeque recebeu dízimos dos despojos por parte de Abraão.

A significação profética de Melquisedeque é claríssima. O Salmo 110 pinta a divindade do Messias ligada à ordem deste personagem contemporâneo de Abraão.

As fantasias:

A obscuridade deste grande servo de Deus tem fascinado a tradição pelo que também muitas identificações conjecturadas têm sido imaginadas; e, algumas delas, até extrapolam as regras do procedimento.(2)

Primeiro: Alguns dizem ser o Espírito Santo que teria aparecido na terra sob essa forma, visto que, ele não consta em nenhuma genealogia como dito a respeito de Deus e de Cristo (Lc 3.23,38).

Segundo: Outros dizem ter sido uma manifestação de Cristo antes da encarnação, no Antigo Testamento. Mas isso é absurdo, pois teríamos de aceitar o seu governo em Jerusalém antes dos tempos testamentários.

Terceiro: Outros estudiosos supõem que Melquisedeque teria sido encarnação de alguma outra elevada personalidade celeste.

Quarto: Outros afirmam que ele seria Sem, filho de Noé, o que é opinião comum entre vários escritores judeus, especialmente no Targum.

Quinto: Outras opiniões afirmam que ele teria sido um monarca cananeu, da descendência de Cão.

Sexto: Outros ainda consideram-no um ser como Adão, diretamente criada por Deus, e que literalmente não teria ascendência humana.

Sétimo: Também há opiniões que o identificam com Jó ou com algum outro personagem do Antigo Testamento. Todas essas conjecturas não têm base em que se possa confiar; assim, necessariamente, a identificação de Melquisedeque deve ser procurada por outro prisma.

b) *Sem pai, sem mãe, sem genealogia*. As seguintes explicações sobre essa expressão são possíveis desde que usemos o raciocínio lógico e as luzes da razão natural.

Primeiro: Na qualidade de algum elevado ser espiritual (apenas para argumento), ele não tinha descendência terrena.

Segundo: Melquisedeque teria "perdido" (mediante a morte física), seu pai e sua mãe, pelo que também estaria "sem eles".(3)

Terceiro: Seu pai e mãe seriam figuras "desconhecidas", pelo que também não se fez qualquer registro geneológico.

Quarto: Seu pai e sua mãe não tinham genealogia sacerdotal

(o que parece lógico), razão pela qual não foram mencionados.

Quinto: Antes, Melquisedeque simplesmente não têm "genealogia registrada" nas Escrituras, etc.

No que diz respeito a *genealogia*, várias opiniões são também sugeridas, tais como:

A genealogia de Melquisedeque era conhecida, mas não foi "registrada".

A genealogia era conhecida, mas "propositadamente não foi registrada", para que Melquisedeque tivesse a possibilidade de ser um "tipo simbólico" de Cristo, em seu sumo sacerdócio.

A genealogia não foi registrada porque era desconhecida.

Não havia genealogia a registrar porque Melquisedeque, na realidade, não era uma personalidade humana, etc.

Para nós, o fato deste monarca não ter pai, nem mãe, significa que não há registro de seus ancestrais, e que, profeticamente, ele simboliza o divino Filho-Profeta, acerca de quem não se pode falar de qualquer linhagem terrena quando se olha para sua eternidade.

Melquisedeque não tinha nem pai, nem mãe sacerdotais, e, por isso, não tinha uma genealogia como os filhos de Arão. Noutras palavras, ele torna-se um verdadeiro tipo de Cristo, visto que "...nosso Senhor procedeu de Judá, e, concernente a essa tribo, nunca Moisés falou de sacerdócio" (Hb 7.14b). O original grego, indica "brotou" em lugar de "procedeu".(4)

Essa palavra é usada para indicar o nascimento do Sol, o aparecimento da luz, da estrela matutina (2 Pe 1.19), o levantamento das nuvens (Lc 12.54), o brotar das plantas (Is 54.4; Ez 17.6). É o vocábulo utilizado em conexão com a profecia sobre o Renovo (Jr 23.5; Zc 3.8). A tudo isso o autor sagrado alude para apontar Jesus como Filho de Davi, da tribo de Judá (Mt 1.1,2; Lc 1.27; Rm 1.3; Ap 5.5). Sua descendência, naturalmente, falava de "realeza", e não de "sacerdócio". O autor sagrado tinha por intuito que Cristo era "um Rei-Sacerdote", tal como Melquisedeque, que não pertenceu à tribo de Levi, e, por conseguinte, à família de Arão.

c) *Quanto a Arão*. Em relação a Arão como figura de Cristo, sto, alguns pontos prestam-se a aplicações espirituais e outros não, em relação a Cristo.

O sumo sacerdote deveria ser diretamente de linhagem de Arão, o primeiro sumo sacerdote levítico. Mediante tal conceito, tinha, então direito por sucessão ao sacerdócio. Em outras palavras,

não era tão necessária uma nomeação; e, sim, uma sucessão por meio da morte.

Entretanto, não diz assim a respeito de Cristo. Ele foi nomeado, chamado diretamente por Deus de "Sumo Sacerdote" segundo a ordem Melquisedeque. No grego, isso significa "chamar", "nomear", "designar para o ofício". Por essa razão, o sacerdócio de Cristo transcende ao sacerdócio de qualquer outro personagem: humano ou mesmo celestial.

3. Cristo • o Profeta

"E ele lhes perguntou: Quais? E eles disseram: As que dizem respeito a Jesus Nazareno, que foi Varão Profeta..." (Lc 24.19a).

O ministério profético de Cristo foi dos mais proeminentes. Deus o levantou (At 7.22); Deus o ungiu (Lc 4.18), para este ofício sublime durante seu ministério; e, por extensão, em parte de seu ministério celestial (Lc 23.42,43; 24.19 e ss). Por essa razão, seu ministério profético é predito em muitas passagens do Antigo Testamento (Dt 18.18; Is 42.1-11; 49.1 e ss; 50.4; 61.1 e ss). E que tais passagens tiveram realmente seu cumprimento na pessoa de Cristo, é dito expressamente em passagens como Lucas 4.18,21; Atos 3.22; 7.37. Ao mesmo tempo, seu ministério profético foi prefigurado pela mesma série de profetas do Antigo Testamento, de Moisés a Malaquias.

Cristo então não apenas permitiu que os homens o considerassem um profeta (Lc 7.16; Jo 4.19), mas Ele próprio se apresentou como profeta (Lc 4.17-21; 13.33). Todo seu procedimento, em palavras e ações trazia a marca de um profeta enviado de Deus. E sua tarefa profética não se delimitou ao tempo de duração de sua vida terrena; ela teve continuação depois de sua morte.

Podemos encontrar em Cristo os elementos necessários para o perfil de um profeta.

1º. Ele revela Deus (Jo 1.18).

2º. Ele fala as palavras de Deus (Jo 17.6 e ss).

3º. Ele predisse o seu próprio futuro (Mc 13.23). Então, por excelência, Ele é chamado de profeta! (Mt 21.11; Lc 7.16) e de fiel testemunha (Ap 3.14). Foi nele que se cumpriu a grande profecia de Moisés para os filhos de Israel: "Eu lhes suscitarei um profeta do meio de seus irmãos, como tu, e porei as minhas palavras na sua

boca, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar'' (Dt 18.18; At 7.37). Na passagem de Atos que está em foco, Estevão argumentou, sem dúvida, que Moisés haveria predito que o Messias seria um profeta semelhante a ele, e que o Messias não era outro senão Jesus, o verdadeiro Profeta cuja vida e testemunho ''...é o espírito de profecia'' (Ap 19.10).

a) *O elo divino*. Antes que Cristo viesse, Deus enviou ao seu povo profeta após profeta, e nunca o deixou sem o conhecimento necessário para a salvação. Contudo, este povo sempre viveu persuadido de que a plena revelação profética não lhe seria dada até que viesse o Messias.

Descobrimos, na realidade, que esta revelação e convicção até mesmo chegara aos samaritanos, em meio a toda a ignorância da mulher ao lado do poço. ''Senhor, vejo que és profeta''. E depois acrescentou: ''Eu sei que o Messias (que se chama o Cristo) vem; quando Ele vier, nos anunciará tudo'' (Jo 4.19,25). E esta não tem nenhuma pressuposição irrefletida: era fundamentada em predições específicas. Uma das mais notáveis é a de Isaías 55.4: ''Eis que eu o dei como testemunha aos povos, como príncipe e governador dos povos''. Logo, o autor sagrado, quando quis demonstrar a perfeição da doutrina profética, disse: ''Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho'' (Hb 1.1).

Sabemos que pela Lei não somente os sacerdotes e os reis eram ungidos com o óleo da santa unção; mas também, de igual modo, os profetas de grande poder. Por isso o nome do *Messias* ou seja, o *Ungido*, foi dado ao mediador prometido. Reocnhecemos que este título lhe pertence especialmente como Rei, mas não devemos esquecer de que também indica seus ofícios sacerdotal e profético. Então a multidão gritou com base fundamentada nas Escrituras: ''...Um grande profeta se levantou entre nós, e Deus visitou o seu povo'' (Lc 7.16b).

b) *A atuação profética de Cristo após a morte*. A morte não cessou ou interrompeu o ministério profético de Cristo. De acordo com 1 Pedro 3.18 e ss, Jesus pôde morrer graças à sua natureza humana, e efetivamente Ele morreu. Quanto à sua natureza divina, porém, Ele não pôde permanecer na morte por um momento sequer, mas foi imediatamente vivificado, e trouxe também aos

mortos as notícias das "boas-novas" do seu triunfo, pregando o Evangelho que tinha anunciado aos vivos.

Sua visita àquela região sombria tinha um propósito múltiplo.

Segundo Lucas 23.43, Jesus este primeiramente, junto com o malfeitor, no Paraíso. Ali se revelou, depois de consumada sua obra de salvação, aos piedosos que por Ele esperavam, como o alvo e o fim de sua espera e de sua expectativa (Hb 11.40).

Na Igreja, Jesus continua com sua atuação profética. Os profetas possuem o dom de profecia (1 Co 14.3), ou seja, recebem dele e por Ele as manifestações sobrenaturais deste dom, para "...edificação, exortação e consolação" da Igreja; e assim continuará até o dia do arrebatamento.

4. Cristo • o Rei

"...Tu dizes que eu sou rei [Pilatos], Eu para isso nasci, e para isso vim ao mundo" (Jo 18.37).

Nas profecias sobre o "Ungido do Senhor", Jesus é chamado Rei (Sl 2.6). Jesus é o "Rei de Salém" que significa paz, pelo que o "Rei da justiça também é Rei da paz".(5)

Isso indica que é por meio dele (Cristo) que nos é dada a paz com Deus. O Salmo 72.1,7,8 pinta nosso Senhor como sendo um "Rei de justiça e paz". Então acrescenta: "Nos seus dias florescerá o justo, e abundância de *paz* haverá enquanto durar a lua. Dominará de mar a mar, e desde o rio até as extremidades da terra". Similarmente, Isaías 9.6,7 e Zacarias 9.9 expressam o mesmo significado do pensamento. A paz, naturalmente, sempre é encarada como um dos aspectos do fruto de retidão, pois, sem bondade e justiça, a paz nunca estará completa. A paz de Deus e com o próprio indivíduo, a tranqüilidade de consciência, o sossego e a confiança espiritual, tudo é fruto do Espírito Santo.

Filo, em sua interpretação alegórica sobre Melquisedeque e Cristo, também frisou que tanto um como o outro, são "Rei da Paz". Até mesmo a cidade sobre a qual Melquisedeque governava tinha uma significação simbólica a saber, a "paz". Então se diz: Cristo é o verdadeiro Príncipe da Paz. A paz que Ele nos proporciona é fruto da justiça (Is 32.17).

a) *Cristo é Rei por excelência.* O título de Rei aplicado a Cristo está sugestivamente delineado nas Escrituras com significações especiais. Veja: o "Príncipe da Paz" (Is 9.6), o "Príncipe da

Vida'' (At 3.15), o ''Rei'' (Mt 25.34), o ''Rei dos judeus'' (Mt 2.2), o ''Rei de Israel'' (Jo 1.49), o ''Rei dos reis'' (Ap 17.12). Além dos apelativos que indicam sua realeza, Cristo é:

• O Messias, • O Salvador, • O Redentor, • O Maravilhoso Conselheiro, • A Fiel Testemunha, • O Verbo de Deus, • A Verdade, • A Luz do Mundo, • O Caminho, • O Bom Pastor, • O Libertador, • O Grande Sumo Sacerdote, • O Autor e Consumador da Fé, • O Capitão de Nossa Salvação, • O Nosso Advogado, • O Filho de Deus, • O Filho do Homem, • Deus, • Pai da Eternidade, • Senhor, • O Senhor de Todos, • O Senhor da Glória, • Senhor dos Senhores, • O Santo Dominador, • O Soberano, • O Príncipe da Paz, • O Príncipe da Vida, • O Rei de Israel, • O Rei dos Reis, • O Filho de Davi, • Davi, • O Renovo, • A Raiz de Davi, • A Brilhante Estrela da Manhã, • O Emanuel, • O Último Adão, • O Cordeiro de Deus, • O Leão da Tribo de Judá, • A Fiel Testemunha, • O Alfa e o ômega, • O Primeiro e o Último, • O Princípio e o Fim, • O Princípio da Criação de Deus, • O Primogênito, • O Amém!.(6)

b) *Na concepção de Israel.* Israel não percebeu o grande dia da chegada do Rei! Talvez o esperassem de forma errada, baseados nos ensinamentos rabínicos. Como viria Ele? Um grande Rei, vestido de escarlata e tecidos de ouro, cavalgando um cavalo branco, precedido pelos arautos e seguido por soldados? Esse era o tipo de rei que aquela gente estava procurando, e a quem esperavam • um rei que fosse à frente deles, na batalha, que expulsasse os detestáveis conquistadores romanos, e que restaurasse o poder ao povo judeu.

Na verdade, eles viram um Rei, mas não do tipo que eles aguardavam. Era um Rei como nenhum outro que já tivesse havido em toda a história do mundo.

Porque esse Rei comandava os seus súditos, mas não os braços deles e, sim os seus corações. Governava, não pela espada, e, sim pelo poder conquistador do amor. E Ele conquistou o seu reino, mas não guerreando, e, sim amando e servindo; e, por fim, deu a sua própria vida pelo seu povo. Jesus não apareceu no cenário mundial montado em um cavalo branco, com sela de couro finíssimo e bem trabalhado, e com rédeas douradas.

Mas vinha montado em um jumentinho, o animal que os pobres usavam para fazer viagem ou para arar os campos. O jumentinho nem ao menos pertencia ao Rei.

Mas a mensagem que Ele trazia, nenhum monarca jamais a trouxe a este mundo: "Dizei à filha de Sião: Eis que o teu Rei aí vem manso, e assentado sobre uma jumenta, e sobre um jumentinho, filho de animal de carga" (Mt 21.5). E depois acrescentou a palavra: "...Bendito o Rei que vem em nome do Senhor; paz no céu, e glória nas alturas" (Lc 19.38b). E assim, entre os seus discípulos, nosso Senhor foi proclamado Rei. E por certo nenhuma outra pessoa merecia um trono real mais do que Ele. Ele é o Rei da paz! Ele é o Rei de Salém!.

(1) A Vid. de Crist. J. S. 1970
(2) O NT Int. v. p. v. R. N. Champlim, Ph. D. 1982
(3) op. cit. R. N. Champlim, Ph. D. 1982
(4) Idem. 1982
(5) Scofield, Dr. C. I. (Scofield Reference Bible)
(6) Manual Bibl. de Hal. 1983

10
A Rota Geográfica do Ministério de Cristo

1. Sua trajetória

A Bíblia nos informa que, durante sua vida terrena, nosso Senhor exerceu todos os ministérios que dizem respeito ao bem-estar e edificação de sua Igreja. Isso, além, de sua missão como Rei, Sacerdote e profeta. Outrossim, seus pés pisaram todos os recantos da Palestina.

Dele se diz: "...percorria Jesus todas as cidades e aldeias". No presente capítulo passaremos, porém, a seguir seus passos desde o seu batismo até a cruz.

Antes, porém, daremos aqui uma relação, em ordem crescente, daquelas funções que mais se destacaram em sua vida.

a) *Porteiro*: "E ao anjo da Igreja que está em Filadélfia escreve: Isto diz o que é santo, o que é verdadeiro, o que tem a chave de Davi; o que *abre*, e ninguém fecha; e *fecha* e ninguém abre" (Ap 3.7).

b) *Zelador*: "E os seus discípulos lembraram-se do que está escrito: O *zelo da tua casa* me devorará" (Jo 2.17).

c) *Cantor*: "...Anunciarei o teu nome a meus irmãos, *cantar-te-ei louvores* no meio da congregação" (Hb 2.12b).

d) *Cooperador*: "E eles, tendo partido, pregaram por todas as partes, *cooperando com eles o Senhor*, e confirmando a palavra com os sinais que se seguiram. Amém" (Mc 16.20).

e) *Diácono*: "Pois qual é o maior: quem está à mesa, ou quem serve? Eu porém, entre vós sou como aquele que serve" (diácono) (Lc 22.27).

f) *Bispo*: (Presbítero, Ancião): "Porque éreis como ovelhas desgarradas: Mas agora tendes voltado ao Pastor e *Bispo* das vossas almas" (1 Pe 2.25).

g) *Mestre*: "Este foi ter de noite com Jesus, e disse-lhe: Rabi, bem sabemos que és *Mestre*, vindo de Deus..." (Jo 3.2a).

h) *Pastor*: "Eu sou o bom *Pastor*: o bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas" (Jo 10.11).

i) *Evangelista*: "O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu *para evangelizar* os pobres..." (Lc 4.18a).

j) *Profeta*: "Disse-lhe a mulher: Senhor, vejo que és *profeta* (Jo 4.19).

l) *Apóstolo*: "Pelo que, irmãos santos, participantes da vocação celestial, considerai a Jesus Cristo, *apóstolo* e sumo sacerdote da nossa confissão" (Hb 3.1), etc.

2. **A rota geográfica de seu ministério**

A duração propriamente dita do ministério de Cristo, é calculada com base nas festas pascais por Ele assistidas.

Ele iniciou seu ministério na véspera de uma páscoa e morreu na véspera de uma outra. Tendo participado de duas mais.

Então podemos dividir os anos de seu ministério da seguinte maneira:

1º. O ano da obscuridade.

2º. O ano do favor público.

3º. O ano da oposição.([1])

Estes três anos, como já tivemos ocasião de ver, estão intercalados nas quatro páscoas de que Ele participou:

Primeira páscoa: "Jesus principiou assim os seus sinais em Caná da Galiléia, e manifestou a sua glória; e os seus discípulos creram nele. E estava próxima a páscoa dos judeus, e Jesus subiu a Jerusalém" (Jo 2.11,13).

Segunda páscoa: "Depois disto havia uma festa [páscoa] entre os judeus, e Jesus subiu a Jerusalém" (Jo 5.1).

Terceira páscoa: "Depois disto partiu Jesus para a outra banda do mar da Galiléia, que é o de Tiberíades... E a *páscoa*, a festa dos judeus, estava próxima" (Jo 6.1,4).

Quarta páscoa: "E era a preparação da *páscoa*, e quase à hora sexta; e disse aos judeus: Eis aqui o vosso Rei" (Jo 19.14).

Outrossim, seu ministério foi exercido em três regiões diferentes:

- Oito meses na Judéia (região Sul).
- Dois anos na Galiléia (região Norte).
- Quatro meses na Peréia (região Leste).

3. Os passos de nosso Senhor

Os quatro evangelhos contam que, durante os trinta e três anos aproximadamente que Jesus passou na terra, fez umas cinqüênta viagens de extensões variáveis. Algumas delas foram muito curtas, outras estenderam-se por muitas milhas e tiveram várias semanas e até meses de duração.

Em alguns casos, sua rota está bem indicada, ao passo que em outros não há sugestão clara do caminho que seguiu ou das vilas e cidades por que passou ou que visitou.

Outrossim, durante os três anos de seu ministério, temos informações, através dos quatro evangelhos, de que Ele visitou oficialmente cerca de catorze cidades, além de aldeias e lugarejos.

(A) *Seu ministério na Judéia*

Atingindo quase trinta anos, Jesus provavelmente tomou uma das rotas do vale do Jordão para chegar a João Batista que se encontrava em Betábara, da outra banda do Jordão, a fim de por ele ser batizado.

Poderia ter passado o rio a vau perto de Adamá e continuando pela bem trafegada estrada que o acompanhava pela margem Leste.

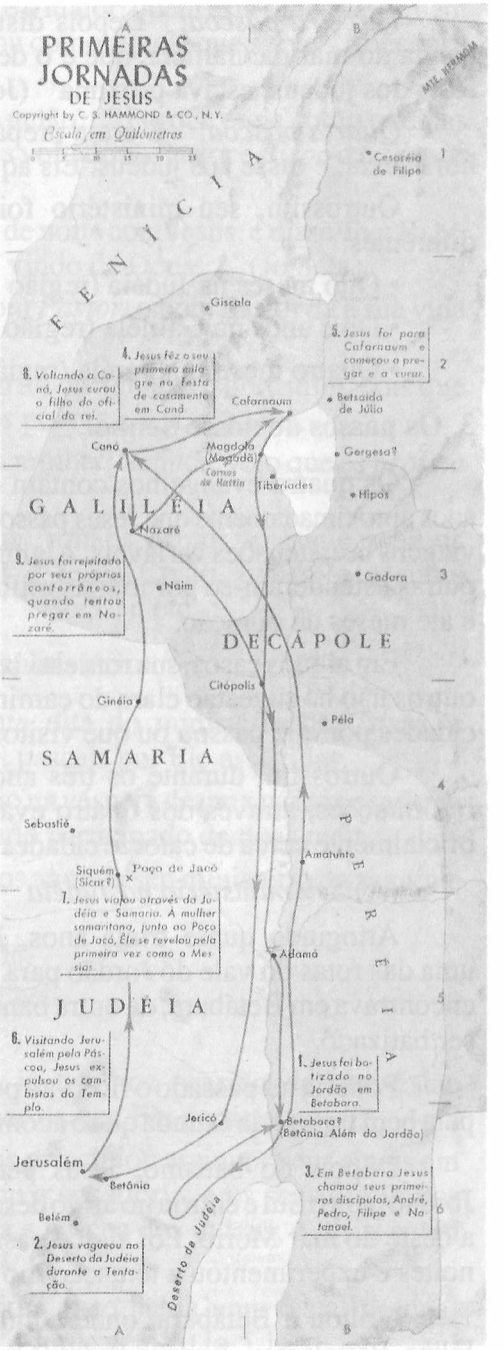
Depois do batismo, Jesus percorreu toda a extensão do Jordão para o Sul e entrou no árido deserto da Judéia imediatamente a oeste do mar Morto. Foi aí que passou quarenta dias e quarenta noites e experimentou a tentação movida por Satanás.

Voltou a Betábara, onde admitiu os primeiros discípulos: Filipe, Bartolomeu, André e Pedro (Consulte o mapa demonstrativo).

(B) *Seu ministério na Galiléia*

Depois de ter conquistado seus primeiros discípulos na região de Betábara, Jesus voltou à Galiléia, onde assistiu a uma festa de casamento em Caná, pequena cidade situada duas horas de marcha ao norte de Nazaré. Aí, na presença de sua mãe e seus discípulos, fez o primeiro milagre, transformando água em vinho. Deixando Caná, Jesus, sua mãe e seus discípulos foram para Cafarnaum, cidade que ficava na curva noroeste do mar da Galiléia e que ia ser a sede da primeira parte do seu ministério.

Era a metrópole da região - um centro comercial e industrial e porto de pesca. Seus restos descobertos em Tell Hûm, que fica a pouco mais de três quilômetros do lugar onde o Jordão se lança no lago. Nesta cidade movimentada, originaram-se muitas das viagens registradas a muito provavelmente outras não descritas. A primeira entre elas foi a Jerusalém, para a Páscoa.



Certamente viajou descendo o lado Leste do Jordão, subindo depois a longa escalada de trinta quilômetros desde Jericó. E foi durante essa visita que teve lugar um dos acontecimentos mais emocionantes de seu ministério: a primeira purificação do Templo. A seguir veio a viagem através dos campos da Judéia. Deve ter sido uma viagem muito extensa, pois não se fala muito a respeito dele durante o resto do ano. Alguns destes lugares visitados por nosso Senhor são completamente desconhecidos para nós atualmente. Sabemos, entretanto, que nessa ocasião Jesus e seus discípulos atravessaram a terra ordinariamente evitada dos samaritanos. Aí teve lugar o célebre encontro com a mulher samaritana. Cansado da longa caminhada, Jesus descansou ao Poço de Jacó, nos arredores da aldéia de Sicar, perto da antiga Siquém, enquanto seus discípulos iam em busca de comida.

Foi aí que Jesus se revelou como o Messias pela primeira vez.

Completando sua jornada, Jesus, então, com seus discípulos, voltou a Caná da Galiléia, onde realizou um milagre, curando o filho dum nobre, que estava à morte. Depois, indo a sua casa, em Nazaré, pregou na sinagoga. Rejeitado, porém, por seus conterrâneos, deixou a bela aldeiazinha e tomou pelo caminho que seguia pelos flancos duma montanha chamada os Cornos de Hattin, para Tiberíades, nas costas do lago. Esta última cidade, construída por Herodes Antipas, e assim chamada em homenagem ao César reinante, era intensamente gentia de população e espírito, e foi cuidadosamente evitada por Jesus.

Dobrando para o norte, em direção a Cafarnaum, Jesus visitou então brevemente algumas cidades do Leste da Galiléia. Grandes multidões se reuniam para ouvi-lo falar e muitos seguiam atrás dele. Foi nesse tempo que Ele curou um leproso e um paralítico e também admitiu mais três discípulos. Jesus viu pela primeira vez Tiago e João, filhos de Zebedeu, consertando suas redes nas costas da Galiléia.

Perto de Cafarnaum, viu um cobrador de impostos chamado Mateus e disse-lhe: "Segue-me!"

Era talvez a primavera. Jesus e seus discípulos seguiram para o sul, a caminho de Jerusalém, a fim de celebrarem a Páscoa. Essa viagem foi assinalada pela cura do paralítico junto ao tanque de Betesda, nos arredores de Jerusalém.

Voltando a Cafarnaum, Jesus verificou que a gente que o

seguira antes se havia transformado numa multidão. Procurando alguns dias de tranqüilidade, retirou-se dessa metrópole movimentada para a solidão das colinas.

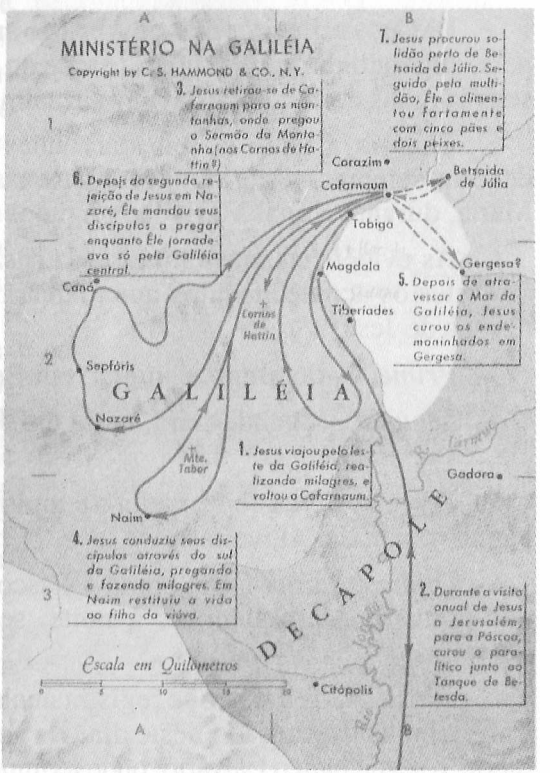
Levou consigo apenas um pequeno grupo de discípulos. As multidões de Cafarnaum andavam à procura dele. Reuniu-se a eles gente de todas as partes da Judéia e da costa do mar e de Tiro e Sidom. De acordo com as informações geográficas de sua rota, encontramo-lo nas encostas dos Cornos de Hattin, e aí Ele pregou o Sermão da Montanha conhecido por todos os leitores da Bíblia Sagrada. Depois, Jesus viajou pela Galiléia com seus discípulos, pregando e curando os enfermos. Poucos detalhes de sua caminhada chegaram até nós, salvo os da mudança espiritual que se operou em Maria Madalena e a dramática ressurreição do filho da viúva, às portas de Naim. Era esta uma pequena cidade, oito quilômetros a sueste de Nazaré.

Após esse circuito da Galiléia, Jesus navegou através do lago para uma área que tem uma série de nomes nos evangelhos: o país dos gergesenos, gerasenos e gadarenos. Gergesa parece ser o nome mais provável como lugar original, e seu local aproximado fica hoje situado perto da aldeia árabe de Kursi. Aí Jesus expulsou os demônios de um possesso para uma manada de porcos, que mergulharam no mar. Quando voltou dessa fase do seu trabalho, Jesus provavelmente aproximava-se do final do segundo ano de seu ministério.

Aconteceu isso mais ou menos pela época da sua segunda volta a Nazaré. De novo pregou na sinagoga, e foi escarnecido e negado por seus conterrâneos. Eles ficaram cheios de dúvidas concernentes a Ele e perguntavam uns aos outros: "Não é este o carpinteiro?" Jesus respondeu à sua falta de crença deixando Nazaré e dizendo: "...Não há profeta sem honra senão na sua pátria."

Dali, após ter recebido dos discípulos as boas notícias do trabalho por eles realizado, foi para uma região deserta a nordeste do mar da Galiléia, perto de Betsaida de Júlia. Mas as multidões seguiram-no, e aí teve lugar então a milagrosa alimentação dos cinco mil. Segundo as informações dos quatro evangelhos, a última parte do ministério de Jesus começou com uma excursão por essa região rural da Fenícia, que ficava perto das cidades pagãs de Tiro e Sidom onde curou a filha da mulher cananéia. Da Fenícia, Jesus viajou através das colinas e campos da Galiléia, que conhecia bem, e atravessou o Jordão imediatamente abaixo do grande lago, a fim de

entrar numa região dominada por cidades helênicas e conhecidas como Decápolis. Essa jornada terminou com uma travessia de Leste a Oeste da parte Norte do lago, e um desembarque em Dalmanuta. Alguns estudiosos crêem que se trata de Magdala (Magadã). Navegando de Dalmanuta até Betsaida de Júlia, Jesus e seus discípulos seguiram para o norte para visitar certas comunidades judias perto da cidade idólatra de Cesaréia de Filipe. Como ficava perto da principal fonte do Jordão, ao pé do Monte Hermom, os estudiosos crêem que daí tenha rumado em direção ao monte Tabor, onde transfigurou-se diante de seus discípulos. Entretanto, a tradição tem mostrado forte argumento pelo monte Hermom. Houve mais uma volta a Cafarnaum. E, com o outono do último ano já avançado, Jesus deixou a Galiléia pela última vez e se dirigiu para o sul, a caminho de Jerusalém, com intenção de assistir à Festa dos Tabernáculos. Era na época das primeiras chuvas, que talvez já houvessem começado, tornando intransitável o caminho a oeste do Jordão e ao sul de Citópolis, que era a antiga Bete-Seã. Pelo menos desta vez passou de novo através da terra dos samaritanos, onde não foi bem recebido porque todos podiam ver que era um peregrino a caminho do Templo. Daí chegou a Jerusalém, ou nos arredores, ficando grande parte do tempo na casa de Marta, em Betânia, que ficava situada na estrada que, subindo da cidade, primeiro fazia uma curva, subindo o monte das Oliveiras, depois descia abruptamente para Jericó. (Consulte o mapa demonstrativo.)



(C) *Seu ministério na Peréia*

Mais ou menos em dezembro, Jesus desceu de Jerusalém, passando por Jericó, para o vale do Jordão, a fim de levar seu ministério a Peréia, a região situada a leste do rio. Aí, em Peréia, durante os primeiros dias, Jesus recebeu a urgente mensagem de Marta e Maria, suplicando-lhe que voltasse imediatamente a Betânia. Seu bem-amado irmão Lázaro, estava à morte, e elas procuravam a sua ajuda. Quando Jesus chegou, Lázaro estava morto havia quatro dias, mas, indo ao túmulo, Ele ordenou que a pedra fosse retirada. Depois, exclamou: "Lázaro, sai para fora!"

Jesus então voltou imediatamente para Peréia. O caminho que seguiu nesta região parece ter sido outro que o da primeira visita. Parou numa aldeia chamada Efraim, mencionada em João 11.54, que ficava em alguma parte ao norte de Jerusalém e a oeste do Jordão, Jesus, em sua viagem, deve ter atravessado o rio a boa distância da foz.

Daí, nos primeiros dias de Abril do ano 33 de sua vida, voltou pela longa subida que conduzia do vale do Jordão a Betânia; agora, suas viagens nesta terra estavam virtualmente concluídas.

Chegou a Betânia seis dias antes da última Páscoa que deveria celebrar neste mundo. Assistiu a uma festa na casa de Marta, durante a qual Maria lhe ungiu os pés com óleo precioso.

As evidências mostram que, da casa de Marta a Jerusalém, são estes os acontecimentos que marcaram a última rota da vida terrena de Jesus.(1)

Primeiro, domingo, é ungido em Betânia.

Segundo, segunda-feira, entra em Jerusalém e chora sobre ela.

Terceiro, terça-feira, visita o templo pela última vez e daí sai para o monte das Oliveiras.

Quarto, quinta-feira, come a Páscoa num cenáculo dentro das portas de Jerusalém; e, à noite, segue para o monte das Oliveiras.

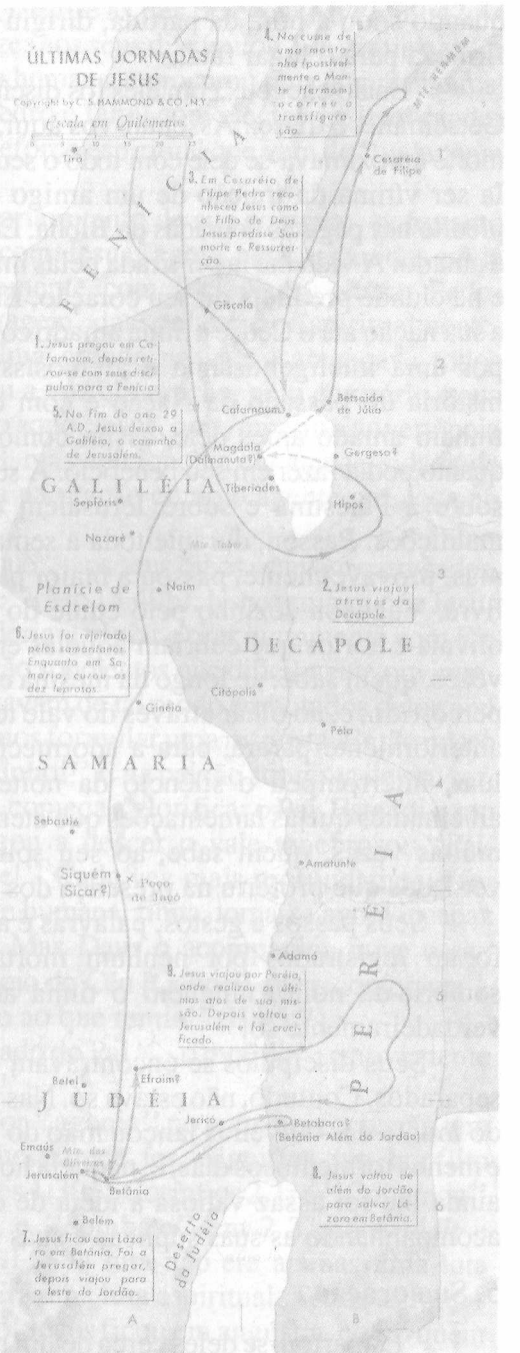
Na quarta-feira, não se registra nenhuma atividade de Jesus. Talvez tenha descansado neste dia. Na sexta-feira é condenado à morte, e segue para o Calvário, onde termina sua trajetória terrena.(2)

(Consulte o mapa demonstrativo.)

4. A última semana de sua vida

O Cristianismo não possui coisa mais preciosa (além da ressurreição de Cristo) do que a recordação da semana em que Jesus enfrentou a morte. Ele foi sempre inefavelmente grande, mas pode-se dizer com toda a reverência que nunca foi maior do que durante aqueles dias de cruel adversidade. Tudo quanto há de mais grandioso e de mais terno, os aspectos mais humanos e mais dignos do seu caráter, manifestou-os então como jamais se manifestara antes.

Entrou em Jerusalém, o matadouro dos profetas, com a absoluta certeza de que a vida lhe ia ser tirada. Tivera, durante um ano inteiro, essa realidade constantemente diante de si, e aquilo que havia tanto tempo esperado ia finalmente suceder. Entretanto, sabia que assim era a vontade do Pai, e,



quando soou a hora da partida, dirigiu seus passos com sublime firmeza para o lugar fatal.

"Então chegou...com eles [os discípulos] a um lugar chamado Getsêmane, e disse...Assentai-vos aqui, enquanto vou além..." A morte aproximava-se dele com todo o seu terrível acompanhamento. Ia ser vítima da traição de um amigo seu, cujo futuro já estava predito nas páginas douradas da Bíblia. Entretanto, o havia escolhido e amado. A vida lhe ia ser tirada pelas mãos dos seus compatriotas, e na cidade predileta do seu coração. Ele tinha vindo para exaltar a sua nação até o Céu, e a tinha amado com um amor que era nutrido por uma inteligentíssima e afetuosíssima familiaridade com a história do passado da Nação e com os grandes homens que a tinham amado antes dele, assim como pelo sentimento de tudo quanto podia fazer em seu benefício. A sua morte, porém, acarretaria sobre a Palestina e sobre Jerusalém uma abundante chuva de maldições. Passou, durante toda a semana, as noites em Betânia; mas, provavelmente, passou a maior parte delas na solidão, ao ar livre. Vagueou sozinho pelo cume do monte, ou pelo meio dos olivais e hortos que cobriam aquelas encostas. Caminhou muitas vezes, quem sabe, ao longo da mesma estrada que o préstito havia percorrido, e, ao olhar através do vale tenebroso, do ponto em que anteriormente parara, para a adormecida cidade iluminada pelo luar, interrompeu o silêncio da noite com brados ainda mais alucinantes que as lamentações que atemorizaram a turba. Repetiu muitas vezes, quem sabe, ao seu solitário coração, as grandes verdades que proferiu na presença dos gregos.(3)

Seus passos e gestos, palavras e atos naquela trajetória, não foram registrados por nenhum mortal; visto que, nesta hora sombria da noite, ninguém o tinha acompanhado! Ele estava, verdadeiramente só!

Seus discípulos se encontravam dormindo em dois grupos separados. Contudo, não estava só. Nas profundas trevas e no cimo do monte das Oliveiras lançou mão do infalível recurso de outros e menos tormentosos dias, e, naquela hora de extrema necessidade, ainda lhe foi assaz valiosa a idéia de que o Pai estava com Ele, acompanhando as suas súplicas e suas lágrimas.

5. Sua oração

"E apartou-se deles cerca de um tiro de pedra; e pondo-se de

joelhos, orava'' (Lc 22.41). Entre as três orações (Mt 26.39,42,44 etc.), Jesus voltou duas vezes aos seus discípulos. Ele sentia o valor e a necessidade da simpatia humana, e procurou seus companheiros! A primeira vez acordou Pedro e falou com ele, talvez lembrando-lhe de que necessitava de reforço espiritual que vem de ''valer com Jesus''.

Pedro, que se vangloriara tanto de sua coragem, porquanto dissera que até morreria com Jesus, agora nem ao menos pôde manter-se acordado juntamente com Ele. Nesta altura, Pedro mostrava somente a coragem das palavras. Espiritualmente, mostrava-se insensível. Uma grande provação ameaçava todos eles, mas Pedro não elevou a voz em oração, pelo contrário, seus olhos eram dominados pelo sono. Jesus, pois, repetiu a advertência que se lê em Mateus 26.38, mas adicionou a ela a necessidade de orar. Jesus tinha confiança na oração como o agente que toca no poder de Deus.

Marcos nos informa que ''...os seus olhos estavam carregados, e não sabiam responder-lhe'' (Mc 14.40b). Isso significa que Jesus tornou a indagar se não poderiam vigiar e orar juntamente com Ele por ''uma hora''. Estavam tão sonolentos que dificilmente ouviram-no falar, e seus cérebros estavam de tal modo embotados pelo sono que não podiam nem ao menos formular uma resposta. Então nosso Senhor ''...sobe o lagar sozinho!'' E na paixão suprema de seu ser, neste momento agonizante, começa a glorificar o Pai. Este foi o seu clamor quando Ele começou a descer o vale tenebroso: ''Pai, glorificado seja o teu nome!'' Cada vez mais profundamente foi Ele avançando! Nossa mente humana, finita, torna-se agora incapaz de dizer até onde Ele foi! Mas Deus o acompanha, ouve o seu clamor, e envia-lhe ''...um anjo do Céu [Gabriel] que o confortava''. E Ele ''...foi ouvido quanto ao que temia'' (Hb 5.7).

Entretanto, foi do agrado do Pai ''...o moê-lo''; e novamente Ele é ''...posto em agonia!''.

A palavra traduzida por ''agonia'' no texto em foco, não tem precisamente o sentido que parece ter. Significa um conflito violento, como em Filipenses 1.30; 1 Coríntios 2.1; e ''Contenda'' em 1 Tessalonicenses 2.2; e ''combate'' em 2 Timóteo 4.7; e ''corrida'' em Hebreus 12.1. Sua luta não era apenas uma luta meramente humana. Não! Era uma luta espiritual. Todas as forças do mal, entraram ali em ação! Jesus ficou em angústia, como quem

contempla um objeto de horror: o horror de entrar sua alma no terreno da morte e ser atingido pelo aguilhão da morte • *o pecado.*(4)

Sua angústia era de tal maneira intensa, que Ele começou a suar naquela noite tão fria (Jo 18.18). E "...o seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue, que corriam até o chão" (Lc 22.44).

Tem sido interpretado geralmente que o suor no corpo (algumas versões trazem, no rosto) de Jesus, tornando-se em grandes gotas de sangue, classifica-se na medicina moderna de "haimatodes hidros..." (suor sanguíneo), que alguns tratam de ""diapedese". Isto significa que há uma filtração dos glóbulos vermelhos através dos vasos sanguíneos sem que haja rotura. Diz-se que Carlos IX, da França, nas "duas últimas semanas de sua vida" (maio de 1574), sua constituição física fez esforços inauditos...sangue esguichou de todas as aberturas de seu corpo, até mesmo dos poros da pele; de tal modo que, em certa ocasião, viram-no molhado de suor sangrento.

No caso de Jesus, lá na cruz, consolidou-se este grande fenômeno.

6. Sua prisão

"...aproximando-se eles, lançaram mão de Jesus e o prenderam" (Mt 26.50). Tinha Ele acabado de vencer a peleja, quando, através dos ramos das oliveiras, viu caminhando ao luar, pela descida que ficava à frente, o bando dos seus inimigos, que vinham prendê-lo. O traidor servia-lhes de guia. Era um dos doze, chamado Judas. Este tinha-lhes dado um "sinal" que serviria de identificação na escuridão: O homem que "...eu beijar é esse, prendei-o!" Ele também conhecia bem o lugar predileto de seu Mestre, e, provavelmente, esperava encontrá-lo ali adormecido. Escolheu, por essa razão, uma hora avançada da noite para executar a sua ação.

Isto também convinha igualmente àqueles por conta de quem trabalhava, pois receavam pôr as mãos em Jesus, à luz do dia, por causa dos peregrinos galileus que enchiam a cidade de Jerusalém.

Por outro lado, sabiam que os seus amigos haviam de ficar aterrados se, promovendo-lhe o processo durante a noite, o pudessem apresentar de manhã, quando a população acordasse, já como um criminoso condenado, em poder dos executores da lei.

Trouxeram consigo lanternas e archotes, prevendo que sua vítima se achasse escondida em alguma caverna ou que tivessem de persegui-la por entre as árvores sombrias do ministerioso Jardim.

Ele, porém, foi ao encontro deles, indo à entrada do horto, e eles recuaram movidos de um temor sobrenatural, diante da Palavra de Ordem proferida por Jesus: "Sou Eu!" E, acovardados, caíram por terra. Entregou-se a eles sem oferecer oposição alguma, e reconduziram-no à cidade. Era provavelmente perto da meia-noite; e as horas restantes da noite e as primeiras da manhã seguinte foram ocupadas com a formação do processo que era indispensável para que a sua sede de vingança fosse satisfeita.([5])

([1]) A Vid. de Crist. J. S. 1970
([2]) Sel. "Reader's Digest". 1959
([3]) O NT Int. v. p. R. N. Champlin, Ph, D. 1982
([4]) op. cit. J. S. 1970
([5]) Idem. 1970

11
O Julgamento de Cristo

1. Sete fases processuais

Houve "sete julgamentos" em relação a Cristo, três *eclesiásticos*, três *civis* e um *divino*. Sendo que os seis primeiros passaram por dois tribunais (judaico e romano) e o sétimo e último por um apenas.

As fases destes processos foram:

O *primeiro* diante de Anás, o sogro de Caifás.

O *Segundo* diante do Sumo Sacerdote Caifás.

O *Terceiro* diante do Sinédrio.

O *quarto* diante de Pilatos.

O *quinto* diante de Herodes.

O *sexto* diante de Pilatos novamente.

O *sétimo* diante do tribunal divino.

Houve, assim, três julgamentos judaicos, três romanos e um divino.

Nenhum julgamento nos trágicos e longos anais da raça humana teve conseqüências mais significativas do que o de nosso Senhor, o líder religioso judeu, que chegou a Jerusalém com um grupo de seguidores e foi preso, condenado e executado há cerca de dois mil anos.

Com certeza, houve outros casos marcantes na história, como o do profeta hebreu Miquéias, o do filósofo Sócrates, o interrogatório sobre heresia do cientista italiano Galileu, e a excomunhão do filósofo judeu-holandês Spinoza, como também julgamentos mais recentes que ainda são objeto de controvérsia. Contudo, ne-

nhum teve um impacto maior, para o bem e para o mal, sobre a vida dos homens, do que o julgamento e morte de Jesus de Nazaré.(1)

2. Diante de duas leis

Existem muitas discrepâncias entre os judeus e os juristas cristãos. O primeiro grupo, baseia o julgamento de Jesus nos ensinos rabínicos com base na lei oral; o segundo, porém, defende ou baseia tal julgamento com base na lei escrita.

A Lei - Torah - consistia de duas partes: a lei escrita (TORAH-SH'HTAN) que é a coleção de leis anotadas por Moisés no Pentateuco, recebidas por expressa ordem de Deus, e a lei oral (TORAH-SH'BAAL-PEH), a qual, de acordo com a tradição rabínica, foi recebida paralelamente com a Lei no Sinai.

De acordo com os rabinos, a lei escrita se constitui de 613 mandamentos, dos quais 248 eram afirmativos "FAÇA!" e 365 no negativo "NÃO FAÇA!"

A posição da tradicional lei escrita. Por exemplo, a lei escrita, proíbe todo trabalho no "Sabbath", mas não menciona que atividades são consideradas "trabalho". Portanto, a lei oral, de acordo com a classificação dos rabinos, classificou praticamente todas as atividades humanas que podem ser consideradas como trabalho e que, conseqüentemente, se acham proibidas.

Segundo os rabinos judaicos, deve ter existido um grande número de preceitos em relação ao casamento, a festas, comidas e outros assuntos, que, realmente, necessitavam regulamentação, porque não eram suficientemente claros na lei escrita. Admitiu-se que a lei oral, ou melhor as "Leis Rabínicas", como mais tarde se tornaram copnhecidas - derivam a sua autoridade da divina revelação no Sinai.

Observando isso, encontramos no Antigo Testamento alguma evidência da existência de uma lei oral, quando fala de "trabalho" não mencionado no Pentateuco. Então diz: "Também sobre nós pusemos preceitos, impondo-nos cada ano a terça parte dum siclo, para o ministério da casa do nosso Deus" (Ne 10.32). E numa outra seção se acrescenta:

"Naqueles dias vi em Judá os que pisavam lagares aos sábados e traziam feixes que carregavam sobre os jumentos; como também vinho, uvas e figos, e toda a casta de cargas, que traziam a Jerusalém no dia de sábado; e protestei contra eles no dia em que

vendiam mantimentos'' (Ne 13.15).

E o profeta Jeremias enfatiza o sentido do argumento, quando diz:

''Assim diz o Senhor: Guardai as vossas almas, e não tragais cargas no dia do sábado, nem as introduzas pelas portas de Jerusalém'' (Jr 17.21).

Misanah Pirke Aboth nos conta como a lei oral passou adiante desde o tempo do Sinai: ''Moisés recebeu a *Torah* e passou para Josué; Josué para os juízes, e os juízes aos profetas e estes aos *Hebreus da grande Sinagoga*. Depois a lei oral passou de geração a geração pelos rabinos de liderança até o tempo do rabino Judá, o *príncipe* (135-219 d.C.), o qual arranjou sistematicamente todas as leis conhecidas na sua época. Esta compilação da lei oral se tornou conhecida como *Mishnah*, que quer dizer *Repetição*.''[2]

O rabino Judá, o príncipe, considerou uma necessidade escrever todos os ensinamentos da lei oral, assim como as ordenanças dos rabinos, desde o tempo de Hillel, que viveu na época de Cristo, até o ano 219 d.C., porque existia o perigo da tradição perder-se ou ser esquecida, seguindo a dispersão.

Estas compilações posteriores, junto com a ''Mishnah'', são conhecidas como ''Talmude'', que quer dizer *estudo*. Quando usado sem objetivos de qualificação, o ''Talmude'' normalmente se refere às compilações efetuadas na Babilônia. Contém as discussões sobre a ''Mishnah'' pelos rabinos residentes em Babilônia desde 200 anos antes da destruição de Jerusalém pelos romanos até aproximadamente 500 anos depois.

Em adição ao ''Talmude'' da Babilônia, existe ainda o ''Talmude de Jerusalém'', que é baseado mais nas discussões da ''Mishnah'' pelos rabinos, residentes na Palestina, após a destruição de Jerusalém. Portanto, foi por, e através deste labirinto de tradições, que os juízes de Cristo formularam o processo condenatório que lhe trazia a morte sobre a ignominiosa cruz.

3. As questões de direito e as defesas rabínicas

Intimidados pelo sumo sacerdote, os juízes de Cristo bem podem ter achado que o seu caso era de ''circunstâncias externas'' e, destarte, permitia um procedimento sem olhar para a normalidade. Então as questões de direito suscitadas, seguidas de defesa rabínica, seguiram assim:

1ª *questão de direito*: "O tribunal não pode reunir-se à noite, nem em dias de grandes festas. Quando se buscarem as provas, as testemunhas devem ser ouvidas à parte, e só serão válidas as evidências por elas apresentadas quando concordarem em todos os pormenores. Cada membro do Sinédrio dará seu veredito separadamente, começando pelos mais moços até os mais velhos. Se a sentença for de morte, deve haver o intervalo de uma noite antes de ser cumprida para se dar ao tribunal a oportunidade de modificar seu julgamento e decisão a favor da misericórdia."

Jesus foi preso, julgado e condenado durante a noite, enquanto a lei rabínica decretava que "nenhum procedimento legal deve ser conduzido após o pôr-do-sol".

Defesa rabínica: "A Lei de Moisés não proíbe julgamento durante a noite. Ao contrário, afirma: *Para que julgem este povo em todo o tempo...* (Êx 18.22a)."

2ª *questão de direito*: "Caifás, provocou Jesus a se incriminar Ele mesmo e a condenação, portanto, se baseou numa confissão sem corroboração."

Defesa rabínica: "Isso não é ilegal de acordo com o Antigo Testamento, o qual nos dá dois exemplos de condenação e execução baseadas em confissões não corroboradas (Js 7.19-26; 2 Sm 1.16 etc.)."

3ª *questão de direito*: "A lei, assim se alega, requeria uma acusação por escrito o que não existiu no caso de Jesus."

Defesa rabínica: "Não existe tal exigência da lei, mencionada na Bíblia."

4ª *questão de direito*: "O julgamento teve o seu início e a sua conclusão em um só dia, alegadamente uma violação flagrante de Lei."

Defesa rabínica: "Não existe esta lei na Bíblia."

5ª *questão de direito*: "Alega-se que a lei hebraica requereu que o julgamento de *ofensas capitais* deveria ser conduzido num lugar chamado *Tribunal (Saguão) da Pedra Talhada*, dentro do Templo, enquanto que Jesus foi julgado em dependências do sumo sacerdote."

Defesa rabínica: "Não há menção na lei de Moisés de qualquer lugar assim chamado. De acordo com Moisés, casos importantes deveriam ser julgados ante os sacerdotes e é isto que aconteceu com Jesus. Em Deuteronômio 16.18, lemos que os

vendiam mantimentos'' (Ne 13.15).

E o profeta Jeremias enfatiza o sentido do argumento, quando diz:

''Assim diz o Senhor: Guardai as vossas almas, e não tragais cargas no dia do sábado, nem as introduzas pelas portas de Jerusalém'' (Jr 17.21).

Misanah Pirke Aboth nos conta como a lei oral passou adiante desde o tempo do Sinai: ''Moisés recebeu a *Torah* e passou para Josué; Josué para os juízes, e os juízes aos profetas e estes aos *Hebreus da grande Sinagoga*. Depois a lei oral passou de geração a geração pelos rabinos de liderança até o tempo do rabino Judá, o *príncipe* (135-219 d.C.), o qual arranjou sistematicamente todas as leis conhecidas na sua época. Esta compilação da lei oral se tornou conhecida como *Mishnah*, que quer dizer *Repetição*.''[2]

O rabino Judá, o príncipe, considerou uma necessidade escrever todos os ensinamentos da lei oral, assim como as ordenanças dos rabinos, desde o tempo de Hillel, que viveu na época de Cristo, até o ano 219 d.C., porque existia o perigo da tradição perder-se ou ser esquecida, seguindo a dispersão.

Estas compilações posteriores, junto com a ''Mishnah'', são conhecidas como ''Talmude'', que quer dizer *estudo*. Quando usado sem objetivos de qualificação, o ''Talmude'' normalmente se refere às compilações efetuadas na Babilônia. Contém as discussões sobre a ''Mishnah'' pelos rabinos residentes em Babilônia desde 200 anos antes da destruição de Jerusalém pelos romanos até aproximadamente 500 anos depois.

Em adição ao ''Talmude'' da Babilônia, existe ainda o ''Talmude de Jerusalém'', que é baseado mais nas discussões da ''Mishnah'' pelos rabinos, residentes na Palestina, após a destruição de Jerusalém. Portanto, foi por, e através deste labirinto de tradições, que os juízes de Cristo formularam o processo condenatório que lhe trazia a morte sobre a ignominiosa cruz.

3. As questões de direito e as defesas rabínicas

Intimidados pelo sumo sacerdote, os juízes de Cristo bem podem ter achado que o seu caso era de ''circunstâncias externas'' e, destarte, permitia um procedimento sem olhar para a normalidade. Então as questões de direito suscitadas, seguidas de defesa rabínica, seguiram assim:

1ª *questão de direito*: "O tribunal não pode reunir-se à noite, nem em dias de grandes festas. Quando se buscarem as provas, as testemunhas devem ser ouvidas à parte, e só serão válidas as evidências por elas apresentadas quando concordarem em todos os pormenores. Cada membro do Sinédrio dará seu veredito separadamente, começando pelos mais moços até os mais velhos. Se a sentença for de morte, deve haver o intervalo de uma noite antes de ser cumprida para se dar ao tribunal a oportunidade de modificar seu julgamento e decisão a favor da misericórdia."

Jesus foi preso, julgado e condenado durante a noite, enquanto a lei rabínica decretava que "nenhum procedimento legal deve ser conduzido após o pôr-do-sol".

Defesa rabínica: "A Lei de Moisés não proíbe julgamento durante a noite. Ao contrário, afirma: *Para que julgem este povo em todo o tempo...* (Êx 18.22a)."

2ª *questão de direito*: "Caifás, provocou Jesus a se incriminar Ele mesmo e a condenação, portanto, se baseou numa confissão sem corroboração."

Defesa rabínica: "Isso não é ilegal de acordo com o Antigo Testamento, o qual nos dá dois exemplos de condenação e execução baseadas em confissões não corroboradas (Js 7.19-26; 2 Sm 1.16 etc.)."

3ª *questão de direito*: "A lei, assim se alega, requeria uma acusação por escrito o que não existiu no caso de Jesus."

Defesa rabínica: "Não existe tal exigência da lei, mencionada na Bíblia."

4ª *questão de direito*: "O julgamento teve o seu início e a sua conclusão em um só dia, alegadamente uma violação flagrante de Lei."

Defesa rabínica: "Não existe esta lei na Bíblia."

5ª *questão de direito*: "Alega-se que a lei hebraica requereu que o julgamento de *ofensas capitais* deveria ser conduzido num lugar chamado *Tribunal (Saguão) da Pedra Talhada*, dentro do Templo, enquanto que Jesus foi julgado em dependências do sumo sacerdote."

Defesa rabínica: "Não há menção na lei de Moisés de qualquer lugar assim chamado. De acordo com Moisés, casos importantes deveriam ser julgados ante os sacerdotes e é isto que aconteceu com Jesus. Em Deuteronômio 16.18, lemos que os

juízes deveriam ser constituídos ...*em todas as...portas da cidade*."

6ª *questão de direito*: "O veredito do Sinédrio foi unânime para condenar Cristo à morte, de acordo com Marcos 14.64. Supostamente, e de acordo com a lei hebraica, se o voto condenatório era unânime, podia-se presumir que os juízes falharam no seu dever como defensores e, portanto, o acusado deveria ter sido libertado imediatamente."

Defesa rabínica "Nem na lei de Moisés, nem em qualquer outro lugar da Bíblia uma lei assim é mencionada."

7ª *questão de direito*: "Considerando que se apresentaram muitas testemunhas falsas (Mt 26.60), inclusive as duas últimas, alega-se que Ele deveria ter sido libertado, e que as testemunhas falsas deveriam ser condenadas em seu lugar, como prova Deuteronômio 19.18-21."

Defesa rabínica "Aqui se torna necessária uma análise um pouco mais extensa. Não sabemos porque o Novo Testamento não nos informa quais foram os depoimentos das *muitas testemunhas falsas*. Resta-nos, portanto, só o depoimento das duas últimas, depoimento por sinal correto, porque de fato Jesus tinha feito um pronunciamento. Que Ele se referia na ocasião ao *Templo do seu Corpo* não vem ao caso, de vez que testemunhas só repetiram a frase e ninguém se interessou pelo significado..."

8ª *questão de direito*: "Nem julgamentos, nem execuções deveriam ser conduzidos num dia de festa, Jesus foi condenado e executado na páscoa."

Defesa rabínica: "Muito pelo contrário, era costume atrasar julgamentos de criminosos até o dia de festa. Isto para garantir uma exibição pública e para impressionar o maior número de pessoas possível. Além disso, como era costume condenar e executar outros... (também aqui a própria *Mishnah* nos esclarece mais ainda a questão)."

"...Ele (o criminoso) era mantido preso até uma das três festas (*Páscoa, Pentecoste* ou *Tabernáculos*) e era condenado e executado em uma destas três festas..." (cf. Dt 17.13). Isto de acordo com o Rabi Akiba.

Mas o Rabi Judah disse: "O julgamento não deve ser adiado e a execução deve tomar lugar de imediato, e uma mensagem escrita deve ser enviada por mensageiros a todos os lugares, dizendo: Tal e Tal, filho de Tal e Tal, foi condenado à morte pela corte."

9ª *questão de direito*: "O sumo sacerdote quebrou a lei rasgando as vestes, ouvindo Jesus afirmar sua filiação divina."

Defesa rabínica: "O mesmo tratado talmúdico menciona aqui como lei hebraica um artigo que diz: "Após os juízes ouvirem palavras de blasfêmia [segundo eles], seja do acusado mesmo ou de uma testemunha ali presente, *eles deveriam se levantar e rasgar suas vestes* em protesto..." (3)

Do ponto de vista divino de observação, o que pode e deve ser dito é que o julgamento como um todo era (e foi) um erro trágico. Porém, dentro da visualização humana, este julgamento, tecnicamente, segundo o conceito rabínico, não era impróprio; era, isto sim, o resultado da ignorância da verdadeira identidade de Jesus. Mas devemos lembrar que o julgamento se procedeu de acordo com "...o determinado conselho e presciência..." de Deus, acontecendo para que nós recebêssemos a remissão dos nossos pecados.

4. As fases do processo

Como já tivemos ocasião de ver em outras notas expositivas, o processo de nosso Senhor passou por sete fases principais; e, a seguir, daremos aqui uma explicação, por ordem, de cada uma delas.

1ª *fase do processo: perante Anás*

"E conduziram-no primeiramente a Anás, por ser sogro de Caifás, que era o sumo sacerdote daquele ano" (Jo 18.13). De acordo com os historiadores, o sumo sacerdote Anás, era filho de Sete, e foi apontado para servir na suprema corte sacerdotal por Quirino (em 7 d.C.) e deposto em 16 d.C. Era um velho de setenta anos, que há uns dezessete fora sumo sacerdote e que ainda conservava esse título, assim como cinco de seus filhos que lhe haviam sucedido, posto que o verdadeiro sumo sacerdote fosse Caifás, seu sogro. A sua idade, talento e influência faziam dele um respeitável vulto social. Pelo menos a Bíblia fala de sua grande influência até o ano 33 d.C. (At 4.6). O velho sacerdote não pronunciou Jesus nas sanções da lei, mas tão-somente desejou algumas perguntas "...acerca dos seus discípulos e da sua doutrina" (Jo 18.19b), e concluiu esta primeira parte do processo que é observada por João: "Anás mandou-o maniatado, ao sacerdote Caifás" (Jo 18.24).

Desta forma foi Jesus logo conduzido do palácio de Anás para o de Caifás.

2ª *fase do processo: perante Caifás*

"Anás mandou-o maniatado, ao sumo sacerdote Caifás" (Jo 18.24).

"Caifás, na qualidade de sumo sacerdote, era o presidente do Sinédrio (suprema corte judaica composta de setenta membros e um presidente), perante o qual Jesus foi julgado. Uma reunião deste conselho, para ser considerada legal, não podia dar-se antes do nascer do sol, que tinha lugar, pouco mais ou menos, às seis horas da manhã. O julgamento de Cristo, entretanto, mostra-nos que, antes desta hora, porém, já muitos dos seus membros se achavam na sala da audiência, atraídos pelo interesse que o caso despertava.

Na primeira fase do julgamento perante Anás, vemos seu interesse em interrogá-lo acerca dos seus discípulos e da sua doutrina, com a intenção de descobrir se Ele tinha incutido no povo alguma idéia revolucionária; o que constituiria um fundamento para o acusarem perante o governador. Jesus, porém, repetiu a insinuação, asseverando, indignado, que tinha falado sempre abertamente ao mundo, e exigiu que lhe expusessem, devidamente comprovados, os males que tinha feito. Diante das acusações maliciosas das falsas testemunhas, o sumo sacerdote apelou para à identificação divina de Cristo, dizendo: "És tu o Cristo, Filho de Deus Bendito?. E Jesus disse-lhe: Eu o sou..."

Então aquela autoridade, num gesto de industriada cólera, rasgou suas vestes, dizendo: "Para que necessitamos de mais testemunhas? Vós ouvistes a blasfêmia..." O plano e propósito do julgamento se cumprira. Tinham agora a prova de que precisavam para o tribunal romano e para o tribunal judaico. Aos olhos de Roma, Jesus seria culpado de traição; e aos olhos do Sinédrio, de blasfêmia. Ainda por Caifás, foi acudida a lembrança dum fato singular: Ouvira o rumor de que Jesus fora reconhecido como o Messias prometido ao povo da aliança.

Isso para Caifás seria uma prova concreta, visto que o governo romano já vivia de sobreaviso contra qualquer insurreição oposta ao domínio romano, e assim Jesus entraria em choque com aquela autoridade. A segunda maior inquirição de Caifás, foi que Jesus tinha dito que era de fato o "Filho do Deus Bendito" (Jo 5.18). Dada esta declaração de Jesus, o sumo sacerdote Caifás pronunciou

as sanções da lei divina (cf. Lv 24.16), por Jesus ter dito que era o Filho de Deus e por isso tinha de morrer (Jo 19.7).

3ª *fase do processo: perante o Sinédrio*

E todo o concílio buscava algum testemunho contra Jesus, para o matar (Mc 14.55a). Na presente seção, vemos uma delegação do Sinédrio que se encontrava reunida "...na sala do sumo sacerdote..." (Mt 26.57).

Esta delegação era composta de todos os membros do Sinédrio (talvez com exceção de alguns). Ao Sinédrio não interessava em nada aplicar a justiça. Eles já haviam dado o seu veredito: Jesus devia morrer! Aquela suprema corte não conseguiu encontrar testemunhas voluntárias para consubstanciar as acusações contra Jesus, pois esse "...andou fazendo o bem..." tão-somente (At 10.38). As duas que por fim conseguiram eram pessoas pagas claramente pelo tribunal.

Elas declararam Jesus como "réu de morte". Então o tribunal eclesiástico concluiu seu julgamento: crime de blasfêmia! (Mt 26.65; Mc 14.64). E Jesus passa agora da estância judaica para a estância romana.

4ª *fase do processo: perante Pilatos*

"Depois levaram Jesus da casa de Caifás para a audiência..." (Jo 18.28a). Agora Jesus iria comparecer perante o representante legal de Roma. Era, então, o governador Pôncio Pilatos, que há seis anos governava a Judéia. Era um típico romano, não do simples gênero antigo, mas do período imperial, um homem em cuja alma existiam restos da antiga justiça romana; homem amante dos prazeres, altivo e corrupto.

Odiava os judeus que estavam sob seu domínio, e, à menor provocação, fazia o sangue correr abundantemente. Diante dessa autoridade:

"...Cristo Jesus...deu testemunho de boa confissão" (1 Tm 6.13).

5ª *fase do processo: perante Herodes*

"E, sabendo que era da juridição de Herodes, remeteu-o da Herodes, que também naqueles dias estava em Jerusalém" (Lc 23.7). Lemos nesta passagem de Lucas que Herodes se encontrava em Jerusalém por ocasião daqueles dias festivos, pelo que também não foi difícil entrar em contato com ele, embora a sua jurisdição,

ordinariamente falando, cobrisse a Galiléia, e não a Judéia. Em determinado círculo da Igreja Cristã, o trecho de Salmo 2.2 era interpretado como uma predição de que Herodes Antipas e Pôncio Pilatos haveriam de agir de comum acordo contra Jesus (At 4.27,28). Segundo as informações de Lucas 23.6-15, Pilatos se aproveitou da circunstância de que Jesus era galileu, a fim de livrar-se da responsabilidade de julgar o seu caso, porquanto Herodes Antipas, assassino de João Batista, é quem exercia jurisdição sobre a Galiléia.

Quando avisaram Herodes de ter Jesus em sua presença, a Bíblia nos informa que este tetrarca "...alegrou-se muito; porque havia muito que desejava vê-lo, por ter ouvido dele muitas coisas; e esperava que o veria fazer algum sinal". Observando as passagens de Lucas 9.7-9; 13.31, encontramos outras indicações do interesse de Herodes por Jesus. Herodes já ouvira muitos rumores acerca de Jesus, e chegava até a temer que Ele fosse João Batista redivivo. Sendo, porém, frustrado em sua curiosidade, Herodes "desprezou" Jesus em razão de nosso Senhor nada lhe ter respondido; e, logo a seguir "...vestiu-o de uma roupa resplandecente..." (Lc 23.11). Provavelmente essa capa era branca, a cor real dos hebreus. A palavra grega que aparece aqui é "lampram" que significa brilhante, conforme outras similaridades em passagens como Apocalipse 19.8.

Mais tarde, os soldados de Pilatos o vestiram de um *manto de púrpura*, a cor imperial de Roma (Jo 19.2,5). Após *escarnecer* dele, o tetrarca Herodes tornou a enviá-lo a Pilatos.

6ª *fase do processo: perante Pilatos novamente*

"E Herodes, com os seus soldados, desprezou-o, e, escarnecendo dele, vestiu-o de uma roupa resplandecente e tornou a enviá-lo a Pilatos" (Lc 23.11). Nesta sexta fase do julgamento de Jesus, Pilatos foi advertido por sua mulher. Evidentemente, sua esposa o advertiu de uma maneira singular; pois jamais o fizera antes com tanto interesse por qualquer outro prisioneiro (Mt 27.19). A tradição chama a mulher de Pilatos de Cláudia Procla, e diz que ela se interessava pela fé judaica do povo que seu marido governava como conquistador. Supõe-se que mais tarde ela se tornou cristã.

A igreja grega canonizou-a. Não temos meios de confirmar e nem de negar essas tradições. Sua ação, entretanto, por causa de

um sonho, não é incomum na história e nem nos tempos modernos. Mateus fala de várias revelações dadas por meio de sonhos (Mt 1.20; 2.12,13,19). Lemos, na história, que a esposa de César, Calpúrnia, tentou impedi-lo de ir ao forum no dia de sua morte, porque fora advertida do desastre iminente em um sonho (Appian, Guerras Civis, II. 480). Josefo, no prólogo de seu livro, Guerras dos Judeus, fala sobre muitos sinais de natureza psíquica antes dos acontecimentos do ano 70 d.C., a destruição de Jerusalém. Através de uma revelação divina, a mulher de Pilatos viu todo o sofrimento de Jesus. As Escrituras não nos fornecem o conteúdo deste sonho. Entretanto, as evidências apontam para o sofrimento de nosso Senhor.

No "Cântico do Messias" (livro apócrifo), há uma narrativa deste sonho. Segundo ele, foi Sócrates que apareceu à mulher de Pilatos naquele sonho. Pelo menos é interessante que foi uma mulher, e pagã por sinal, a única pessoa a se apresentar em defesa de Jesus, naquelas horas cruciais. Ela sabia que Jesus era justo, e que seria melhor para seu esposo que ele não se envolvesse em sua morte. Posteriormente, após haver sido deposto, Pilatos foi forçado a cometer suicídio. Não é impossível que, se tivesse dado ouvidos à sua mulher, pudesse ter escapado dessa morte trágica. Acreditamos que este sonho foi de origem sobrenatural, e que um anjo celestial (Gabriel?), tenha falado com ela, quando sonhava.

Mesmo sendo advertido por sua mulher, Pilatos não se deu por advertido. E, nesta oportunidade, ainda que em termos que nem ele mesmo entendia, exclamou: "Eis aqui o homem!", palavras essas que têm atravessado os séculos, a fim de compungir os corações dos homens ante os sofrimentos de Jesus, requerendo imperiosamente a atenção do mundo inteiro. "Eis aqui o homem!" • exclamou Pilatos. E durante todos os séculos, desde então, os homens têm contemplado a pessoa de Cristo, com grande respeito e com súbito silêncio na cacofonia de seus pensamentos. Na cidade de Jerusalém há um arco arquitetônico denominado "Arco Ecce-Homo" (Arco do Eis aqui o Homem!), que solenemente assinala o local tradicional onde Pilatos proferiu perante a multidão essas palavras imortais. Aquele seu "Ecce-Homo" soa por todo o mundo e atrai os olhos de todas as gerações para aquele rosto ensangüentado. Após dizer tal expressão, Pilatos procura, ver-se livre de Jesus e da sua causa, e, prontamente "...entregou-o, para

que fosse crucificado''. Concluindo, assim, a sexta fase dos julgamentos eclesiásticos e civis.

7ª *fase do processo: perante o tribunal divino*

''Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós; porque está escrito: Maldito todo aquele que foi pendurado no madeiro'' (Gl 3.13). Ainda que nosso Senhor tivesse sido absolvido nos tribunais romanos e judaicos, a justiça divina exigia que Ele morresse! Era do agrado do Pai que Ele se tornasse a vítima substituta, em lugar do pecador (Is 53.10). Por essa razão, Jesus foi ''...feito pecado'' e ''...maldição'' por nós (2 Co 5.21; Gl 3.13), e ''...contado com os transgressores...'' (Is 53.12). Mediante tal posição assumida por nosso Senhor (ainda que era inocente) a justiça de Deus não o perdoou! Ele tinha de morrer. E morreu! A questão de direito deste julgamento divino: a causa do pecado (At 2.23; Rm 5.6-21).

---

(1) Queb. o Solo. G. R. N. e J. G. 1979
(2) op. vit. G. R. N. e J. G. 1979
(3) **Idem. 1979**

12
A Crucificação de Cristo

1. O suplício cruel

"E, levando ele às costas a sua cruz, saiu para o lugar chamado Caveira, que em hebraico se chama Gólgota, onde o crucificaram..." (Jo 19.17,18a).

Finalmente "...o cordeiro foi levado ao matadouro..." (Is 53.7) e ali o crucificaram cravejando suas mãos e seus pés como já estava vaticinado (Sl 22.16, etc.). Cristo, agora, estava na cruz!

A morte por crucificação era indescritivelmente horrível. Como Cícero, que a tinha presenciado muitas vezes, disse, era o mais bárbaro e ignorante dos castigos. "Que ele" (acrescenta Cícero) "nunca se aproxime do corpo dum cidadão romano; nem do corpo, nem mesmo dos pensamentos, dos olhos, ou dos ouvidos". Era reservado para os escravos e para os revolucionários, cujo fim se quisesse cobrir de uma desonra.

Para os romanos (e até para os judeus), nada mais fora do natural e mais revoltante do que suspender um homem vivo em tal posição.

De acordo com Flávio Josefo, esta forma ignominiosa teve sua origem inspirada pelo costume de se pregar em estacas, num lugar exposto, os animais daninhos, de modo a servir a um tempo de punição para eles e de divertimento para os assistentes. Ainda que as primeiras pancadas nas feridas promovessem o fim, era uma morte aflitiva.

A vítima, em geral, durava dois ou três dias, sentindo nas mãos e nos pés dores insuportáveis produzidas pelos cravos, tortu-

rada pelo entumecimento das veias, e, pior do que tudo, a braços com uma sede abrasadora que aumentava constantemente. Era impossível deixar de mover o corpo, a fim de obter alívio a cada nova atitude da dor, mas cada movimento trazia uma nova e cruciante agonia! De bom grado, porém, desviamos os olhos daquele horrível espetáculo, para pensar em quem pelo vigor da sua alma, pela sua resignação e amor, Jesus o Filho de Deus, triunfou da ignomínia, crueldade e horror, a fim de provar semelhante morte. Era necessário aquele grito de dor que partiu do recôndito de sua alma imaculada. "Não vos comove isto a todos vós que passais pelo caminho? Atendei, e vede, se há dor como a minha dor..." (Lm 1.12a).

A cruz de Cristo é também o ponto central neste prisma. Paulo gloriava-se nela, dizendo: "Mas longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo" (Gl 6.14). Assim, a cruz de nosso Senhor é o ponto central de toda história, o Universo da eternidade! Destas trevas tem vindo eterna luz! Jesus foi desamparado para que nós fôssemos amparados; Ele foi ferido para que nós fôssemos sarados!

No seio da Igreja Cristã, quando se falava da cruz de Cristo era falar da significação de sua morte. Por esta razão, o Novo Testamento não dirige maior atenção para as dores físicas que Cristo sofreu na cruz e sim para a ignomínia desse suplício. Para os gregos e romanos era a morte infamante de escravos criminosos, que a gente decente nem sequer mencionava; para os judeus, esta morte era sinal da maldição de Deus sobre o réu, separado do seu povo (cf. Hb 13.12). Cristo, tolerando o suplício da cruz, desprezou esta ignomínia (Hb 12.2) e deu a medida da sua obediência (Fp 2.6-8). Para nós que cremos em Cristo, a cruz é a fonte de toda vitória, e existe uma vitória em cinco aspecto a ser conquistada pelo cristão:

Primeiramente, a vitória sobre a morte (1 Co 15.56,57).
Em segundo lugar, a vitória sobre o "eu" (Gl 2.20).
Em terceiro lugar, a vitória sobre a carne (Gl 5.24).
Em quarto lugar, a vitória sobre o mundo (Gl 6.14).
E em quinto lugar, a vitória sobre Satanás (Gl 2.15).

2. O título trilíngüe da cruz

Era costume romano, depois que a vítima fosse pregada na

cruz, colocar uma descrição de seu crime no alto da cruz. Na tabuleta escreveram "títulos", no caso de Cristo. Lia-se: "Jesus Nazareno, Rei dos Judeus". João diz-nos que essa inscrição foi em hebraico, grego e latim. É possível que parte da variação se tenha derivado dessa circunstância, pois os idiomas têm sintaxes diferentes. Os romanos tinham o costume de anunciar em letras brancas, em uma tábua tosca, o crime pelo qual o condenado estava sendo executado. Com freqüência, o título era pendurado no pescoço do condenado, mas este caso evidentemente foi posto acima da cabeça de Jesus, na própria cruz.([1])

A redação da acusação varia nos diversos evangelhos, segundo segue:

1º) "E por cima da sua cabeça puseram escrita a sua acusação: ESTE É JESUS, O REI DOS JUDEUS" (Mt 27.37).

2º) "E por cima dele estava escrita a sua acusação: O REI DOS JUDEUS" (Mc 15.26).

3º) "E também por cima dele estava um título, escrito em letras gregas, romanas e hebraicas: ESTE É O REI DOS JUDEUS" (Lc 23.38).

4º) "E Pilatos escreveu também um título, pô-lo em cima da cruz; e nele estava escrito: JESUS NAZARENO, REI DOS JUDEUS" (Jo 19.19).

Alguns intérpretces têm chegado à suposição de que cada evangelista registrou uma parte do título completo, o qual seria, portanto: o resumo de João: "JESUS NAZARENO, REI DOS JUDEUS".

O título teria sido escrito pelo próprio punho de Pilatos, como ele mesmo declarou: "...O que escrevi, escrevi" (Jo 19.22b). Estava colocado na parte vertical da cruz onde se encontrava a cabeça do Senhor. Era fácil de ser lido por todos, porque se encontrava colocado na parte mais alta da cruz; e, além disso, esta postava-se sobre um pequeno monte, perto de uma estrada (Mt 27.39). Aquela escritura também se encontrava escrita em três línguas de grande importância para aqueles dias: Hebraico, Grego e Latim. O motivo deste título trilíngüe, foi a grande influência política com que estas três línguas tinham influenciado o mundo todo. Então se diz em sua sistematização:

"Esta condenação foi escrita em hebraico, por causa do lugar em que o suplício se consumou; foi escrita na língua grega, por

causa da grande turba helenista que veio para a páscoa; foi escrita em latim, por causa da majestade do Império Romano."

"O hebraico, o grego e o latim eram as línguas de maior valor para eles; o aramaico (que era o hebraico modificado, ou estropiado) era o vernáculo para os palestinos. O grego era a língua usada pelos helenistas; o latim, era a língua da lei.

"O hebraico era a língua da revelação; o grego era a língua da filosofia; o latim era a língua do direito.

"O hebraico era a língua dos oráculos sagrados; o grego era a língua da sabedoria; o latim era a língua dos documentos oficiais do Império Romano.

"O hebraico era a língua em que Deus fez conhecidas suas boas-novas ao mundo; o grego era a língua da beleza; o latim era a língua que mostrava a majestade do Império Romano.

"O hebraíco era a língua dos privilégios messiânicos; o grego era a língua do comércio; o latim era a língua da administração..."

3. As sete palavras da cruz

As sete palavras da cruz, assim se chamam, tecnicamente falando, aquelas palavras que, durante a crucificação, Jesus proferiu. As três primeiras são palavras que demonstram preocupação pelos outros; as três que seguem, são palavras que se relacionam com seu sacrifício.

A sétima e última que foi proferida durante as trevas sobrenaturais que envolviam o Calvário, nos mostram que Ele não perdeu suas energias físicas, e nem morreu extenuado, mas voluntariamente rendeu o espírito.(2)

Existem várias maneiras de se ordenar as palavras proferidas por nosso Senhor durante sua crucificação, entretanto, parece que, a ordem cronológica delas, é a que segue:

1ª) "...Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem..." (Lc 23.34).

2ª) "...Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso" (Lc 23.43b).

3ª) "...Mulher, eis aí o teu filho... Eis aí tua mãe..." (Jo 19.26,27).

4ª) "...Eli, Eli, lama sabactâni..." (Mt 27.46).

5ª) "...Tenho sede" (Jo 19.28).

6ª) "...Está consumado..." (Jo 19.30).

7ª) "...Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito..." (Lc 23.46).

Acrescenta-se agora: "...E havendo dito isto, expirou!"(3)

4. A significação especial da cruz

O apóstolo Paulo falava na eficácia da cruz de Cristo. Então ele disse: "Porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus" (1 Co 1.18). Isso significa que, pela sua morte na cruz, Jesus trouxe eterna salvação para aqueles que, em qualquer tempo ou lugar, o aceitam como Salvador. Isso, entretanto, dá-se mediante a intervenção de Deus que, "...havendo por ele [Cristo] feito a paz pelo sangue da sua cruz, tendo, por meio dele, reconciliado consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra como as que estão nos céus" (Cl 1.20). Assim, a cruz se levantou e a sua mensagem se tornou eterna!

Como uma cruz aponta para várias direções, isto é, para cima, para baixo e para os lados, assim a mensagem da vitória de Cristo, que Ele ganhou na cruz, é dirigida para todos os lados e também para o tempo e a eternidade:

1º) A cruz aponta para baixo onde se encontravam os pés do Senhor. Isso significa a proclamação da vitória de Jesus sobre o Diabo. Realmente, a "...cabeça da serpente..." foi ferida (Gn 3.15), o grande inimigo de Deus e dos homens foi despojado da sua posição, quando Jesus triunfou sobre ele (Cl 2.14,15). Jesus disse antes da cruz: "Agora é o juízo deste mundo: agora será expulso o príncipe deste mundo" (Jo 12.31).

2º) A cruz aponta para cima. E a proclamação da mensagem de Deus dizendo que, agora, o mundo está sendo rec>onciliado com Ele nos seguintes termos: "E tudo isto provém de Deus que nos *reconciliou* consigo mesmo por Jesus Cristo, e nos deu o ministério da reconciliação. Isto é, Deus estava em Cristo reconciliado consigo o mundo..." (2 Co 5.18,19). Agora Deus pode estar conosco, por meio de Jesus Cristo: Ele é o Emanuel: "...Deus conosco!" (Mt 1.23).

3º) A cruz estende os seus braços como sinal de parar! O que deve parar diante da cruz?

Primeiro, todas as profecias do Antigo Testamento que

falavam de sua morte. Elas deviam parar, pois sua missão agora fora cumprida.

Jesus estava morto na cruz!

Segundo, a fúria da Lei, porque, "O fim da Lei é Cristo para justiça de todo aquele que crê" (Rm 10.4).

Assim a lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo. Mas diante da cruz sua missão tinha expirado (Gl 3.24; Ef 3.2).

4º) Os braços da cruz se abrem. Isto significa que, agora, simultaneamente se abrem os *braços de perdão de Deus* para todos. Jesus também podia agora reforçar aquilo que durante sua vida tinha ensinado: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei" (Mt 11.28). Portanto, a mensagem da cruz é completa e universal para todas as direções e necessidades.(4)

---

(1) O NT. Int. v. p. v. R. N. Champlin, Ph, D. 1982
(2) O Hom, Corp, Alm, e Esp. S. P. S. 1988
(3) O Ret. do Salv. H. L. 1985
(4) Teol. Sist. 4ª Vol. E. B. 1984

13
A Morte de Cristo

1. Seu significado

Paulo diz que Cristo "...morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras" (1 Co 15.3b). De que morreu Jesus? É uma pergunta bastante freqüente entre os estudiosos da Bíblia. Pesquisas feitas nos últimos anos em Colônia têm procurado dar uma resposta a essa pergunta, do ponto de vista médico. Se pendurarmos uma pessoa pelas duas mãos, o sangue desce com grande rapidez para a metade inferior do corpo. Seis a doze minutos depois a pressão arterial cai à metade e as pulsações duplicam. O coração recebe pouco sangue e o resultado é o desfalecimento. Em conseqüência da circulação sangüínea insuficiente no cérebro e no coração, dá-se rapidamente um colapso ortostático. A morte na cruz é portanto um colapso cardíaco. Afirma-se que os crucificados só morriam após dois ou três dias na cruz ou ainda mais tarde. Muitas vezes, colocava-se no madeiro vertical da cruz um pequeno apoio para os pés, chamado "sedile" (assento) ou "cornu" (chifre). Se o crucificado, em sua angústia, apoiava-se de vez em quando no sedile, o sangue subia de novo à parte superior do corpo e o princípio de desfalecimento desaparecia. Quando se queria acabar finalmente com o sofrimento do crucificado, recorria-se ao "crurifragium": quebravam-se-lhe os joelhos a golpe de bastão.([1])

Então, não podendo mais apoiar-se nos pés, ele morria rapidamente de insuficiência cardíaca. Entretanto, por expressa ordem divina, Jesus foi poupado ao "crurifragium": "Os judeus, pois, para que no sábado não ficassem os corpos na cruz, visto

como era a preparação (pois era grande o dia de sábado), rogaram a Pilatos que se lhes quebrassem as pernas, e fossem tirados. Foram pois os soldados, e, na verdade, quebraram as pernas do primeiro, e ao outro que com ele foram crucificados. Mas, vindo a Jesus, e vendo-o já morto, não lhe quebraram as pernas ...Porque isto aconteceu para que se cumprisse a Escritura, que diz: Nenhum dos seus ossos será quebrado" (Jo 19.31-33,36).

2. **A necessidade de sua morte**

O leitor deve estar lembrado de que, no início deste argumento sobre a morte de Cristo, apresentamos algumas opiniões do ponto de vista médico. Entretanto, segundo as Escrituras, é forçoso acreditar-se que a morte de Cristo era necessária, pois doutra maneira Deus jamais teria sujeitado seu Filho muito amado ao ignominioso suplício da cruz.

O próprio Jesus Cristo refere-se à sua morte como necessária. Então Ele disse: "Na verdade, na verdade vos digo que, se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas se morrer, dá muito fruto (Jo 12.24). Também nosso Senhor afirmou que sua morte seria (por parte dele) voluntária: "por isto o Pai me ama, porque dou a minha vida para tornar a tomá-la. Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar, e poder para tornar a tomá-la..." (Jo 10.18a).

Taylor afirma: "O fato central de toda a história é a morte de Cristo. A cruz apenas se eleva altaneira sobre as ruínas do tempo, mas se sobrepõe a tudo quanto interessa ao homem. Todos os séculos que antecederam à morte de Cristo no Calvário, ou inconscientemente ou com vaga esperança, aguardavam esse evento, e todos os séculos desde então só podem ser corretamente interpretados à luz da sua realização.

"Assim sendo, seria inconcebível que alguma luz não fosse projetada com antecedência sobre esse grande propósito de Deus de enviar um Salvador que morresse pelos homens, não somente para o encorajamento daqueles que, sem seu concurso, estariam tateando nas trevas, mas também para fornecer informações que possibilitassem a correta compreensão da pessoa e da obra do Messias quando chegasse."(2)

3. **A importância de sua morte**

Ao contrário do que acontece no caso das pessoas comuns, é

a morte de Cristo mais do que a morte de qualquer outra personalidade. É de importância suprema. Tanto no Antigo como no Novo Testamento, é salientada a importância de sua morte expiatória.

No Antigo Testamento, é da morte de Cristo que tratam muitos tipos de profecias e sacrifícios cerimoniais. Começando com o "Proto-evangelium" em Gênesis 3.15 e os animais que morreram para fornecer vestimentas de peles para Adão e sua mulher (Gn 3.21). Podemos localizar um *cordão escarlata* por toda a Bíblia. Nos sacrifícios que antecederam sua morte, podemos destacar estes: o de Abel (Gn 4.4), o carneiro no monte Moriá (Gn 22.13), os sacrifícios patriarcais em geral (Gn 8.20; 12.8; 26.25; 33.20; 35.7), o cordeiro pascal no Egito (Êx 12.1-28), os sacrifícios levíticos (Lv 1 a 7), a oferta de Manué (Jz 13.16,19), o sacrifício anual de Elcana (1 Sm 1.21), as ofertas de Samuel (1 Sm 7.9,10; 16.2-5), as ofertas de Davi (2 Sm 6.18), a oferta de Elias (1 Rs 18.38). Todos estes sacrifícios e muitos mais apontam para o maior de todos os sacrifícios que seria feito por Cristo.

No Novo Testamento, a morte de Cristo ocupa lugar proeminente.

Os três últimos dias da vida terrena de nosso Senhor ocupam aproximadamente um quinto das narrativas nos quatro evangelhos. Se todos os três anos do seu ministério público tivessem sido relatados tão minuciosamente quanto os três últimos dias, teríamos uma "Vida de Cristo" com cerca de 8.400 páginas. Evidentemente, a morte e ressurreição de nosso Senhor foram consideradas de suprema importância pelo Espírito Santo. Por essa razão, quando abrimos o Novo Testamento, direta ou indiretamente, a morte dele é mencionada por mais de 175 vezes. Como há 7.959 versículos no Novo Testamento, isto significaria que um em cada 53 versículos se refere a este tema.

4. Sangue e água do lado de Cristo

O "sangue e a água" saídos do lado de Jesus indicam que Ele teve seu pericárdio perfurado pela lança do soldado romano, conforme João viu e testificou: "Contudo um dos soldados lhe furou o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água" (Jo 19.34). A ciência médica mostra dois pericárdios no corpo humano: um fibroso e o outro seroso.

Mas, necessariamente, no caso de Jesus está em foco o

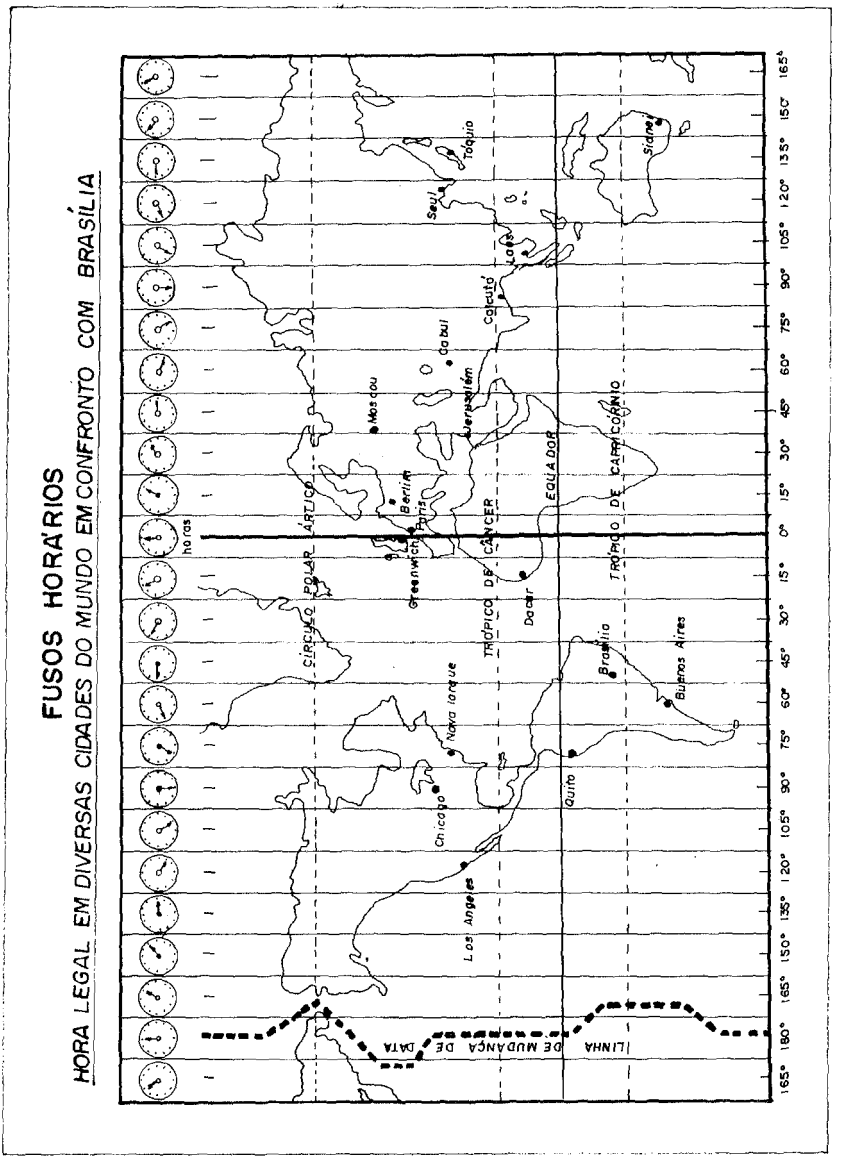
"pericárdio seroso". É um saco fechado, cuja lâmina parietal externa forra a superfície do pericárdio fibroso e se reflete para o coração, onde é designada a lâmina visceral ou epicárdio. À medida que a lâmina visceral se reflete para o coração, ela envolve parcialmente os grandes vasos.(3)

De acordo com a medicina, sangue e água saindo de um corpo logo após a morte só acontece, apenas, em caso de rotura do coração; nesse caso acumula-se no pericárdio (membrana que envolve o coração) e se divide numa espécie de pasta sangüínia e soro aquoso. Muitos argumentos foram apresentados para estabelecer este acontecimento após a morte de Cristo. Entre outros, foi frisado que a brevidade do tempo durante o qual Ele permaneceu na cruz e o seu grito bem na hora em que "entregou" o espírito (Lc 23.46), tendem a provar que uma ruptura do coração foi a causa da morte do "Homem de Dores" (Is 53.3). Sobre intensa dor e pressão violenta do sangue, o coração pode romper-se. "Pode ser que o sofrimento pelo pecado humano vá além do que a constituição física humana possa suportar." Segundo o conceito médico, freqüêntemente isso acontece, quando o coração é repentina e violentamente perfurado após a morte por ruptura cardíaca (no caso de Jesus devemos afastar a hipótese de uma ruptura cardíaca: Ele voluntariamente entregou o espírito). Dentro de poucas horas após tal morte, dizem os médicos, o sangue, geralmente, se separa em suas partes constituintes ou elementos essenciais: "crasamentum", substância lisa coagulada de cor vermelho-vivo, e soro, líquido aquoso pálido • popularmente chamados sangue e água, que correrão, separadamente, se o pericárdio for violentamente rasgado ou perfurado.

O apóstolo João afirma ter visto quando o soldado perfurou o lado de Cristo com aquela lança. E parece que ficou temeroso de que não lhe dessem crédito, pois, na seção seguinte, ele teve o cuidado de dizer ao mundo que ele pessoalmente viu aquilo. "E aquele que o viu testificou, e o seu testemunho é verdadeiro; e sabe que é verdade o que diz, para que também vós o creiais" (Jo 19.35). Portanto, fisicamente falando, pode ter acontecido uma ruptura; mas, necessariamente, não foi isso que causou a morte de nosso Senhor. Ele, conforme já dissemos acima, voluntariamente entregou a sua vida!(4)

Outrossim, a sua morte devia ser demarcada para as "três

horas'' da tarde do dia 14 do mês de Nisã (Abril), ''...entre as duas da tarde'' (Êx 12.6). Isso significa que, ele tinha de morrer entre o entardecer e as onze horas pela contagem diurna (Consulte o mapa demonstrativo).



5. Sua morte foi voluntária

O capítulo 53 do profeta Isaías mostra o mais impressionante relato sobre a morte de Cristo. Cada versículo ali contido dá um vislumbre do "Cordeiro Crucificado". O profeta também salienta que nosso Senhor Jesus morreu voluntariamente. Eis a questão:

a) *Sua morte foi voluntária.* "Foi levado" (v.7). Jesus não foi forçado à cruz. Não foi à cruz contra sua vontade. Ele foi levado! Foi oprimido e afligido! Este tipo de linguagem implica sua aceitação voluntária da cruz. Ele humilhou-se a si mesmo até a morte: e morte de cruz. Deixou-se crucificar. Que graça espantosa por parte daquele que tudo podia fazer para evitar tamanho suplício! Ele tinha o poder de entregar a vida e tornar a tomá-la, e fez ambos. Jesus, o eterno Salvador, não foi forçado ao Calvário, mas atraído para ele, por amor a Deus. E por amor ao pecador.

b) *Sua morte foi vicária*: "Como cordeiro". Sem dúvida, o profeta Isaías tinha em mente o cordeiro pascal, oferecido em lugar dos israelitas pecadores. Sobre a cabeça do cordeiro sem mancha, realizava-se uma transferência dupla. Primeiro, assegurava-se o perdão divino mediante o santo cordeiro, oferecido e morto. Segundo, o cordeiro, sendo assado, servia de alimentação para nutrir da fome o povo eleito. Foi, então, o duplo sacrifício de Cristo! Morreu para nos salvar e ressuscitou, para nossa justificação. Cristo também é o "Pão da Vida". Nosso alimento diário. Sendo ressuscitado, significa para nós um pão sempre novo.

c) *Sua morte foi de forma cruel.* "Ao matadouro". Matadouro! Essa palavra cruel sugere a brutalidade da morte do Cristo inocente e santo de Deus. Não é de admirar que a natureza envolvesse a cruz em um manto de trevas, cobrindo, assim, a maldade dos seres humanos, como vista na forma desnuda do Redentor do mundo!

6. O sepultamento de Cristo

"Depois disto, José de Arimatéia (o que era discípulo de Jesus, mas oculto, por medo dos judeus) rogou a Pilatos que lhe permitisse tirar o corpo de Jesus. E Pilatos lho permitiu. Então foi e tirou o corpo de Jesus. E foi também Nicodemos (aquele que anteriormente se dirigira de noite a Jesus), levando quase cem arratéis dum composto de mirra e aloés. Tomaram pois o corpo de Jesus e o envolveram em lençóis com as especiarias, como os

judeus costumam fazer, na preparação para o sepulcro. E havia um horto naquele lugar onde fora crucificado, e no horto um sepulcro novo, em que ainda ninguém havia sido posto. Ali pois (por causa da preparação dos judeus, e por estar perto aquele sepulcro), puseram a Jesus" (Jo 19.38-42).

Sepultar os mortos era considerado um ato de piedade, o que se poderia esperar de um homem como José de Arimatéia. Também era comum que se sepultassem os mortos no mesmo dia de seu falecimento, e sabemos que o corpo de um homem executado não tinha permissão de ficar pendurado na cruz a noite inteira (Dt 21.23). Tal coisa, para a mente judaica, poluiria a terra. E, às seis horas, começava o sábado da semana da Páscoa, durante a qual estava interditada qualquer execução. A proximidade da grande festa explica a maneira como foram precipitados os acontecimentos do dia • a prisão noturna, o julgamento, e execução e o sepultamento de Jesus, tudo em poucas horas.

Mas mesmo assim, havia algo de sobrenatural para que as Escrituras fossem cumpridas. Então Paulo diz: "...Jesus...foi sepultado...segundo as Escrituras" (1 Co 15.4). Os fatos mais ligados e notáveis no sepultamento de Cristo parecem, em resumo, ser os que seguem: José de Arimatéia levou o seu corpo (Mc 15.42-45); Nicodemos levou as *especiarias* (Jo 19.39); as mulheres presenciaram de *longe* (Mt 27.55). Os apóstolos nada fizeram. No sábado, Pilatos mandou colocar a guarda no sepulcro. Os judeus selaram a pedra.([5])

7. **A preparação para o corpo**

A fim de preparar o corpo para o sepultamento, os judeus o colocavam sobre uma mesa de pedra na câmara funerária. Primeiro o corpo devia ser lavado com água morna. O Talmud Babilônico registra que a lavagem do corpo era tão importante para um sepultamento apropriado, que os judeus permitiam que fosse feita até mesmo no sábado. O cerimonial da lavagem do corpo não devia ser feito por uma pessoa apenas, mesmo que se tratasse de uma criança. Da mesma maneira, o morto não devia ser mudado de posição a não ser por duas pessoas no mínimo. O corpo era colocado numa prancha, com os pés voltados para a porta, e coberto com um lençol limpo. Então era lavado com água tépida, da cabeça aos pés, e durante esse trabalho cobria-se a boca do morto para que não escorresse água para dentro.

Há mais uma outra informação do Talmud sobre isso: "Primeiro, o corpo ficava com o rosto voltado para cima; depois inclinava-se para o lado direito, enquanto o lado esquerdo e parte das costas eram lavados, depois virava-se o lado esquerdo enquanto o lado direito e o resto das costas recebiam o mesmo tratamento, e em seguida o corpo ficava de costas. Em alguns casos as unhas eram cortadas, mas geralmente eram simplesmente limpas com uma espécie de alfinete, e o cabelo geralmente arrumado do jeito que era usado em vida." Evidentemente, portanto, José e Nicodemos com seus auxiliadores, devem ter feito tudo isso e muito mais por aquele que tanto amavam (cf. At 9.37).

8. O uso de especiarias

"E foi Nicodemos (aquele que anteriormente se dirigira de noite a Jesus), levando quase cem arratéis dum composto de mirra e aloés" (Jo 19.39).

Era costume, como se verifica no Novo Testamento, preparar o corpo, depois de lavado, com várias espécies de ervas aromáticas. Lucas nos informa que, o mesmo cuidado tiveram as mulheres que haviam seguido a Jesus durante seu ministério terreno. Então diz ele: "E, voltando elas, preparam especiarias e ungüentos, e no sábado repousaram, conforme o mandamento" (Lc 23.56).

No caso do sepultamento de Cristo, foram usados cerca de 50 quilos de especiarias. Isso de acordo com a interpretação dada por João quando ouvia a avaliação feita por Judas na casa de Marta, 50 quilos de ervas aromáticas valeria, então, 100 anos de serviço de um operário (Jo 12.5). Pode-se pensar nisto como sendo uma grande quantidade, mas, para um líder não era. Gamaliel, por exemplo, neto de um conhecido sábio judeu chamado Hillel, também foi contemporâneo de Jesus. Saulo de Tarso estudou com ele. Quando Gamaliel morreu, usaram-se 39 quilos de ervas. Josefo, o historiador judeu, relata que, quando Herodes morreu, foram necessários 500 escravos para carregar as ervas. Assim, 50 quilos não era uma quantidade incomum, oferecida para aquele que tudo é dele e para Ele.

9. O túmulo de Cristo

Literalmente falando, o túmulo de Cristo é uma sala de 4,60 m de largura; 3,30 m de fundo; 2,50 m de altura.

Quem já teve a oportunidade de nele entrar, deve ter verificado

que, à direita, se vêem duas sepulturas: uma junto à parede da frente a outra na dos fundos. Ficam um pouco abaixo do nível do piso da sala mortuária, separadas por uma parede baixa. A sepultura da frente parece que nunca foi concluída. Tudo indica que só a sepultura dos fundos foi alguma vez ocupada, e ainda assim sem indícios de restos mortais.

Quem por lá passou, observa que o túmulo é suficientemente capaz de acomodar um grupo de mulheres e dois anjos, com espaço à cabeça e aos pés onde um anjo podia sentar-se (Mc 16.5; Jo 20.12). À direita da porta, para o bom observador, vê-se uma janela por onde, ao romper do dia, a luz solar teria penetrado na sepultura ocupada até então. Por expressa ordem de Deus, foi providenciada uma sepultura.

Era um túmulo novo!

O corpo de Jesus foi colocado em um túmulo novo, cavado na rocha sólida, numa área de cemitérios particulares. Tudo agora tinha terminado, segundo aquilatavam aqueles que, durante sua vida terrena, foram seus inimigos. Ele agora encontrava-se morto; seu corpo sepultado debaixo de quase duas toneladas de pedra. No texto de Marcos 16.4, dos manuscritos de Bezae, da Biblioteca de Cambridge, na Inglaterra, foi encontrado um comentário intercalado que acrescenta: "E quando Ele foi colocado lá, ele (José) pôs contra o sepulcro uma pedra que vinte homens não podiam tirar." Por exemplo, Mateus 27.60 diz que "...rodando uma grande pedra para a porta do sepulcro, foi-se".

Aqui a palavra grega usada para *rodando* (rolar) é "Kulio", que significa *rolar*. Usa a mesma raiz da palavra "Kulio". Entretanto, em Marcos 16.4, ele acrescenta uma preposição para explicar a posição da pedra depois da ressurreição. Em grego, para mudar o sentido ou dar maior intensidade a um verbo, acrescenta-se-lhe uma preposição. Ele acrescentou a preposição "ana", que significa *acima* ou *para cima*. Seja como for, a pedra, antes da ressurreição de Cristo, foi rolada por mãos humanas. Agora, porém, depois da ressurreição daquele que trouxe a luz e a imortalidade, foi removida: mas por mãos espirituais!

---

(1) Vie de Jésus. W. 1945
(2) Teol. Elem. E. H. B. 1983
(3) O Hom, Corp, Alm, e Esp. S. P. S. 1988
(4) op. cit. S. P. S. 1988
(5) O NT Int. v. p. R. N. Champlin, Ph. D. 1982

14
A Ressurreição de Cristo

1. Ao terceiro dia

A ressurreição de Cristo foi a justificação do Crucificado, isto é, a declaração de Deus de que sua morte não foi a morte de um culpado, e, sim, a do *Santo* e *Justo*; que não foi fatalidade ou martírio ao acaso, e, sim, propósito eterno e a verdadeira finalidade de sua encarnação. Em conseqüência, a justificação da pessoa humana, mediante a fé, dependia também desta ressurreição. Portanto, na fé tudo depende do objeto, do conteúdo da fé. Quem crê tão-somente no modelo de vida de Jesus, sem discernimento para com a sua morte, seu sangue e a sua ressurreição, a este, Deus não pode justificar, pois este considera secundário aquilo que para Deus é fundamental. Foi necessária, assim, a sua ressurreição ao *terceiro dia*, como demonstração do supremo poder de Deus, chamando do *seio da terra* aquele que trouxe a vida, a luz e a incorrupção pelo Evangelho (2 Tm 1.10).

A ressurreição de Jesus Cristo é o grande alicerce histórico e divino da Igreja Cristã, sendo o elemento do qual se origina uma das principais diferenças da doutrina cristã, quando contrasta com outras religiões. É um equívoco declarar ou mesmo supor que a mensagem de Cristo não teria significação se Ele não houvesse ressuscitado ao *terceiro dia* dentre os mortos, porquanto, até mesmo sem a história da ressurreição, provavelmente seria considerado um dos maiores homens que já tivemos aqui na face da terra, tanto por causa dos seus ensinamentos como por causa de sua vida extraordinária, na qual demonstrou diversos poderes admiráveis.

Entretanto, isso não fundamentava um cristianismo idôneo, verdadeiro e eficaz. Razão por que disse Paulo: "E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados" (1 Co 15.17b).

Três pontos importantes foram seguidos por meio da ressurreição de nosso Senhor:

2. A importância de sua ressurreição

Os mensageiros da história da ressurreição de Cristo foram ministros dotados de grande poder. Deus tocara nas vidas humanas, através de Cristo; por que motivo não empregaria outras entidades espirituais! A mão de um anjo facilmente fez deslizar uma pedra maciça.

Era um anjo de pureza, porquanto suas vestes brilhavam como a luz.

Era um anjo do reino imortal, porquanto trazia a extraordinária mensagem de vitória sobre a morte.

Era um ser sobrenatural, tal como o anjo de Apocalipse 10.1, e tal como o próprio Jesus, quando de sua transfiguração no "monte santo", ainda que não era igual a seu Senhor! O anjo veio de um ambiente celestial, e a sua glória brilhou ao redor, e os homens ficaram cheios de terror. Por breves momentos, ele entrou nesta terra tenebrosa, mas a mensagem que ele trouxe continua iluminando os corações humanos.

A morte não é mais permanente, nem mesmo em relação ao corpo físico, quanto menos no que diz respeito à alma.

Jesus ressuscitou! Atravessou a matéria física, e o anjo meramente rolou a pedra, para que todos vissem que Ele saíra.[1]

Tanto em síntese, como detalhadamente, é doutrina fundamental, a doutrina da ressurreição de Cristo. Encontra-se por toda a extensão da Bíblia. Nos ensinos dos profetas, nas pregações apostólicas e, de um modo particular, nos ensinos de Jesus que, predissera com antecedências, e até minúcias, em vários de seus elementos importantes. Tudo, porém, cumpriu-se em cada detalhe!

3. Os efeitos de sua ressurreição

No interior do túmulo ocorria outro drama jamais sonhado pelo homem mortal. O corpo jazia inerme. Jesus estava realmente morto (Mc 15.44). O Espírito de Cristo estivera em missão por

outras regiões, a saber, no próprio Hades (1 Pe 3.18,19; 4.6). Agora retornara ao sepulcro. O Espírito de Jesus exerceu seu grande poder, o mesmo poder que exercera durante o seu ministério terreno. Nada pode resistir a esse poder. Subitamente, o corpo se ergue, e põe-se de pé: estava transformado. Agora Jesus era um homem imortal. Nova vida transbordava de cada célula. Cada célula de sua constituição humanizada estava espiritualizada. A vida espiritual permeava todo aquele corpo. A veracidade das Escrituras foi justificada, esclarecida e evidenciada, pois dependiam do fato desta ressurreição (Lc 24.25-46). Foi também a evidência central da divindade de Cristo, da sua exaltação e glorificação.

4. Os resultados da ressurreição

"...Ele não está aqui, porque já ressuscitou!" O que serviu de grande pavor para uns, foi mensagem de notável esperança e poder para outros. A ocorrência da ressurreição emprestou nova perspectiva à visão humana.(2)

Não era mais a visão restrita à pequena distância de uma existência terrena; o horizonte dissolveu-se, por assim dizer, e o homem pôde divisar para além das nuvens, até a glória dourada da vida eterna do mundo espiritual. "Nosso Senhor escreveu a promessa da ressurreição, não em livros tão-somente, mas em cada folha da primavera" (Martinho Lutero). Para nós, a certeza e a esperança da ressurreição de Jesus é sempre nova: "Mas *agora* Cristo ressuscitou dos mortos e foi feito as primícias dos que dormem" (1 Co 15.20). Devemos, portanto, ter em mente este *agora* ligando o hoje do tempo com o amanhã da eternidade; e, assim, proclamar a ressurreição de nosso Senhor como um fato sempre novo! A ressurreição de Cristo foi, e é, a suprema e majestosa história dos evangelhos e da humanidade.

5. O dia e a hora da ressurreição

"E Jesus ressuscitando na *manhã* do primeiro dia da semana... etc." (Mc 16.9a). O trecho de Marcos 16.9 e ss diz-nos que *o primeiro dia da semana* foi o dia da ressurreição de Cristo, embora ali não seja indicado se Ele ressuscitou (ou voltou à vida) pouco antes do romper do dia ou justamente nesta ocasião. As evidências nos dizem que é possível que Jesus tenha ressuscitado bem pouco antes disso, pouco depois das 6 horas e 30 minutos da manhã, ou exatamente às 6 horas em ponto!

O Evangelista Mateus, contudo, parece ligar a ressurreição de Jesus com o aparecimento do anjo e o terror dos guardas, os quais, até então, evidentemente estavam irresistíveis. Quanto ao dia de sua ressurreição, Ele próprio declarou em vários de seus elementos doutrinários que seria "ao terceiro dia". As passagens de Lucas 23.54,56; 24.1, identificam de maneira irrefutável o dia da crucificação do Senhor como tendo sido na sexta-feira, apesar do fato de que alguns intérpretes, no esforço de fazerem Jesus permanecer 3 dias completos e 3 noites (conforme nossa maneira atual de computar o tempo) no "seio da terra", tenham procurado demonstrar que a crucificação teve lugar na quarta-feira (1ª corrente) ou na quinta-feira (2ª corrente).

Porém, não existe qualquer prova de que a palavra "parasceve" ou *preparação* para o dia de sábado possa significar qualquer outra coisa além de sexta-feira. No moderno idioma grego, "parasceve" é ainda a palavra usada para significar a "sexta-feira", o que já vem ocorrendo desde os tempos antigos.

Por semelhante modo, os hebreus chamavam de "parasceve" o dia anterior ao sábado. Outrossim, é muito mas fácil demonstrar como 3 dias e 3 noites não significam necesariamente 3 dias e 3 noites, mas apenas parte de 3 dias e parte de 3 noites inteiras, do que demonstrar que a *preparação* para o sábado seja o dia de quarta-feira ou o dia de quinta-feira. A verdade é que tanto no hebraico como no grego, parte de 3 dias e parte de 3 noites (ou qualquer número de dias e noites) podiam ser consideradas 3 dias e 3 noites, sem qualquer idéia que as pessoas se referiam a dias completos de 24 horas. Portanto, parte da sexta-feira, o dia de sábado e parte do domingo, conforme a terminologia antiga, podiam ser chamadas de 3 dias e 3 noites, apesar que isso possa parecer estranho para muitos ouvidos modernos.

6. As evidências das Escrituras

As Escrituras, pelo menos por mais de dez vezes, afirmam que Jesus ressuscitaria "ao terceiro dia" (Mt 16.21; 17.23; 20.19; Mc 9.31; 10.34; Lc 9.22; 18.33; 24.7; At 10.40; 1 Co 15.4). Segundo o costume do cômputo inclusivo das seqüências do tempo, comum entre as culturas antigas, ao numerar qualquer número de horas, dias, meses ou anos, sempre se incluía nessa numeração o dia em que se fazia a declaração e é obvio que o dia da crucificação de

Jesus deve estar incluído nesse cômputo dos "3 dias".

Jesus queria dizer que ressuscitaria "ao terceiro dia". Assim sendo, segundo esse cômputo à moda antiga, temos a "sexta-feira", o sábado e o domingo.

Na quarta-feira, como ponto de partida para o "terceiro dia", a começar na quarta-feira, dificilmente poderia ser o domingo o dia da ressurreição. Jesus teria de ter ressuscitado na sexta-feira, se a quarta-feira tivesse sido o dia de sua morte.

Na quinta-feira, se tomada como ponto de partida, as circunstâncias seriam, necessariamente, as mesmas.(3)

Se o dia da sua crucificação foi na quinta-feira, conforme tem sido advogado por alguns, Jesus teria ressuscitado no sábado.

Alguns intérpretes, embora em pequeno número, ensinam exatamente isso. As descrições sobre o amanhã da ressurreição parecem indicar que a ressurreição teve lugar bem cedo, como teremos de ver em outras seções deste livro, na manhã do domingo. Talvez, entre 3 horas e 6 horas da manhã. Sendo que as evidências apontam com mais veemência para esta última hora. Não contamos com qualquer declaração específica sobre a hora exata da ressurreição de nosso Senhor.

Entretanto, os textos e contextos entre linhas deixam transparecer que foi um pouco antes das 6 horas (Mc 16.9; Jo 20.1), ou exatamente as 6 horas em ponto, como já tivemos ocasião de expor em outras novas expositivas. De conformidade com os cálculos dos judeus, o domingo teria começado às 18 horas daquele que ainda consideraríamos como o dia de sábado. Portanto, Jesus poderia ter permanecido no túmulo por diversas horas do "domingo", ainda que tivesse ressuscitado tão cedo como a meia-noite de nosso sábado, por exemplo, embora dentro do domingo, segundo a maneira de contar dos judeus.

Assim sendo, ainda que tivesse ressuscitado antes da meia-noite do domingo judaico, Jesus ainda estaria morto no túmulo, no domingo.

Dessa maneira, esteve no túmulo por "3 dias", conforme Ele declarou que ficaria, em vários de seus ensinos proféticos.

7. A semana da crucificação

Voltemos para a semana da crucificação de nosso Senhor, para uma melhor compreensão do significado do pensamento.

"E aconteceu que, quando Jesus concluiu todos estes discursos, disse aos seus discípulos: Bem sabeis que daqui a dois dias é a páscoa; e o Filho do Homem será entregue para ser crucificado" (Mt 26.2).

Cronologicamente falando, Jesus terminou seu discurso escatológico numa terça-feira e, a partir daí, seguiu em direção à cruz, como vítima inocente, para se oferecer à vontade do Pai (Is 53.10). Os acontecimentos que marcaram sua última semana, parecem ser os seguintes:

a) *Domingo*: É ungido em Betânia em casa de Marta, onde estavam seus irmãos: Maria e Lázaro (Jo 12.1-12). João diz que este acontecimento deu-se "seis dias antes das páscoa". Portanto, exatamente no domingo!

b) *Segunda-feira*: Entra em Jerusalém e chora sobre ela (Jo 12.12). Portanto, "...no dia seguinte" (v 12). Mateus e Marcos acham que esta entrada triunfal foi anterior à que temos em Lucas 19.19; João 12.12 e ss.

c) *Terça-feira*: Fez sua despedida no templo pela última vez quando disse: "...não me vereis mais!..." (Mt 23.39). Então acrescenta: "...sabeis que daqui a dois dias [4ª e 5ª feira] é a páscoa" (Mt 24.2).

d) *Quarta-feira*: Os evangelistas não registram nenhuma atividade de nosso Senhor nesse dia. Talvez Ele tenha-o reservado para descanso, a fim de restaurar-se (êx 31.17; Mc 6.31 etc.).

e) *Quinta-feira*: Come a páscoa com os seus discípulos, à tarde, e, à noite, segue com seus discípulos para o Jardim do Getsêmane (Mt 26.20; Mc 14.17; Lc 22.39; Jo 18.1).

O testemunho deixado pelos pais da Igreja, até o terceiro século, é unânime em afirmar que a crucificação teve lugar na sexta-feira. Wordsworth, no The Greek Testament (O Novo Testamento Grego), envolve uma longa lista de nomes dos pais da Igreja que apoiavam a sexta-feira como tendo sido o dia em que Cristo morreu. De fato, da parte dos pais da Igreja, não temos outra data senão sexta-feira. Os antigos pais da Igreja são anteriores aos primórdios da Igreja Católica Romana, pelo que, de forma alguma podemos asseverar que a crucificação na *sexta-feira* foi uma invenção dessa organização.

O testemunho da criação favorece o dia da sexta-feira para tal acontecimento. Quando da criação, Deus trabalhou durante seis

dias (em nossa linguagem: do domingo a sexta), e então descansou. Assim também Cristo trabalhou durante seis dias, e então descansou no dia sétimo, sábado. Isto é, seu corpo repousou em segurança (Sl 16.9; Lc 23.56). A cronologia de Lucas 23.54-56; 24.1, não deixa dúvida alguma a respeito, porquanto ele menciona declaradamente três dias que, pela ordem regressiva estariam assim:

1º) "...E no primeiro dia da semana (domingo), muito de madrugada, foram elas [as mulheres] ao sepulcro...e, entrando, não acharam o corpo do Senhor Jesus". A narrativa diz que neste momento elas foram surpreendidas por dois anjos que lhes disseram: "Não está aqui, mas ressuscitou. Lembrai-vos como vos falou, estando ainda na Galiléia, dizendo: Convém que o Filho do homem seja entregue nas mãos de homens pecadores e seja crucificado, e ao terceiro dia ressuscite" (Lc 24.1,3,6,7).

2º) "E no sábado repousaram, conforme o mandamento" (Lc 23.57). Alguns tentam fazer desse "sábado" um feriado judaico diferente, salientando que, na passagem de João 19.31, ocorre a expressão: "...era *grande* o dia de sábado". Mas esta expressão se deriva do fato de que este dia era o sábado durante o período que sucedia a páscoa, sincronizado como o segundo dia da festa dos pães asmos. A narrativa de Lucas indica que somente um dia de sábado está aqui em foco, por maior que fosse considerado esse dia. Com efeito, o dia de sábado, para os judeus, já era um dia especial. "Lembra-te do dia *do* sábado, para o santificar" (Êx 20.8).

3º) "...E era o dia da *preparação* [parasceve-sexta-feira], e amanhecia o sábado" (Lc 23.54). Isto é, o dia anterior ao sábado, ou sexta-feira, conforme essa palavra significaria até mesmo no grego moderno, sendo usada com esse sentido por todas as páginas do Novo Testamento, onde ela aparece.

8. O dia da crucificação

Devemos novamente voltar nossa atenção, para o dia da crucificação de Jesus, como já o fizemos, semelhantemente, com a última semana de sua crucificação.

O dia da crucificação de nosso Senhor, conforme já tivemos ocasião de ver em outras notas expositivas, foi numa sexta-feira. Os acontecimentos descritos no capítulo 27 do Evangelista Mateus, e outras passagens paralelas dos demais evangelistas, afirmam esta

possibilidade. O dia da crucificação de Jesus tem sido variadamente situado na quarta-feira, na quinta-feira. Apesar de que qualquer desas datas contam com algumas dificuldades, contudo, a sexta-feira, que tem sido tradicionalmente aceita como o dia da crucificação, desde os tempos mais antigos, é a que conta com menor números de objeções, por estar de acordo com o argumento principal das Escrituras. Uma das provas evidentes para expressar o significado do pensamento prende-se à palavra "preparação", conforme nossas traduções correntes apresentam. Isso se alicerça na idéia de que os judeus eram proibidos de realizar qualquer, trabalho manual, como se poderia fazer ordinariamente em qualquer outro dia, tal como o preparo dos alimentos, na antecipação do dia sétimo, ou sábado.(4)

Deus ordenou a Israel, no deserto, que trabalhasse seis dias em sete e, semelhantemente, seis anos em sete (Êx 20.9,10; Lv 25.1-7). A guarda do sábado à risca foi observada por Israel logo no deserto e, por expressa ordem de Deus, um homem foi morto porque apanhava lenha no sábado (Nm 15.32-36). Por isso mesmo é que a sexta-feira era chamada de "preparação", quando havia trabalho duplo, para que nenhum trabalho manual se fizesse no próprio sábado (Êx 16.22-24). Além disso, é digno de crédito que todos os evangelistas dizem-nos que aquele era o dia da "preparação" ou sexta-feira (Mt 27.62; Mc 15.42; Lc 23.54; Jo 19.14,31 etc.).

Por conseguinte, o fato de que o dia da crucificação de Jesus caiu numa sexta-feira, por três vezes, aparece nesta secção do quarto evangelho.

a) *Designição dos termos.* Os termos "sexta-feira" e e "preparação" para o sábado, necessariamente eram expressões costumeiras para os judeus, tal como os termos "Samstag" e "Sonnabend" (Sábado) são sinônimos para os alemães. O ponto de vista de que nosso Senhor morreu numa sexta-feira tem sido mantido por todos os eruditos dignos de nota desde tempos remotos. Na passagem de Marcos 15.42, fica terminantemente esclarecido que Jesus morreu numa sexta-feira: "E, chegada a tarde, porquanto era o dia da *preparação*, isto é, a *véspera do sábado*". Isso o autor deste evangelho registrou, a fim de certificar-se de que seus leitores não-judeus entenderiam que ele apontava para o dia da crucificação, como o dia imediatamente anterior ao sábado, pois leitores gentios talvez não entendessem a expressão "preparação" como designação para um dia particular da semana.

Nas fontes informativas judaicas também encontramos provas sobre o fato de que o Senhor Jesus foi morto no dia da *preparação* ou em nossa linguagem hodierna • sexta-feira • o dia anterior ao sábado daquela semana da páscoa.

Alguns estudiosos pensam que a semana da páscoa, por completa, também era chamada de "sábado", o que talvez explique a expressão: "grande sábado".

b) *Na tradição judaica.* Se o leitor deste livro possui o Talmude (livro de tradições judaicas), verá, então: "Talmude Bab. Sanhedrin" (fol. 43,1 e 67,1); "Toldos Jesus" (p. 18-op.cit). Aquele sábado foi chamado de "grande" (Jor 19.31) por ser o sábado da semana da páscoa e porque também assinalava o primeiro dia da festa dos pães asmos, a qual, apesar de haver ficado inseparavelmente vinculada às celebrações da páscoa, originalmente fora uma observância separada, apesar de sempre ligada à páscoa no tocante à proximidade dessas duas festividades.

Alguns intérpretes, porém, dão maior ênfase, acreditando que, na realidade, aquele dia do sábado foi o segundo dia da festa, e não o primeiro, o que coincidiria, portanto, com a festa dos molhos, conforme é registrado na passagem de Levítico 23.10, que diz: "...Quando houverdes entrado na terra, que vos hei de dar, e segardes a sua sega, então trareis um molho das primícias da vossa sega ao sacerdote: e ele moverá o molho perante o Senhor, para que sejais aceitos ao *seguinte dia do sábado* o moverá o sacerdote".

As evidências proféticas afirmam que nosso Senhor foi crucificado numa sexta-feira e ressuscitou num domingo. Observando Levítico 23, deduzimos que Cristo morreu, de fato, numa sexta-feira, e não na quarta-feira, ou na quinta-feira, como querem alguns.

9. Prova sociológica

Uma outra prova evidente de que Cristo morreu numa sexta-feira e ressuscitou no domingo, prende-se ao fenômeno sociológico do domingo cristão. A decisão de "mudar o dia de adoração" do sábado para o primeiro dia da semana é provavelmente uma das decisões mais importantes jamais tomadas por um grupo de pessoas na história. Isto é mais verdadeiro quando consideramos as conseqüências que, segundo os judeus, resultariam se eles estivessem errados.

Os antigos cristãos eram judeus devotos em sua maioria, fanáticos na observância do "sabbath" (sábado). Os judeus tinham receio de quebrar o "sabbath". Eles criam que incorreriam na ira de Deus se o quebrassem. Entretanto, algo aconteceu que fez com que esses homens e mulheres judeus engajados, virassem as costas a todos os seus anos de tradição e treinamento religioso. Eles mudaram seu dia de "adoração" para o primeiro dia da semana (domingo) em honra da ressurreição de Jesus Cristo. A explicação mais racional para isto tudo é que Jesus Cristo apareceu a eles, após a sua ressurreição, no primeiro dia da semana (Domingo).

A expressão usada na Bíblia, "dia do Senhor", tem, em outras passagens, sentido escatológico. Sendo, que, na passagem de Apocalipse 1.10, relaciona-se com o dia da ressurreição de Cristo.

A expressão em foco, portanto, significa: "o dia da resurreição", de nosso Senhor, visto que, a expressão "Senhor Jesus" só ocorre no Novo Testamento depois da sua ressurreição (Lc 24.3), sendo identificado entre os primitivos cristãos como "o primeiro dia da semana" (Mc 16.9). Para o Cristianismo, o primeiro dia da semana (o domingo), contrasta bastante com o sétimo (o sábado). O sábado recorda o descanso de Deus na criação (Êx 20.11; 31.17); o domingo, a ressurreição de Cristo (Mc 16.1,9). No sétimo dia Deus descansou; no primeiro dia da semana Cristo esteve em atividade incessante. O sábado comemora uma criação acabada; o domingo rememora uma redenção consumada.

Assim, o sábado era um dia de obrigação legal para Israel; o domingo, de culto espontâneo para os cristãos.

O sábado é mencionado nos Atos dos Apóstolos somente com referência aos judeus, e, no restante do Novo Testamento, só duas vezes (Cl 2.16 e Hb 4.4). O sábado era um dia de repouso total para Israel e também para o próprio estrangeiro, que vivia dentro de seus termos; para o crente em Cristo, esse repouso teve lugar no momento que ele aceitou Cristo como Salvador (Hb 4.3).

---

(1) As Evid. da Res. de Crist. J. Mc. D. 1985
(2) O NT Int. v. p. v. R. N. Champlin, Ph, D. 1982
(3) op. cit. R. N. Champlin, Ph, D. 1982
(4) Scofield, Dr. C. I. (Scofield Reference Bible).

15
Cristo Passou três Dias e três Noites no Seio da Terra

1. **Os três dias e as três noites**

Já tivemos ocasião de expor este assunto em outras notas expositivas, no capítulo anterior, porém, para uma melhor compreensão do significado do pensamento, focalizaremos à parte os "três dias e as três noites" em que nosso Senhor passou no "seio da terra" antes de ser levantado dentre os mortos. Vamos ao argumento!

"Pois, como Jonas esteve três dias e três noites no ventre do peixe, assim estará o Filho do homem três dias e três noites no seio da terra" (Jn 1.17; Mt 12.40).

Muitas pessoas questionam a veracidade da afirmação de Jesus na passagem em foco. Então perguntam: "*Como pôde Jesus* permanecer no túmulo três dias e três noites se Ele foi crucificado na sexta-feira e levantado dos mortos no domingo pela manhã?"

A expressão usa-se em outras conexões das Escrituras como sendo idêntica a "depois de três dias" (Mt 27.63). Conforme o costume dos judeus e de outros povos da antiguidade, parte de um dia, no "começo e no fim" de um período, era contado, em casos especiais, como um dia (Et 4.16; 5.1).

A expressão "três dias e três noites" (Mt 12.40), na numerologia profética (no modo geral de dizer "três dias"), significaria "três dias e três noites" (1 Sm 30.12,13); depois de três dias (Mc 8.31; 10.34; Jo 2.19), e "no terceiro dia" (Mt 16.21;

17.23; 20.19; Lc 9.22; 24.7; 21.46). São frases que se usam uma pela outra para significar o período de tempo em que Jesus passou no "seio da terra", desde a tarde de sexta-feira até a manhã de domingo.

Para um estudo mais esmerado do que significa "três dias e três noites" incluindo as noites como equivalentes, vejam-se as seguintes passagens tanto no texto como no contexto de cada pensamento: Gênesis 1.13; 22.4; 31.32; 34.25; 40.12,13,18-20; Êxodo 3.18; 5.3; 8.27; 10.23; 15.22; 19.15,16; Levítico 7.17,18; 9.7; Números 7.24; 10.33; 19.12; 29.20; 33.8; Josué 1.11; 2.16,22; 3.2; 9.16,17; Juízes 14.14; 19.4; 20.30; 1 Samuel 9.20; 20.19; 30.1,12,13; 2 Samuel 1.2; 20.4; 24.13; 1 Reis 3.18; 12.5,12; 2 Reis 2.17; 20.5,8; 1 Crônicas 12.39; 21.12; 2 Crônicas 10.5,12; 20.25; Esdras 6.15; 8.15,32; 10.8,9; Neemias 2.11; Ester 4.16; 5.1; Oséias 6.2; Amós 4.4; Jonas 1.17; Mateus 12.40; 15.32; 16.21; 17.23; 20.19; 27.40,63,64; Marcos 8.2,31; 9.31; 10.34; 14.58; Lucas 2.46; 9.22; 13.32; 24.7,21,46; João 2.1,19,20; Atos 9.9; 10.40; 25.1; 27.19; 28.7,12,17; 1 Coríntios 15.4; Apocalipse 11.9,11.

Algumas pessoas, por desconhecerem a índole das línguas antigas, como o grego e o hebraico, gostam de insistir em que tais palavras devem indicar "três dias e três noites" completos; porém, grande número de citações, extraídas do hebraico, do grego e do latim, provam que tal expressão era usada, nos dias antigos, para significar parte de três dias e parte de três noites, conforme já tivemos ocasião de expor em outras notas, em que uma parte era usada para expressar a totalidade.

A seguinte citação de Jerônimo ilustra essa idéia: "Tenho abordado mais completamente o trecho, sobre o profeta Jonas (1.17), em meu comentário. Direi agora somente que isto [esta passagem] deve ser explicado como o modo de falar chamado sinédoque, quando uma porção representa a totalidade. Não devemos exigir matematicamente que nosso Senhor passou três dias e três noites inteiras no sepulcro, mas sim, parte de sexta-feira, parte do domingo e todo o dia de sábado, o que é apresentado como três dias e três noites."(1)

2. O espaço de tempo

O registro da morte de Cristo e sua ressurreição, como está nos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João, indica que Jesus

foi crucificado e sepultado na sexta-feira, ainda antes do pôr-do-sol, que é o começo do dia seguinte, para os judeus, e ressuscitou no primeiro dia da semana, que é nosso domingo, antes do nascer do sol, ou por ocasião do nascer do sol. Isto coloca Jesus na sepultura parte da sexta-feira, o sábado inteiro, e parte do domingo. Jesus também falou de sua ressurreição em João, afirmando que seria levantado da terra em três dias e não no quarto dia.

O Evangelista Mateus esclarece esse uso idiomático. Depois que os fariseus contaram a Pilatos a predição de Jesus: "...Depois de três dias ressuscitarei" (Mt 27.63c), eles lhe pediram uma guarda para o túmulo "até" o terceiro dia, dizendo: "...Senhor, lembramo-nos de que aquele enganador, vivendo ainda, disse: Depois de três dias ressuscitarei". E depois acrescentaram: "Manda pois que o sepulcro seja guardado com segurança *até o terceiro dia*, não se dê o caso que os seus discípulos vão de noite, e o furtem, e digam ao povo: Ressuscitou dos mortos..." (Mt 27.63,64).

O dr. Josh McDowell nos lembra aqui o seguinte: "Se a frase • *Após três dias* não tivesse substituído a expressão *terceiro dia*, os fariseus teriam pedido um guarda para o *quarto dia*. Muitas vezes a expressão *um dia e uma noite* era a expressão idiomática usada pelos judeus para indicar um dia, mesmo quando somente parte de um dia era indicada, para expressar tal significado do pensamento."(2)

Por exemplo, 1 Samuel 30.12, registra: "...havia três dias e três noites que não tinha comido pão nem bebido água". E no versículo seguinte nós lemos: "...meu senhor me deixou, porque adoeci há três dias!"

Em Gênesis 42.17,18, lemos: "E pô-los juntos em guarda três dias". E logo na secção seguinte lemos: "E ao terceiro dia..." Em outra forma de ver "três dias e três noites" é ter em consideração o método judaico de calcular o tempo.

Os escritores judáicos registraram em seus comentários sobre as Escrituras o princípio que governava o registro do tempo. Qualquer parte do período de um dia era registrada como um dia completo. O Talmud Babilônico relata que "uma parte de um dia é o total dele."(3)

O Talmud de Jerusalém, assim chamado porque foi escrito em Jerusalém, diz, conforme descreve o dr. Artur C. Custance, em seu livro: "A Ressurreição de Jesus Cristo" • 1971: "Temos um ensino • *Um dia e uma noite* são um *Onah* e a parte de um *Onah* é

como o total dele." E fecha: "Um *Onah* é, simplesmente, um período de tempo."

3. O modo de calcular

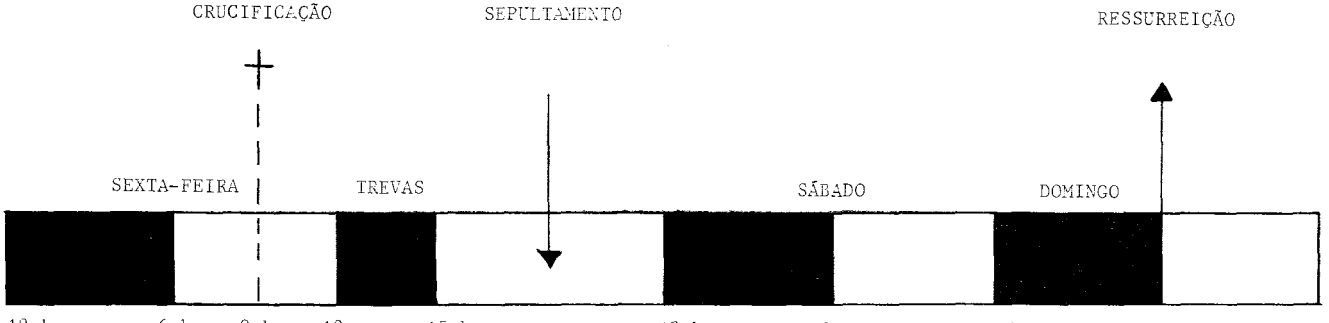
O período de "três dias e três noites" em que nosso Senhor ficou no túmulo pode ser calculado como se segue: Cristo foi crucificado na sexta-feira. Qualquer tempo antes das 18 horas de sexta-feira seria considerado, numa ação retroativa, "um dia e uma noite". Qualquer tempo depois das 18 horas de sexta-feira seria considerado, prospectivamente, "um dia e uma noite". Semelhantemente, qualquer tempo após as 18 horas de sábado até o momento em que Cristo ressuscitou, na manhã do domingo, também seria "um dia e uma noite".

Conforme nosso costume ocidental, muitas vezes usamos o mesmo sentido, com referência ao tempo. Por exemplo, muitos casais esperam que seus filhos nasçam antes da meia-noite de 31 de dezembro. Se a criança nascer às 23h59 min será tratada, para os efeitos do imposto de renda, como tendo nascido a 365 dias e 365 noites daquela data. Isto é verdade mesmo que 99,9% do ano já se tenha passado!

E no período da criação, o primeiro dia começou com a escuridão.

E daí em diante, sucessivamente, cada período de 24 horas foi indicado como "a tarde e a manhã" (Gl 1.5 etc.). Na ressurreição de Cristo, portanto, devem estar presentes todos estes argumentos!

O cômputo inclusivo. Os gregos, os romanos e também os judeus, computavam a passagem do tempo segu ndo o estilo "inclusivo", de maneira que qualquer série que incluísse uma seqüência de tempo, era computada pela inclusão da hora ou do dia que então se passara. No caso deste estilo "inclusivo", seria assim: "Hoje" seria o dia primeiro, e "amanhã" seria o dia segundo, e depois de "amanhã" seria o dia terceiro. O "terceiro dia", por conseguinte, equivale ao nosso "depois de amanhã". Isso se reveste de grande importância, quando nos lembramos do fato de que Jesus ressuscitou "ao terceiro dia", ou seja, segundo nossa maneira de computar a passagem do tempo, ao terceiro dia da sua crucificação. (Consulte o mapa demonstrativo).



No cômputo inclusivo, as noites são retrospectivas (apontam para traz) e os dias são prospectivos (apontam para a frente). Isso se dá, devido ao sistema judaico de calcular o espaço de tempo entre as 18 hs do dia anterior e as 18 do dia posterior. Conforme este sistema, o dia judaico começava as 18 hs (ou seja as 12 hs pela contagem diúrna) quando começava um novo período que era o dia seguinte. Assim a noite da sexta-feira é retroativa: vai das 6 h. da manhã (ou seja a 1ª h. do sistema judaico) até as 18 hs. da quinta-feira, quando tinha início a noite da sexta. A noite do sábado também é retroativa: vai das 6 h. da manhã do sábado até as 18 hs. da sexta-feira, quando teve início a noite do sábado. A noite do domingo é também retroativa: vai das 6 h. da manhã do domingo até as 18 hs do sábado, quando teve início a noite do domingo. Qualquer período de tempo no domingo depois das 6 h. é contado como um todo daquele dia, segundo este cômputo.

4. A mentira dos judeus

"E, quando iam, eis que alguns da guarda, chegando à cidade, anunciaram aos prncipes dos sacerdotes as coisas que haviam acontecido" (Mt 28.11).

É significawtivo observarmos que os soldados da guarda romana dirigiram-se aos membros do Sinédrio para contar o que acontecera. Receavam dirigir-se primeiramente a Pilatos, não porque pudessem ter impedido o que ocorrera, mas porque poderiam ser acusados de terem dormido ou de outra maneira terem negligenciado em seus deveres.(4)

O evangelista Mateus nos informa que, logo que a notícia da ressurreição de Jesus chegou ao Sinédrio, todo o Conselho se reuniu.

Estavam novamente em dificuldade por causa de Jesus. Provavelmente foi uma reunião do Sinédrio. Apelaram novamente para seu costumeiro expediente de falsidade e suborno, conforme haviam feito antes com Judas Iscariostes. Lembremo-nos de que o corpo controlador do Sinédrio, naquele tempo, eram os ricos e socialmente poderosos fariseus e saduceus. Estes controlavam o Templo, a adoração ali efetuada, o seu comércio, e também o governo geral de Israel. A despeito de todas as provas da grande atuação de Deus entre eles, os seus corações permaneciam empedernidos, e, provavelmente, incrédulos. Aqueles soldados, além de se terem sujeitado ao julgamento da incapacidade, do embaraço e da negligência nos deveres, agora se sujeitariam ainda a uma história de estupidez. Teriam de dizer que estavam dormindo. Que vergonha! Isso é de todo impossível, posto que talvez alguns deles tivessem passado a noite anterior sem dormir, entretanto, é impossível terem dormido todos ao mesmo tempo! Outrossim, dormir no posto do dever poderia atrair contra eles sentença de morte, e, por isso mesmo, era algo altamente impossível. Não obstante, somente através de tal circunstância é que alguns poucos pescadores (...), certamente desarmados, poderiam ter furtado um cadáver guardado por soldados profissionais e armados. Estavam dormindo! e no entanto, puderam afirmar que viram homens roubarem o corpo. Como poderiam ter sabido disso, se estavam dormindo? Essa era a maior mentira que poderia ser contada, sob aquelas circunstâncias.

5. O suborno dos sacerdotes

"E, congregados eles com os anciãos, e tomando conselho entre si, deram muito dinheiro aos soldados, dizendo: Dizei: Vieram de noite os seus discípulos e, dormindo nós, o furtaram" (Mt 28.12,13).

Aquelas autoridades religiosas reconheciam o poder do suborno, e, em suas práticas políticas, provavelmente aplicavam esse princípio em seus negócios, com bastante freqüência. Haviam corrompido a Judas Iscariotes com essa prática sombria, e tinham certeza de que aqueles soldados pagões, apesar de alguma notável experiência mística, por causa de sua natureza corrupta, não declarariam a verdade, antes, haveriam de cooperar com eles. Com efeito, a guarda romana foi imediatamente ao sumo sacerdote judeu porque os soldados sabiam que estariam em dificuldades se tivessem ido diretamente a Pilatos. Sabiam que o Rabi judeu influenciaria politicamente o governador romano, e, por isto, foram primeiro a ele em busca de proteção. Isto prova que não era a guarda do Templo que vigiava o túmulo. E sim, a guarda romana.

a) *A Guarda do Templo.* Existiam duas guardas fortemente armadas a Guarda do Templo e a Guarda Romana. A Guarda do Templo era composta por 270 homens que eram distribuídos em lugares diferentes do Templo.

Um grupo de 10 levitas fazia a sepervisão. Enquanto os demais permaneciam postados em seus respectivos lugares. Representavam 27 unidades de 10. A disciplina militar da Guarda do Templo era bastante boa. À noite, se o capitão (At 4.1) encontrasse um membro da Guarda dormindo, ele era açoitado e queimado com suas roupas. Um membro da Guarda também estava proibido de sentar-se ou de se encostar contra alguma coisa quando em serviço.

b) *A Guarda Romana.* No tempo de Jesus existiam várias organizações militares do Império Romano. Sendo que, por exemplo, a prisão de Jesus no Getsêmane foi efetuada pela Coorte (Jo 18.3), que era constituída por 600 homens. Era dividida em 3 manípulos e estes, em 6 centúrias.

Cada centúria, tinha 100 homens e duas centúrias formavam um manípulo. Assim, 3 manípulos formavam a Coorte. Porém, no sepulcro de Jesus não estava a Coorte, e, sim, a Guarda (Mt 27.62-66). Esta, por sua vez, era composta de 100 homens e comandada

por um centurião que, atualmente, corresponde ao posto de capitão. Enquanto que a Coorte era comandada por um tribuno, correspondendo, em linguagem hodierna, ou posto de coronel.

Tucker informa que, quando um soldado se juntava a uma unidade, "fazia um juramento solene de que obedeceria lealmente ao seu comandante em chefe, o imperador, por seus subordinados, seus oficiais. Este juramento era repetido a cada 1º de janeiro e na data comemorativa da ascensão do imperador". Entretanto, desses homens, por demais treinados e fiéis às ordens humanas, se diz: "...eles, recebendo o dinheiro, fizeram como estavam instruídos". Ademais, se os discípulos tivessem roubado o corpo de Cristo, como se explicaria as inúmeras aparições do Senhor pós-ressurreição? Isso seria impossível! Entretanto é possível, porque Jesus ressuscitou!

6. O Sudário de Turim

No ano de 1204, os componentes da Quarta Cruzada tomaram a cidade de Constantinopla (atual Istambul). O historiador Roberto de Clari, falando a respeito, refere-se a um francês, Otto de la Roche, a quem coube como peça de despojo um "lençol" de linho. Esse lençol, que media 1m10cm de largura por 4m36cm de comprimento, tinha uma característica muito especial: Apresentava sinais de sangue e suor.

Depois de longo exame, acabou-se por se distinguir nele, vagamente, os contornos de um corpo de 1m80cm de altura, aproximadamente.

Otto de la Roche levou o lençol consigo para a França. Cento e cinqüenta anos depois, esse pano encontrava-se em Bisâncio, onde era venerado como o sudário (mortalha) de Cristo. Durante um incêndio escapou de ser devorado pelas chamas, conservando alguns vestígios do fogo, e desde então pode-se acompanhar o seu trajeto.

Quando irrompeu a peste em Milão, Carlos Borromeu, que era então bispo dessa cidade, realizou, segundo promessa que fizera, uma peregrinação ao sudário, que fora mandado do Sul da França para Turim, onde se encontra até hoje.

Até o Século V ou VI, o lençol deve ter-se encontrado em Jerusalém. Segundo a mesma tradição, era aquele em que José de Arimatéia, o senador honrado, envolvera o corpo de Cristo, conforme está declarado em João 19.40, que diz: "Tomaram pois o corpo de

Jesus e o envolveram em lençóis com as especiarias..." Essa tradição do lençol de Turim, entretanto, não pode ser considerada uma prova cegamente autêntica.

Ocorre, além disso, existirem mais dois sudários que se afirma serem de Cristo. O mais famoso é o de "Santa" Verônica. Segundo a lenda, a "santa" o entregou a Cristo no caminho do Calvário, recebendo-o de volta com a impressão do seu rosto.

Defendia-se também como autêntica a imagem em poder do rei Abgar V, de Edessa (Antioquia). Mas o teólogo e historiador Chevalier encontrou nos arquivos papais uma prova em contrário, por assim dizer, num documento datado de 1389, cujo texto declara que um artista pintou um sudário desses. Quando isso se tornou conhecido, o sudário de Turim passou a ser considerado uma cópia desse pintor, e assim perdeu aos olhos de quase todos os historiadores o seu valor como possível documento contemporâneo de Jesus.

Aí teria morrido o assunto se, em 1889, não se houvesse renovado o interesse pelo lendário lençol. O progresso da técnica tornou possível a primeira fotografia do sudário de Turim. Foi quando apareceu algo de notável. No negativo da placa fotográfica, as impressões em branco e preto apareceram invertidas, surgindo claramente da obscuridade os misteriosos traços fisionômicos de um rosto.

Técnicos de todo o mundo estudaram a sensacional fotografia. Os peritos em arte, consultados, verificaram, além disso, que a imagem em negativo era surpreendentemente realista, anatomicamente correta. Com efeito, como diferem em todos os homens. Os artistas do princípio da Idade Média certamente não percebiam essas irregularidades. Algumas provas realizadas com pintores demonstravam que nenhum artista era capaz de conceber nem de pintar com exatidão um rosto humano em negativo, tomado do natural.

O sudário de Turim não podia ser uma falsidade: era indubitavelmente a impressão de um rosto humano. Até os peritos em arte, que negavam a autenticidade do lençol admitiam que não era possível pintá-lo em negativo; que ninguém podia realizar semelhante coisa.

Depois dessa descoberta sensacional, os naturalistas começaram também a interessar-se pelo lençol. Grande número de sábios de especialidades diferentes puseram-se a pesquisar. Após

um decênio de estudos, experiências e investigações, os trabalhos chegaram a uma conclusão segura. Existem agora resultados concretos e muito concludentes: Os métodos distinguiram, nas marcas das feridas, que a tela apresentava dois tipos de sangue: sangue saído do corpo ainda vivo. Esses vestígios encontram-se na cabeça, nas mãos e nos pés, e sangue de cadáver procedente da ferida feita no lado do tórax e também nos pés.(5)

Conclusão: As provas do sudário de Turim são paralelas com aquelas que evidenciam com os atos praticados no sepultamento de nosso Senhor Jesus Cristo. Será esse lençol, de fato, aquele que esteve sobre o corpo do divino Mestre (Jo 19.40; 20.5-7)?.

Não devemos aceitar este fato cegamente. Entretanto, não devemos também rejeitá-lo de todo! Guardemo-lo em nossos corações e Deus, no devido tempo tudo esclarecerá (Dt 29.29; Lc 2.19,51 etc.).

Nota do Editor: **Sobre o "santo" sudário transcrevemos na página seguinte a nota publicada pelo "Correio Brasiliense", de 15.10.88. Apesar de provada cientificamente a falsidade da "relíquia", a Igreja Romana continua "venerando" (adorando) o objeto como um "icone" (imagem):**

---

(1) As Evid. da Res. de Crist, J. Mc. D. 1985
(2) op. cit. J. Mc. D. 1985
(3) Idem. 1985
(4) Vie de Jésus. W. 1945
(5) op. cit. W. 1945

Santo Sudário é pano falsificado

Turim, Itália — O Santo Sudário de Turim revelou seu mistério: este pedaço de pano, considerado durante muito tempo pela Igreja como o lenço que envolveu o corpo de Cristo, data na realidade da Idade Média e não será mais venerado pelos católicos como uma relíquia, mas como uma imagem de Jesus.

A Igreja Católica revelou ontem oficialmente que o Santo Sudário — um tecido de 4,36 metros de comprimento por 1,19 de largura, exposto na catedral de Turim — foi fabricado entre 1260 e 1390 depois de Cristo. Os resultados de três laboratórios, de Zurique, Oxford e Tucson (Arizona), responsáveis pelos testes com carbono 14, foram comunicados pelo cardeal Carlo Anastasio Ballestrero, arcebispo de Turim.

A avaliação dos especialistas sobre uma das relíquias mais veneradas e misteriosas do catolicismo pode ser considerada como "digna de fé em cerca de 95 por cento", afirmou monselhor Ballestrero numa entrevista.

Informações mais detalhadas serão divulgadas em breve pelos laboratórios da Universidade de Oxford, da Universidade do Arizona e do Polytecnicum de Zurique numa revista científica sob a responsabilidade do professor Tite do British museum, coordenador do projeto.

A Igreja, afirmou o arcebispo de Turim, "coloca-se nas mãos da ciência para esta avaliação. Não põe em dúvida o resultado, mas reafirma seu respeito e sua veneração a este respeitável ícone de Cristo, que continua sendo objeto de culto dos fiéis".

"O valor da imagem prevalece sobre um eventual valor histórico. A Igreja quer colocar, deste modo, um fim às ilusões gratuitas de caráter teológico no contexto de uma pesquisa única e rigorosamente científica", afirmou.

MISTÉRIO

Contudo, o Santo Sudário continua sendo um objeto misterioso. Quase no fim do século passado foi observada pela primeira vez a impressão sobre a tela de uma imagem em preto e branco. Fotografias tiradas depois revelaram a presença de uma imagem em negativo que representa o rosto de um homem barbudo e de cabelos longos.

A origem desta imagem e sua conservação através dos séculos continuam sem resposta e exigirão outras pesquisas e estudos profundos sobre os quais a Igreja "dará provas da mesma abertura, inspirada no amor à verdade", afirmou o prelado.

Agora, resta-nos saber como esta imagem foi impressa, disse o professor Luigi Gonella, encarregado da coordenação da pesquisa na Itália: "Este ícone apresenta características técnicas absolutamente desconhecidas pelo homem da Idade Média".

"O Santo Sudário é um sinal revelador de um espírito religioso e espiritual, não é uma relíquia, mas uma imagem, um ícone de Cristo no sentido religioso do termo", acrescentou.

"Estou convencido de que se trata de um ícone. É a palavra apropriada em seu sentido litúrgico", concluiu, destacando que o Santo Sudário permaneceu intacto ao contrário da maioria das relíquias, sobretudo os ossos de santos que se encontram em várias capelas, criptas e igrejas.

O Santo Sudário mede 4,36 por 1,10 metros.

É uma peça de linho com marcas indelével e que tem um conjunto de manchas escuras, com a figura, frontal e dorsal de um homem de 1,78 metros. As impressões são regulares e sem deformações, não tendo contornos definidos.

16
As Aparições do Senhor

1. As provas infalíveis

"E Jesus, tendo ressuscitado na manhã do primeiro dia da semana, apareceu *primeiramente* a Maria Madalena..." (Mc 16.9a).

De acordo com as informações dos evangelistas, parece que houve dezessete manifestações do Senhor aos seus discípulos depois de ressurreto, sendo dez por referências diretas; duas por inferência e cinco por dedução. As referências diretas, parecem, segundo os escritores do Novo Testamento, serem as seguintes: cinco no primeiro dia da ressurreição e cinco depois. As sete seguintes estão inseridas na frase "...sendo visto por eles por espaço de quarenta dias".

1º) No domingo: à Maria Madalena (Mc 16.9); às mulheres *de manhã cedo*; (Mt 28.9,10); aos dois discípulos *no caminho de Emaús* (Lc 24.13-25); a Pedro (Lc 24.34); aos onze, *na noite daquele dia* (Mc 16.14; Lc 24.36).

2º) Depois: aos onze, *uma semana depois* (Jo 20.26-31); a sete discípulos *junto ao mar da Galiléia* (Jo 21.1-22); aos onze (num cômputo inclusivo • aos doze) "...e a mais de quinhentos irmãos" (1 Co 15.5,6); a Tiago, o irmão do Senhor? (1 Co 15.7); e finalmente sua aparição e ascensão, em Betânia e no Monte (Mc 16.19; Lc 24.50,51; At 1.3,9).

Um dos mais antigos registros das aparições de Cristo após a sua ressurreição é o de Paulo. O apóstolo apela para o conhecimento que seus ouvintes tinham do fato de Cristo ter sido visto por mais de 500 pessoas de uma só vez.

O dr. Edwin M. Yamauchi, Professor Adjunto de História na Universidade de Miami, em Orford, Ohio, enfatiza: "O que dá autoridade especial à lista de testemunhos, como evidências históricas, é a referência a mais de 500 pessoas, muitas das quais ainda estavam vivas na época em que o fato da ressurreição foi registrado pelos escritores."

O apóstolo Paulo parece desafiar: "Se não crêem em mim, podem perguntar a elas." Uma afirmação deste tipo, em uma epístola reconhecidamente autêntica, escrita no período dos trinta anos seguintes ao evento, é talvez a evidência mais forte que alguém poderia esperar obter, relativamente a um fato ocorrido há quase 2000 anos.(1)

Tomemos essas mais de 500 testemunhas que viram Jesus vivo depois de sua morte e sepultamento e as coloquemos num tribunal. Você percebe que, se cada uma destas 500 testemunhas tivesse que depor num tribunal, digamos, por seis minutos cada uma, incluindo as verificações cruzadas, teríamos um incrível período de 50 horas de testemunhos oculares em primeira mão! Acrescentando a isto o testemunho das muitas outras testemunhas, você teria o maior e mais respeitável documento de um julgamento em toda a história.

2. **A variedade**

Um fato muitas vezes negligenciado é a verdade de lugares e de pessoas envolvidas nas aparições de Jesus durante os quarenta dias após a sua ressurreição. O professor Merril C. Tenney, do Wheaton College, nos Estados Unidos da América do Norte, escreveu que: "É digno de nota que estas aparições não são estereotipadas.

"Nem mesmo duas delas são semelhantes. A aparição a Maria Madalena ocorreu de manhã cedo; aos viajantes de Emaús, à tarde, e aos apóstolos, provavelmente depois do escurecer. Apareceu a Maria ao ar livre. Maria estava sozinha quando viu Jesus; os discípulos estavam juntos, em grupo; e Paulo registra que, em certa ocasião, Jesus apareceu a mais de 500 irmãos de uma só vez.

"As reações também foram variadas. Maria ficou inundada de emoção quando reconheceu que era Jesus; os discípulos ficaram amedrontados; Tomé ficou obstinadamente incrédulo quando lhe

contaram o fato da ressurreição do Senhor, mas adorou-o quando Ele lhe apareceu. Cada ocasião teve a sua atmosfera peculiar e característica, e revelou alguma faceta diferente do Senhor ressuscitado."(2)

Os evangelistas também usam expressões variadas para enfatizar a hora da ressurreição; mas, finalmente, todos concordam com uma hora e local: foi na manhã do domingo, e do túmulo de José de Arimatéia, quando já despontava o primeiro dia da semana (Mt 28.1). Aqui não diz quando "entrava o primeiro dia" que, segundo se diz podia ser às primeiras horas depois das 18 horas do sábado; e, sim, o "despontar do dia". Portanto, o amanhecer! "Ao nascer do sol" (Jo 20.2,16). "Muito de madrugada" (Lc 24.1). "Sendo ainda escuro" (Jo 20.1). Portanto, todos concordam: Jesus ressuscitou, verdadeiramente na manhã daquele dia! E a seguir, começam a surgir as provas através de aparições e manifestações.

3. **A credibilidade**

"Aos quais também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas e infalíveis provas, sendo visto por eles por espaço de quarenta dias..." (At 1.3a).

Três coisas são necessárias para fazer com que um testemunho seja digno de confiança. *Primeiro*, as testemunhas oculares; *segundo*, têm de ser em número suficiente; *terceiro*, têm de ser de boa reputação, se quisermos que o testemunho delas seja recebido como verdadeiro.(3)

Os apóstolos e os irmãos citados se qualificam em todos esses aspectos.

Refere-se repetidamente ao fato de terem sido testemunhas oculares (Lc 24.33-36; Jo 20.19,26; At 1.3,21,22), isto é, não baseavam seus ensinamentos nos relatórios de outras pessoas. Uma vez mais as Escrituras afirmam que havia mais de quinhentos irmãos que viram o Salvador ressurreto (1 Co 15.3-8). O dr. Evans diz que, em nossos tribunais, basta *uma* testemunha para estabelecer um assassínio; *duas*, para alta traição, *três*, para a execução de um testamento; e *sete*, para um testemunho oral; e, acrescenta ele, sete é o número máximo exigido por nossas leis.

E quanto ao caráter dessas testemunhas, basta dizer que nem as Escrituras nem qualquer oponente honrado jamais as atacou na área da ética.

Os próprios inimigos devem ter ido algumas vezes ao sepulcro;

e, sem sombra de dúvida, viram a tumba vazia. As Escrituras nos dizem que a tumba estava vazia. Seguramente, se isso não fosse verdade, alguém teria mostrado que os discípulos estavam enganados: que a tumba não estava vazia.

Outra prova fundamental é que os lençóis do Senhor foram encontrados da mesma maneira que foram postos e em perfeita ordem, e o lenço que envolvera sua cabeça estava intacto, com os mesmos laços, indicando que o corpo não fora removido por forças humanas; e, sim, que saiu do túmulo de maneira sobrenatural.

Depois, o dr. Evans diz: "Se Jesus tivesse ficado sepultado no túmulo, a história de sua vida e morte teria permanecido sepultada com Ele...O Novo Testamento é o livro da ressurreição."

4. A despedida do Senhor

"Ora, o Senhor, depois de lhes ter falado, foi recebido no Céu, e assentou-se à direita de Deus." O testemunho dos apóstolos é unânime em afirmar que Jesus foi recebido no Céu, e assentou-se à direita de Deus (Mc 16.19; Lc 24.51; At 1.9,11; Hb 1.3; Ap 3.21; 12.5). E que antes, tinha dado aos seus discípulos a *grande comissão* de pregar seu evangelho "...a toda a criatura". A grande comissão, assim chamada com toda a razão, porquanto se aplica à Igreja toda, ainda que dada inicialmente aos primitivos discípulos, esboça o caráter geral dos discípulos, seu trabalho e a mensagem que seria as "Boas-Novas" de tudo quanto Jesus é e fez por nós, agora e para todo o sempre. Inclui o "Ide a todas as nações!", o que jamais foi cumprido em sentido pleno no tempo daqueles apóstolos, pelo que fala conosco também.(4)

A Bíblia diz que estas foram as últimas instruções de Jesus aos seus discípulos: "Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a *toda* a criatura!" "E quando dizia isto, vendo-o eles, foi elevado às alturas, e uma nuvem o recebeu, ocultando-o a seus olhos."

A ascensão e a glorificação de Cristo devem ser diferenciadas uma da outra.

Primeiro, por ascensão de Cristo, queremos dizer sua volta ao Céu em seu corpo da ressurreição.

Segundo, por exaltação ou glorificação, queremos dizer o ato do Pai pelo qual Ele deu ao Cristo ressurreto e assunto a posição de honra e de poder à sua própria destra. O escritor da epístola aos Hebreus fala desta glorificação, quando diz: "Vemos, porém,

coroado de glória e de honra aquele Jesus que fora feito um pouco menor de que os anjos..." (Hb 2.9a).

E o apóstolo Paulo fala também disso em Filipenses 2.9: "Pelo que também Deus o exaltou soberamente, e lhe deu um nome que é sobre todo o nome". No decurso dos "quarenta dias" entre a ressurreição de Jesus e sua ascensão, Jesus apareceu 10 ou 11 vezes aos seus discípulos, segundo os relatórios nos Evangelhos, para banir para sempre das suas mentes quaisquer dúvidas à sua continuada existência como pessoa viva. Que experiência maravilhosa, durante aqueles quarenta dias, terem visto Jesus com seu próprio corpo no qual foi crucificado, corpo que ao mesmo tempo estava glorificado; terem conversado com Ele, terem participado de refeições com Ele, terem tocado nele com suas mãos, enquanto Jesus aparecia e desaparecia, surgindo do *nada* através de portas fechadas, e voltando, finalmente para o seio do Pai de onde saíra.

"Jesus pois operou também em presença de seus discípulos muitos outros sinais, que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome." Amém!

***

Quero agradecer aos meus colaboradores nesta Obra Cristológica, como por exemplo:

Dr. Paulo Monteiro • Juiz de Direito, que me auxiliou no Julgamento de Cristo com sua orientação técnica.

Dr. Elias Nunes • Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que tão prontamente me auxiliou nos Fusos Horários, demarcando, assim, em qualquer parte do mundo, a hora em que Cristo morreu e ressuscitou. Ao Pastor Antonio Mardônio que prefaciou este livro.

De uma maneira especial, agradeço ao Pastor Dr. José Wellington Bezerra da Costa, que, na qualidade de Presidente do Conselho Consultivo da ESTEADEB, fez apresentação e recomendação deste livro.

Amém!

---

(1) As Evid. da Res. de Crist. J. Mc. D. 1985
(2) op. cit. J. Mc. D. 1985
(3) O NT Int. v. p. v. R. N. Champlin, Ph, D. 1982
(4) op. cit. R. N. Champlin, Ph, D. 1982

Bibliografia

BAILLIE, D. Deus Estava em Cristo. Editora ASTE, São Paulo, 1964.

BISHOP, J. O Dia em que Cristo Morreu. Editora Rdocord, Rio de Janeiro, RJ, 1977.

BRUCE, F. F. João, Introdução e Comentário. Editora Mundo Cristão, 1ª Edição, São Paulo, SP, 1987.

CANTERA, E. Jesus Cristo e os Filósofos. Melhoramentos, São Paulo, SP, 1938.

DELCUVE, G. Jesus Cristo, Nosso Salvador. Flamboyant, 3ª Edição, Rio de Janeiro, RJ, 1962.

DRANE, J. Jesus, 2ª Edição, Edições Paulinas, São Paulo, SP, 1982.

GRASSO, D. O Problema de Cristo. Edições Loyola, São Paulo, SP, 1967.

HAARBECK, T. Está Escrito (Dogmática Bíblica). Distribuidora Literária União Cristã, 1ª Edição, São Bento do Sul, SC, 1987.

HALLEY, H. H. Manual Bíblico de Halley. Editora Edições Vida Nova, 5ª Edição, São Paulo, SP, 1983.

HERBERT, L. Retratos do Salvador. Editora Vida, 1ª Edição, Miami, 1985.

LABURU, J. A. de Jesus Cristo é Deus? Edições Loyola, 3ª Edição, São Paulo, SP, 1966.

MAURIAC, F. Vida de Jesus. Editora Educação Nacional, O Porto, Portugal, 1937.

MCDOWELL, J. As Evidências da Ressurreição de Cristo. Editora e Distribuidora Candeia, 1ª Edição, São Paulo, SP, 1985.

NEUWAHL, R. G. Quebrando o Solo. Editora Milenium, 1ª Edição, São Paulo, SP, 1979.

PAPINI, G. História de Cristo. A Tisi e Cia. Editores, São Paulo, SP, 1924.

PEARLMAN, M. Conhecendo as Doutrinas da Bíblia. Editora Vida, 6ª Edição, Miami, 1977.

PETERSON, H. R. Estudo Sobre Marcos. Casa Publicadora Batista, 1ª Edição, Rio de Janeiro, RJ, 1962.

PAASSEN, P. V. Por que Morreu Jesus? Edição do Autor, São Paulo, SP, 1952.

RADIUS, M. Deus Conosco (A Vida de Jesus). Editora Fiel Ltda, 1ª Edição, São Paulo, SP, 1974.

RENAN, E. Vida de Jesus. Lello e Irmão Editores, O Porto, Portugal, S/D.

ROPS, D. H. A Vida Diária nos Tempos de Jesus. Editora Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1ª Edição, São Paulo, SP, 1983.

SCOFIELD, Dr. C. I (Scofield Reference Bible). Editor Bíblico, Michigan, 1843.

SPEIDEL, K. A. A Sentença de Pilatos, Edições Paulinas, 2ª Edição, São Paulo, SP, 1982.

STRAUSS, D. F. Nova Vida de Jesus. Livraria Chardron, O Porto, Portugal, 1907.

STALKER, J. A Vida de Cristo, Imprensa Batista Regular, 1ª Edição, São Paulo, SP, 1970.

SILVA, S. P. da. Apocalipse "Versículo por Versículo". CPAD, 6ª Edição, Rio de Janeiro, RJ, 1989.

SILVA, S. P. da. A Doutrina da Predestinação. CPAD, 1ª Edição. Rio de Janeiro, RJ, 1989.

SILVA, S. P. da. Daniel "Versículo por Versículo". CPAD, 3ª Edição, Rio de Janeiro, RJ, 1987.

SILVA, S. P. da. Escatologia • Doutrina das Últimas Coisas. CPAD, 1ª Edição, Rio de Janeiro, RJ, 1988.

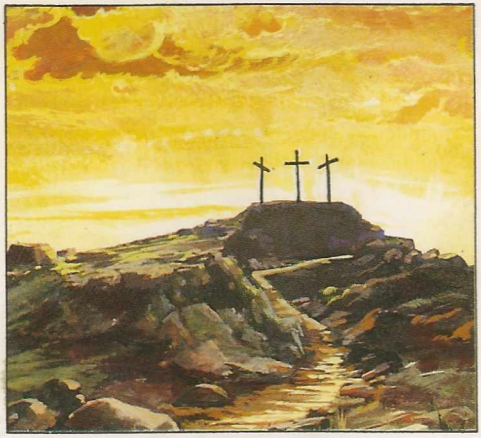
SILVA, S. P. da. O Homem • Corpo, Alma e Espírito. CPAD, 1ª Edição, Rio de Janeiro, RJ, 1988.

SILVA, S. P. da. Os Anjos, Sua Natureza e Ofício. CPAD, 1ª Edição, Rio de Janeiro, RJ, 1987.

SILVA, S. P. da. Quem é Deus? CPAD, 1ª Edição, Rio de Janeiro, RJ.
THIESSEN, H. C. Palestra em Teologia Sistemática. Imprensa Batista Regular, 1ª Edição, São Paulo, SP, 1987.
DAVIS, J. D. Dicionário da Bíblia. Editora JUERP, 11ª Edição, Rio de Janeiro, RJ, 1985.
PACER, J. I. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1ª Edição, São Paulo, SP, 1983-85.
SHEDD, R. P. O Novo Dicionário da Bíblia. Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1ª Edição, São Paulo, SP, 1983.
KEYES, N. B. História Ilustrada do Mundo Bíblico. De Seleções do "Reader's Digest", 1ª Edição, Brasil, 1959.

É confortante degustar as palavras contidas em cada capítulo deste livro, no qual se sente o vívido sabor de espiritualidade e inspiração divina. Os assuntos foram bem pesquisados e são os mais apropriados para compor um tratado de Cristologia. Numa linguagem de fácil assimilação, nos é mostrado o dia-a-dia da vida terrena de Cristo, desde seu nascimento até sua ascensão ao Céu, onde focaliza a perfeita integração de suas duas naturezas que o faziam, ao mesmo tempo, Deus e Homem.

Antonio Mardonio N. Vieira



Severino Pedro da Silva
Ministro do Evangelho, bacharel em Filosofia e Teologia, autor dos livros Daniel, versículo por versículo; Apocalipse, versículo por versículo; Os anjos, sua natureza e ofício; Escatologia, doutrina das últimas coisas; O homem: corpo, alma e espírito; O crente e a prosperidade; e A doutrina da predestinação. *Membro da Academia Evangélica Brasileira de Letras.*

Esteadeb